

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPH

IGOR MARCONI

**A REBELIÃO DE CHIAPAS: DIMENSÕES DA MEMÓRIA DO EXÉRCITO
ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM 1994**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MARINGÁ – PR
2020

IGOR MARCONI

**A REBELIÃO DE CHIAPAS: DIMENSÕES DA MEMÓRIA DO EXÉRCITO
ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM 1994**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Cultura e Política.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira

**MARINGÁ – PR
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

M321r

Marconi, Igor

A rebelião de Chiapas : Dimensões da memória do Exército Zapatista de Libertação Nacional em 1994 / Igor Marconi. -- Maringá, PR, 2020.
136 f.tabs., maps.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

1. EZLN - Ejército Zapatista de Liberación Nacional (México). 2. Chiapas (México) - História - Revolta camponesa, 1994. 3. Memórias zapatistas. I. Moreira, Luiz Felipe Viel, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 972.083

IGOR MARCONI

**A REBELIÃO DE CHIAPAS: DIMENSÕES DA MEMÓRIA DO EXÉRCITO
ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL EM 1994**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História, Cultura e Política.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira
Orientador

Prof.^a. Dr.^a. Marcela Cristina Quinteros
Membro Convidado (UFMS)

Prof.^a. Dr.^a. Meire Mathias
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)

**MARINGÁ – PR
2020**

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que lutam por um mundo melhor. A força da coletividade que se dá na (re)existência como propósito.

AGRADECIMENTOS

São várias as pessoas que tornaram possível a concretização desta pesquisa. Agradeço primeiramente minha companheira Nathália por toda a energia durante a realização do trabalho. Pela compreensão das noites e finais de semanas focados na pesquisa, bem como por acreditar em mim, especialmente nos momentos em que eu mesmo desacreditava.

Agradeço aos meus pais, Cacilda e Dionízio, e aos meus irmãos, Raul e Hugo, pela vida e por me fazerem ser quem sou. Vocês são especiais e me deram todo o suporte que precisava e, por isso, podemos nos chamar de família.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Felipe Viel Moreira e às várias discussões sobre a pesquisa. Por enxergar e me mostrar caminhos que apenas a experiência e a maturidade intelectual poderiam trazer e em compreender as dúvidas que me surgiam. Uma amizade que se construiu e deve permanecer com o tempo.

Agradeço às professoras Dr.^a Marcela Cristina Quinteros e Dr.^a Meire Mathias pela participação nas bancas de qualificação e de defesa. Os apontamentos foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa e a tornaram mais coerente, com toda a certeza.

Agradeço aos colegas de turma de pós-graduação e aos amigos. As várias discussões em sala de aula e fora dela foram suplementos importantes para a vida e para as concepções de mundo que apenas o compartilhamento das experiências faz possível.

Agradeço também à Universidade Estadual de Maringá, em especial ao Programa de Pós-Graduação em História pelo compromisso com a ciência em momentos conturbados como este que vivemos. Universidade pública, gratuita e de qualidade que merece todas as honrarias de uma Instituição de excelência.

Por fim, agradeço a todos os sem rosto zapatistas que continuam a lutar contra *la bestia* e por disponibilizarem o material necessário a este trabalho por meio do arquivo histórico digital. Um espinho que incomoda e perfura o estômago da monstruosidade capitalista.

RESUMO

Qual a relação da memória com os propósitos e projetos de um movimento social mexicano como o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)? Com este questionamento inicial, esta pesquisa busca estabelecer uma leitura sobre as diversas facetas e dimensões da memória na constituição de um projeto político zapatista em Chiapas, especificamente com o ano de 1994. Neste sentido, o trabalho foca-se na leitura dos documentos disponibilizados no arquivo histórico e digital do EZLN, selecionando o ano de 1994 como base. Ano de importância ímpar na história política contemporânea do México ao estabelecer o vigor do Tratado de Livre Comércio com a América do Norte (NAFTA), a realização das eleições presidenciais em agosto, a crise econômica em dezembro e, concomitantemente, o início do conflito entre governo federal e zapatistas em Chiapas. Dessa forma, compreende-se que a articulação entre narrativas, testemunhos e a memória foi essencial para o EZLN estabelecer uma vinculação com o passado indígena e nacional mexicano, formular uma identidade zapatista, focada nas perspectivas de dignidade e sacrifício, envolvida na cultura indígena, e uma utopia ou projeto futuro partindo das condições socioeconômicas de Chiapas e da reinterpretação dos conceitos de democracia, liberdade e justiça para alcançar a autonomia e a paz a partir de oximoros como “mandar obedecendo” e “para todos todo, nada para nosotros”.

Palavras-chave: EZLN, memória, zapatistas, Chiapas, 1994.

ABSTRACT

What is the relation between memory and the purpose and projects of a mexican social movement as the Zapatista Army of Nacional Liberation (EZLN)? With this quote, the research aims to establish a perusal of the memory dimensions linked to the build of a zapatista political project in Chiapas, specifically in 1994 year. The thesis uses the documents present in the historical and digital archive of EZLN, selecting the ones of 1994. The year reflects a unique moment of the contemporary political history of Mexico because of the aplly of North American Free Trade Area (NAFTA) in January, the presidential elections in August, the economic crisis in December and, at the same time, the conflict between zapatistas and the mexican government in Chiapas. Therefore, the articulation of narrative, testimony and the memory was essential to the EZLN to inherit the mexican indigenous and national past, to create a zapatista identity that uses the idea of dignity and sacrifice involved with the indigenous culture, and to formulate a utopia or project of future starting from the socioeconomic conditions of Chiapas and the reinterpretation of occidental concepts of democracy, liberty and justice to reach the autonomy and peace using the oxymoron “mandar obedeciendo” or to rule obeying and “para todos todo, nada para nosotros”, everything to all, nothing to us.

Keywords: EZLN, memory, zapatistas, Chiapas, 1994.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO 1: O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO PASSADO	21
1.1 MEMÓRIA INDÍGENA	23
1.2 MEMÓRIA NACIONAL	36
2. CAPÍTULO 2: O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO PRESENTE	49
2.1 O(S) SUJEITO(S) ZAPATISTA(S)	52
2.2 ENTRE INDÍGENAS, CONTOS E IDENTIDADES	69
3. CAPÍTULO 3: O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO FUTURO	89
3.1 DEMANDAS MATERIAIS	92
3.2 DEMANDAS E SIGNIFICAÇÕES POLÍTICAS	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
FONTES CITADAS	127
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Este trabalho começou a ser pensado em 2017, no contexto de recente ruptura institucional no Brasil, bem como do avanço conservador em toda América Latina. Em contrapartida a este cenário, o questionamento mais básico e inicial da pesquisa era entender caminhos de luta tomados por movimentos sociais contemporâneos mundo afora. Compreender as possíveis ações nos embates com o novo projeto civilizador, uma ordem mundial imposta desde a década de 1990. Justamente no momento em que se anunciava o “fim da história” e a morte das utopias, a radical contraposição ao neoliberalismo entra em cena, em 1994, com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Isso se deu numa região tão longe de Deus e tão próxima dos EUA, como diz o ditado popular local. Era o México, cujas elites políticas haviam aproximado o país de forma umbilical às políticas econômicas do grande vizinho do Norte. O EZLN, assim, constituiu-se no objeto desta investigação.

O EZLN irrompe no cenário político mexicano em primeiro de janeiro de 1994 após dez anos de existência na clandestinidade. Localizado na Selva Lacandona¹ do Estado de Chiapas², tornou-se opositor armado do governo federal. De 1994 a 2000, a estratégia zapatista fundava-se em crescer politicamente e aprovar na esfera legislativa uma mudança no quadro administrativo do Estado, dando valor legal à autonomia das comunidades ao mesmo tempo em que formava grupos de autodefesa territorial. Com a aprovação da reforma constitucional sobre os direitos indígenas em abril de 2001 e o rechaço da mesma pelo movimento, destacando a deturpação dos acordos da Comissão para a Concórdia e Pacificação (COCOPA) que se firmaram após os diálogos ocorridos entre governo e zapatistas em San Andrés Larrainzar em 1996, a estratégia zapatista passou por colocar em vias próprias a autonomia nas comunidades³. Nesse sentido foram criadas as Juntas de Bom Governo (JBG), sedes administrativas locais, e os Caracóis zapatistas, de nível regional⁴.

Com as JBG e a separação entre os setores civis e militares zapatistas em termos de administração do território rebelde, o movimento buscou expandir-se politicamente em nível nacional. Foi entre 2005 e 2006 que o EZLN lançou *La Otra Campaña*, ação que buscava

1 Vide mapa 2 em anexo, p. 132.

2 Vide mapa 1 em anexo, p. 131.

3 EZLN, 29 abr. 2001. A referência completa das fontes citadas se encontra ao final. Os documentos estão dispostos em ordem cronológica.

4 EZLN. 21.jul. 2003.

articular a comunicação com outras organizações nacionais, a troca de experiências e o estabelecimento de bases de apoio aos zapatistas fora do território chiapaneco⁵. Após a criação de uma rede de movimentos sociais de mais de quinze mil membros, atuantes nos 32 Estados do México, o EZLN parte para uma estratégia de avanço em nível internacional⁶. Neste sentido, são criadas em 2013 as *escuelistas zapatistas*, que tinham como objetivo um programa de inserção de intelectuais e membros de movimentos sociais do mundo todo ao território rebelde para serem inseridos e ensinados sobre a vida nas comunidades zapatistas⁷.

Apesar de o México se voltar a uma política de esquerda com a eleição de López Obrador como presidente da República em agosto de 2018, os zapatistas continuaram com a estratégia de distanciamento das vias institucionais, mesmo com a escolha de María de Jesús Patricia Martínez – indígena de origem Nahuatl – como *vocera* do Congresso Nacional Indígena (CNI) e possível candidata a presidente, objetivo que não fora alcançado devido às determinações legais para o tipo de candidatura independente⁸. E rechaçaram a promessa de Obrador como um candidato da conciliação de classes, por não o enxergarem como representante das vontades do movimento⁹. Como parte do processo de resistência do movimento – que misturava as JBG, os Caracóis, a rede nacional e a expansão internacional, além de uma guerra de baixa intensidade contra o Estado mexicano e as *guardias blancas* ou milícias treinadas pela polícia chiapaneca – o EZLN rompe, em 17 de agosto de 2019, o cerco militar existente no entorno do território rebelde e estabelece 43 novos centros em rebelião¹⁰.

É com tais propósitos que a mensagem do EZLN é criada. Uma mensagem que abarca a continuidade da luta antissistêmica e anticapitalista em busca de uma autonomia global integral. Uma narrativa para propagar a mudança à esquerda do poder, isto é, a revolução popular. Uma comunicação que está ligada ao processo de testemunho e narrativa sobre a história do EZLN a partir do próprio movimento. Neste sentido se dá a criação e organização do arquivo histórico zapatista, repositório este que se estabelece virtualmente a partir de 2005 e, desde então, é voltado a contar a história e a divulgar as ações dos rebeldes de Chiapas em seus próprios termos, em sua própria voz.

Desta forma, o questionamento inicial da pesquisa surgiu com a abordagem desse arquivo. As fontes clamavam por uma significação dos sentidos da produção do mesmo, da

5 EZLN, 30 jun. 2005.

6 ROJAS, 2017, p. 75.

7 EZLN, 17 mar. 2013.

8 EZLN, 28 mai. 2017; EZLN, 16 mar. 2018

9 EZLN, 20-22 ago. 2018.

10 EZLN, 17 ago. 2019.

constituição da narrativa como parte do processo de construção da história zapatista e da manutenção de uma resistência ao mundo ocidental, neoliberal e corporativo que se instituiu na rememoração dos acontecimentos passados. A memória se fez parte essencial da pesquisa pelos aspectos de um arquivo – mesmo que em suporte digital – isto é, que seleciona, cataloga, lembra, esquece, ignora. Se a maior parte das fontes se constituía de relatos ou documentos organizados pelo movimento, como parte de seu testemunho, a abordagem deveria passar pela concepção da memória.

E que memória seria essa? Quais dimensões dessa memória estariam presentes nas fontes? Como observá-la, então, enquanto um arquivo histórico? É fato que o arquivo histórico – além de digital – fora reconstruído em uma nova página da internet em 2005¹¹. Dessa maneira, estabelecia-se uma nova configuração dos comunicados do movimento para além do papel e também na grande capacidade comunicativa da internet. Assim, não se tratava exatamente de recriar todos os documentos, mas de reorganizá-los. Quem poderia ser responsável por esse processo?

Revisando as fontes, procurando vestígios nos caminhos de uma investigação, não foi possível encontrar um único responsável, mas algumas aproximações são coerentes. Não se pode falar do arquivo histórico sem entendê-lo no contexto da formação, para o EZLN, de uma campanha pautada na Sexta Declaração da Selva Lacandona. Lançada em 30 de junho de 2005, a declaração – já em um histórico de importância em documentação desde a Primeira em janeiro de 1994 – registrava o lançamento de uma expansão das ações zapatistas para formar uma conexão com outras organizações políticas de esquerda, principalmente no México, enviando delegações e formalizando contatos. Um momento em que setores vários, como intelectuais, partidos políticos, movimentos armados, representavam, para a ideia zapatista, enquanto unificação, uma perspectiva de mudança¹².

Neste entremeio, de junho a novembro de 2005, o arquivo histórico foi reorganizado e lançado em um novo endereço eletrônico, o [enlacezapatista](#)¹³. É possível que a ação tenha levantado uma quantidade importante de técnicos e membros do EZLN que não aparecem nos documentos, mas que registraram, tanto no período de 1994 quanto em 2005, a importância do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral (CCRI-CG) enquanto liderança zapatista. O Comitê formado majoritariamente por indígenas chiapanecos representa

11 EZLN, 25 nov. 2005.

12 EZLN, 30 jun. 2005.

13 EZLN, 25 nov. 2005.

a maior expressão dos zapatistas e assina, nos documentos, todas as decisões tomadas pelo grupo. Se é possível identificar tal liderança nas personalidades do Major Moisés, atual porta-voz do EZLN, ou da Comandanta Esther, com seu emblemático discurso no Congresso Nacional em 2001¹⁴, ou da Comandanta Ramona, uma das primeiras mulheres na formação do EZLN e que não falava espanhol, ou do Comandante Tacho, figura central nas negociações entre governo e EZLN, também é possível notar o importante papel de protagonista do subcomandante insurgente Marcos, atual subcomandante insurgente Galeano¹⁵.

Da totalidade dos documentos de 1994, a grande maioria é assinada por Marcos. Seja nos comunicados que escrevia, nos poemas e histórias que relatava ou nas entrevistas que concedia, o subcomandante inegavelmente detém parte central da memória do movimento. As próximas páginas poderiam, certamente, apenas descrever a memória de um personagem do EZLN, como uma biografia. Mas as reflexões levaram a um outro resultado. Se Marcos – como foi e de certa forma ainda é – representava tamanha importância enquanto figura histórica, não se pode estabelecer que um movimento social da magnitude do EZLN tenha nascido da mente de apenas um homem. E, ainda, que tenha sobrevivido tanto tempo e passado por tantas dificuldades sem atuar coletivamente.

Dessa forma, a figura de Marcos é compreendida como um tradutor, como um mediador, como uma liderança que, advinda dos setores urbanos, era capaz de compreender aspectos importantes da revolução – como o trabalho político, as ferramentas do Estado ou a história nacional mexicana – e, durante os anos de formação do EZLN, de entender e fazer parte de um mundo diverso, rural, indígena e com suas próprias maneiras de existir. Enquanto dupla-tradução, portanto, Marcos era capaz de apresentar à cidade a vida no campo e vice-versa. Nas palavras dele mesmo, mostrar o porão ao restante da casa que era o México¹⁶.

Como ação de uma fonte que se transforma em digital, é preciso compreender que sua existência é de ordem material, isto é, ela é registrada como papel e então virtualizada em recurso binário, em texto digital. Os documentos existentes no arquivo histórico do EZLN até 2001, assim, possuem registros nos tomos do livro *EZLN: Documentos y Comunicados*, publicados de 1994 a 2003, que se focam nas fontes produzidas diretamente pelo movimento ou nas hemerotecas dos jornais *La Jornada*, principalmente, mas também *Proceso*, *El Financiero* ou *Tiempo* das quais são reproduzidos no arquivo histórico¹⁷.

14 EZLN, 28 mar. 2001.

15 EZLN, 25 mai. 2014.

16 Em referência ao documento EZLN, 22 set. 1994.

17 EZLN: documentos y comunicados. Vol. 1-5. México: Ediciones Era, 1994-2003.

Essa transformação em suporte digital, entretanto, não se aproxima da particularidade da digitalização e não é imune a mudanças na estrutura do texto bem como nas próprias palavras. Digamos que o processo se assemelha, em partes, à ação dos monges medievais que copiavam e reproduziam os documentos, em especial a bíblia, e por culpa ou dolo alteravam partes dos mesmos. Como aspecto de um arquivo histórico, essas transformações impactam na observação da fonte, que deve levar em conta a pessoalidade do documento e a ruptura com a estrutura inicial. Uma publicação jornalística possui sua própria organização enquanto um conjunto – o jornal – e todo o espaço direcionado a uma manchete representa partes do interesse da editoração, algo que se perde no processo de transcrição ao meio digital e passagem ao formato HTML, representando novos interesses, agora daqueles que transcrevem.

Inseridos na atualidade de uma sociedade de reprodutibilidade técnica e de uma extensa vontade de memória e arquivamento, os meios digitais não apenas expandiram a capacidade de utilizar ferramentas de leitura de banco de dados e de acesso a arquivos geograficamente distantes, como estabeleceram interações com os documentos que poderiam marcar uma transformação no ato de ler e escrever a história¹⁸. Nesta pesquisa, dessa forma, tentou-se observar as fontes em suas particularidades – enquanto digitais, reprodutíveis, em HTML e com os seus dados – mas também em seu conjunto – enquanto arquivo histórico.

Para isso, tomou-se o cuidado de arquivar os documentos em um espaço *off-line* e que estivesse reproduzindo o conjunto das fontes. Neste processo, foi escolhido o formato *Portable Document Format* (PDF) que tem como característica congelar os dados de um HTML em um formato único que comporta a manutenção da estrutura textual, os hipertextos e links existentes – o conjunto de metadados, portanto – e fixá-los em uma forma rígida e irreduzível de arquivo¹⁹. Foi útil a essa pesquisa, ainda, na busca pela verificação dos arquivos, a comparação com as mesmas publicações encontradas e disponibilizadas através do projeto *Wayback Machine* (WM).

Organizado por Brewster Kahle, o arquivo e sítio eletrônico lançado em 1996 – archive.org – possui mais de dois petabytes de dados, com capturas de informações e arquivamento de páginas da internet através de uma imagem (ou *print*) de um sítio eletrônico em data e hora específicas, disponibilizados então para consulta pública. Esta ação marca o congelamento cronológico e serial de todos os dados de um endereço eletrônico e pode-se

18 CHARTIER, 2002, p. 11-32.

19 BRASIL, NASCIMENTO, 2020, p. 196-219.

dizer que o WM é um grande arquivo digital da web. Nesse processo foi possível comparar os documentos do arquivo histórico zapatista em momentos diferentes no tempo e perceber que, apesar da alteração de layouts e formatos do sítio eletrônico, os dados brutos, isto é, aqueles que continham o texto escrito e que foram utilizados como fonte, continuaram os mesmos, com a diferença da inclusão de comentários ao final dos documentos que formavam uma interação entre a comunidade externa e o movimento – um tipo de *blog*.

A memória como processo é existente em qualquer ser humano e constitui uma função cerebral básica. Mas em termos sociais e políticos, a memória atua em sentidos diversos. Para um movimento social, estabelecer um vínculo sobre uma vontade coletiva representa, por diversas vezes, sua própria existência²⁰. Dessa forma, a memória dos sujeitos que se envolvem em um movimento social precisa estar minimamente próxima para estabelecer uma ligação, um sentimento de pertencimento, de fazer parte do grupo. Se é possível estabelecer uma diferenciação entre o lembrar e o ser, a aproximação de tais atos formula espaço de interatividade, nas palavras de Joël Candau:

Se a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais (...) que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança.’²¹

O envolvimento da identidade e da memória na constituição dos sujeitos pelas características que estabelecem, como através da antropologia cultural de Candau, formula uma retroalimentação: se o ser é uma representação, o lembrar é uma habilidade inata que reforça o sentido característico das relações culturais na individualidade e particularidade das pessoas. “Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade”²², isto é, mesmo que não seja possível observar por completo a memória dos sujeitos ou ainda estabelecer exatamente o que lembram – já que o relato/a narrativa é uma construção particular da memória – resta saber se ao menos algumas partes desses relatos ou aquilo que é material, que pode ser observado, é compartilhado pelo grupo.

Nesse sentido, pode-se dizer que a existência da memória do EZLN enquanto movimento rebelde mexicano e de base social indígena, pautada no compartilhamento das

20 GOHN, 1997, p. 250-255.

21 CANDAU, 2011, p. 19.

22 CANDAU, 2011, p. 19

representações políticas em relação à conquista da América, contrário ao modelo neoliberal de Estado, anticapitalista e que almeja a autonomia, são considerações da memória coletiva, isto é, se fazem presentes nas perspectivas de parte considerável dos rebeldes e da base social zapatista. Essa condição da memória dá corpo ao movimento, como estabelece os resultados das políticas adotadas pelo EZLN. É em consulta às bases sociais entre março e junho de 1994 que foi redigida e publicada a Segunda Declaração da Selva Lacandona em 10 de junho de 1994, rechaçando as promessas do governo nos diálogos de fevereiro em San Cristóbal de Las Casas²³.

Se as fontes observadas deram base a uma retórica holística²⁴, foi também a partir delas que se concretizou uma relação da memória e a identidade na distinção entre passado, presente e futuro. Uma relação memorial, portanto, que está em constante aproximação com o tempo, com as narrativas e com as classificações. Lembrar é criar um passado linear, próximo ou distante, e remetê-lo como parte da história pessoal e que reflete as vontades do presente²⁵. Mas também é esquecer, selecionar, recriar, satisfazer necessidades. Neste caso, enquanto parte do estudo de um movimento social, o lembrar também é o justificar e o agir sobre o presente para um futuro.

Neste sentido, falar de memória é apresentar uma discussão sobre tempo e temporalidades. Enquanto parte do processo de rememorar, o passado se torna uma formação mental, uma criação de herança, de vínculo com os antepassados. Esse vínculo é criado por uma história comum, pelo pertencimento dos sujeitos a essa mesma história. Nesse processo, a memória não apenas unifica o grupo sob um mesmo pretexto, mas compartilha uma mesma identidade sob parâmetros gerais, como uma ancestralidade ou uma família, e expressa uma ação do presente sobre um futuro.

A memória, portanto, abarca as dimensões do tempo em sentidos variados. Enquanto estabelece a forma que os sujeitos pensavam em um determinado espaço e tempo, a relação com a fluidez da memória em termos de oralidade ou de escrita se determina pela criação do que foi o passado e do que deve ser o futuro. Nas mentalidades, portanto, a memória se envolve com a criação de expectativas que se baseiam nas experiências existentes. Se esse

23 EZLN, 10 jun. 1994.

24 Nas palavras de Candau, a retórica holística é a ação de generalizar compreensões da memória para constituir um coletivo, desde que seja possível de se verificar uma base de sustentação. Nesse sentido, não se pode alcançar a memória de cada um dos participantes do movimento em 1994 e estabelecer uma totalidade e exatidão dos resultados, mas se pode considerar que há um compartilhamento de memórias que estabelecem uma relação entre os sujeitos para a consideração de seu passado e de sua identidade. (CANDAU, 2011, p. 21-58)

25 CANDAU, 2011, p. 85-91; ROBIN, 2016, p. 31.

passado é constantemente criado e interpretado, possui um futuro que é parte integrante dessas mesmas interpretações, ou seja, se os sujeitos, envolvidos em um movimento social, estabelecem a leitura de um passado que lhes é hereditário, criam no presente uma identidade que compartilham sob o pretexto da rebelião, também estabelecem um projeto futuro, definidas como parte da narrativa do movimento que envolvem as experiências e as narrativas que possuem²⁶.

Como parte da abordagem da memória, ainda, é preciso estabelecer minimamente um espaço de interpretação da narrativa. Enquanto testemunho, a memória percorre as proximidades com a sociedade e a cultura que a envolvem. Neste sentido, não se pode negar que a narrativa do passado pautada na memória é também um relato que se envolve com a pessoa que o cria, suas experiências pessoais e concepções de mundo. A narrativa como representação estabelece na memória um marco de objeto histórico que deve ser observado a partir das inúmeras relações que estabelece em todos os aspectos da vida humana.

Com isso, por fim, a pesquisa utiliza-se do conceito de cultura política como forma de estabelecer um sentido geral do compartilhamento de ideias pelos zapatistas as quais dão sentido à rebelião. Esse compartilhamento envolve os princípios filosóficos na cultura, nos significados das práticas sociais, nos símbolos e concepções, a memória em todas as suas dimensões – seja no passado e na herança, no presente e na identidade ou no futuro e na esperança – e as relações de poder e da política, como a própria esfera de compreensão dessa política. O conceito, portanto, é compreendido como uma resposta dos sujeitos aos problemas políticos de seu presente e sempre em relação a sua cultura²⁷.

Ainda, a compreensão do cultural no político abarca entender em que sentidos as ações políticas se envolvem com as perspectivas culturais, em especial nas próprias disputas pelo poder que, inseridos em termos coletivos, representam o controle sobre aspectos da prática política. A determinação do que é a política, nos limites da sociedade, demonstra uma consideração própria dos significados e representações que são construídos coletivamente, isto é, se há uma naturalização da política como o significado da passagem do poder da sociedade a representantes, a participação efetiva da população fica limitada na escolha desses sujeitos e, portanto, ausente da prática da arena de disputas políticas²⁸.

26 LE GOFF, 2013, p. 28.

27 BERSTEIN, 2009, p. 29-46.

28 ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 25.

De fato, o que se percebe no EZLN é que há uma tentativa de se alterar os significados e as práticas políticas no México. Essas práticas, definidas como parte da narrativa do movimento, possuem início – no arquivo histórico – no ano de 1994. Este ano, portanto, é significativo por se tratar de uma espécie de origem da revolução zapatista. Além disso, é sobre este momento que existe um registro mais abundante na memória do movimento: da totalidade dos documentos presentes no arquivo até 29 de maio de 2019, mais de 12% são de 1994. Em termos quantitativos, trata-se do segundo ano que mais possui documentos. Pode-se falar de um ano que não apenas inicia em primeiro de janeiro, com a tomada de San Cristóbal de Las Casas e com a entrada em vigor do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), mas está interligado a todo o contexto da década de 1990, ao avanço do neoliberalismo e à constituição da história do EZLN. Neste sentido, as considerações que o movimento abarca em 1994 em seus documentos já apontam para os significados de democracia, liberdade e justiça que são pedra angular dos zapatistas até a atualidade.

A base da pesquisa, portanto, foi o arquivo histórico do EZLN, disponível para consulta através da internet no endereço eletrônico enlacezapatista.ezln.org.mx. Neste arquivo estavam presentes, até a data de 29 de maio de 2019, 1747 documentos organizados por data e como página da web, isto é, em *HyperText Markup Language* ou “HTML”, linguagem de sistema passível de leitura por meio de navegadores. Em termos de recorte, a pesquisa foi aprofundada sobre um momento histórico específico, o ano de 1994. Enquanto parte da organização do arquivo do movimento por data, decidiu-se por observar os 220 documentos presentes como publicações do referido ano. Apesar de se tratar de um recorte analítico, a justificativa é estabelecer uma condensação do processo histórico do início da rebelião chiapaneca contra o Estado mexicano e, especialmente, de observar a narrativa constituída pelo movimento sobre os processos ocorridos naquele ano.

A escolha de 1994 representa a compreensão do movimento sob o momento de explosão da rebelião, em como muitas das ações, métodos e perspectivas do EZLN ainda se mostravam sob uma base revolucionária particular que é alterada ao longo do tempo, que passa a criar uma força política específica que agrega outros setores da sociedade mexicana e tenta organizar uma frente política própria. O ano de 1994 é notório justamente pelo fato de que marca na história contemporânea do México a entrada em vigor do NAFTA, a eleição para o cargo de presidente da República em agosto da qual Ernesto Zedillo (PRI) sai vitorioso, a crise da estrutura democrática centrada no Partido Revolucionário Institucional

(PRI), o assassinato de Luis Donaldo Colossio, então candidato a presidente pelo PRI, o início da crise econômica com a desvalorização do peso mexicano conhecida como “Efeito Tequila” e, ao mesmo tempo, de conflito político-ideológico-militar entre o governo e as forças zapatistas.

Para suprir a proposta apresentada nestas linhas, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro, pretende-se considerar o espaço de formulação de uma memória em referência ao passado. Peculiaridade da condição de rememorar, a atuação do movimento zapatista é a de estabelecer uma vinculação direta com os acontecimentos passados nacionais e institucionalizados, mas os transformando com a inserção de uma história indígena que abarca desde o período da colonização, isto é, ressaltando como parte de uma narrativa *olvidada* a presença do grupo social formativo do movimento.

Nesse sentido, pretende-se mostrar no decorrer do primeiro capítulo como o zapatismo chiapaneco ressignifica a memória mexicana e dos atores sociais e políticos, como os revolucionários do início do século XX, mas também o grupo social de gerência – os indígenas – e, portanto, formula um passado-herança, uma linha sucessória que cria continuidades entre os zapatistas localizados em Chiapas em 1994, os maias do Yucatán e os zapatistas revolucionários da década de 1910, especialmente na figura de Emiliano Zapata e sua representação enquanto personagem histórico e mítico. É aqui que se observa a constituição da linearidade da memória no passado, na condução da narrativa como parte da essência do zapatismo.

No segundo capítulo, busca-se compreender em que sentido a memória atua e se envolve com os processos do presente. Nesta teia de envolvimento, a narrativa constituída pelo movimento na perspectiva do passado-herança conduz à criação de um sentido social e político na atualidade, legitimando a rebelião, ao menos para a narrativa do movimento, como saída excepcional, última e única. Nesse processo interativo, o presente formula a criação de uma representação de si e suas interações com os passados, estabelecendo motivos para a rebelião.

É neste espaço, então, que se procura observar os contextos e os sujeitos que se envolvem pela proximidade memorial, isto é, por um presente-identidade que estabelece a razão de existir do movimento social, que dá sentido à luta empreendida e que ressignifica os valores culturais e políticos do presente, questionando os espaços desses valores na institucionalidade. Uma significação que traz o compartilhamento das considerações políticas,

da identidade e do pertencimento do grupo em relação aos seus ancestrais, os mortos, e nas representações que são feitas sobre esse mesmo passado a partir do presente.

Por fim, em um terceiro momento, percebe-se que, ao mesmo tempo em que há uma vinculação com o passado e a criação de um sentido ao presente, projetos futuros são estabelecidos com objetivos e finalidades próprios. Neste processo, não há apenas a condição de uma utopia indígena, mas também o desenvolver de uma cultura política que se liga aos movimentos da esquerda latina, em especial os guerrilheiros e a história indígena mexicana, e formulam, em um caldeirão efervescente de temporalidades e experiências, as perspectivas de legitimação que representam a projeção política zapatista em 1994.

Procura-se entender como os projetos estabelecidos no período de 1994 marcam uma relação da ideologia/projeto com a memória e a identidade, isto é, em como, para além da condição única da expressividade política, as lutas como movimento antissistêmico e anticapitalista remontam aos espaços das experiências e respostas coletivas aglomeradas no zapatismo sobre um futuro-experiência, o projeto de superação característico da herança e identidade que os rebeldes chiapanecos formulam nesse ano.

É dessa maneira que esse mesmo futuro destaca os significados dados à própria condição da política, especialmente na formulação dos sentidos criados sobre conceitos liberais como democracia, liberdade e justiça que são apresentados pelos zapatistas como parte de sua proposta de autonomia e de política ao México, ou seja, o movimento não se vê apenas como um rebelde em troca de dinheiro ou recursos materiais, mas como um movimento que quer alterar o significado da política almejando a participação popular, a coletividade e os controles sociais do político por meio de plebiscitos, por exemplo. Trata-se de alterar a política pela sua significação, pela raiz do sentido que possui, pela determinação do que ela é.

CAPÍTULO 1

O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO PASSADO

Lembrar é, inegavelmente, um ato humano. Não que os animais não o façam, mas a relação que nós, seres humanos, estabelecemos com a memória é um fator social e cultural que envolve as menores ações tomadas. Sentimentos e emoções são ativados pela lembrança, da mesma forma que reviver os acontecimentos, à maneira como são lembrados, envolvem um passado que, temporal e mentalmente, está sempre presente. Essa interface relacional, com a qual a psicanálise pavimenta caminhos da genealogia do pensamento humano, é marcada, porventura, pela historicização – à maneira mais logicamente estabelecida na disciplina da História – do pensamento humano e das maneiras e diálogos que nós estabelecemos com esse passado memorial.

“O passado não é livre”, afirma Régine Robin. Nem o poderia ser. Ajustado, moldado, criado, recriado, representado ou anulado, é também parte significativa do presente no qual “estamos prontos para lutar, para estripar o vizinho em nome da experiência anterior de seus ancestrais”²⁹. O *continuum* desse passado não se configura unicamente como uma possibilidade útil, como uma simples ferramenta categoricamente controlada pelos sujeitos, mas é parte fundante da temporalidade que está/acontece marcada nos costumes, nas práticas, na hereditariedade e também nos corpos³⁰.

Observar esse passado que não cessa, que constantemente bate à porta, coloca em primeiro plano mais que a temporalidade ou, para os historiadores, os vestígios do homem em um espaço e tempo. Essa profundidade da memorização, da Mnemósine, que se representa enquanto a personificação grega filha de Urano e Gaia, ressalta a discussão do tempo presente, isto é, que se configura em relação a um passado, mas que está em vigor, é estabelecida enquanto ação da atualidade, das disputas que acontecem e também que pautam os sentidos de um projeto de futuro, marcado pelas experiências e ideologias do passado e do presente.

29 ROBIN, 2016, p. 31.

30 Como é observável com o esquecimento relacionado ao fim da Segunda Guerra no Japão, presentes memorialmente, todavia, nas marcas e consequências das bombas nucleares como a esterilidade, mutilação ou doenças genéticas. Para mais detalhes, ver o livro de Yoshikuni Igarashi, 2011.

Para o zapatismo de Chiapas³¹, dessa forma, as temporalidades e a complexidade dessas relações envolvem não apenas a memorização, as propagações históricas ou as disputas por uma vinculação ao passado revolucionário marcado pelos acontecimentos do início do século XX no México³², mas também uma identidade mexicana, um ser mexicano que é, ao mesmo tempo, herdeiro pré-colombiano/indígena e guerrilheiro latino-americano/rebelde. As representações, não apenas como imagens discursivas, envolvem-se na intensidade da prática cultural das comunidades estabelecidas na Selva Lacandona e nos contatos com a célula guerrilheira das Fuerzas de Liberación Nacional (FLN).

O EZLN, para além de perspectivas que observem a glorificação do passado, estratégia já presente no movimento operário³³, por exemplo, estabelece estruturas temporais que marcam a fusão de condições da memória: vincula-se ao passado indígena, ao marcar a cultura e a defesa dos espaços de identidade e classe sem mistificar o presente e o futuro, isto é, se propõe enquanto sujeito do presente que rejeita o projeto de futuro formulado pela dominação globalizante; e põe em pauta a esperança da superação do capitalismo, marcada, assim, na esfera da reorganização do próprio passado³⁴.

É nessa articulação de mentalidades que o movimento estabelece um sentido aos processos iniciados no ano de 1994. Para o zapatismo chiapaneco, constituir um vínculo histórico com um passado indígena e revolucionário articula a razão de existência e a compreensão de que a via armada não é apenas uma vontade prática, mas uma herança mexicana. Neste capítulo, portanto, busca-se apresentar como o EZLN faz leituras memoriais sobre os processos nacionais e indígenas, destacando não apenas uma lógica ferramental do discurso, mas estabelecendo uma vontade que se exprime política e ideologicamente sobre a história mexicana.

O capítulo é dividido em dois momentos: primeiro é estabelecida leitura dos documentos que envolvem mais claramente uma memória indígena, pautada na etnicidade e

31 Faço uma distinção que tem como objetivo evitar possíveis confusões: utilizarei os termos “zapatismo”, “zapatismo chiapaneco”, “zapatismo de Chiapas”, “neozapatismo” para fazer referência à organização do EZLN e distingui-la daquela liderada por Emiliano Zapata no início do século XX ou ainda outras organizações do México, como a Organización Campesina Emiliano Zapata (OCEZ). Essa distinção tem como objetivo e justificativa reforçar que, apesar de algumas proximidades práticas, a busca pela legitimação histórica e a constante referência ao processo revolucionário, o EZLN possui história e contexto próprios.

32 Refiro-me à Revolução Mexicana de 1910.

33 O trabalho de Edward Palmer Thompson sobre os “Costumes em comum” (1998) e as turbas na Inglaterra do século XVIII é emblemático para se pensar a construção da consciência de classe dos movimentos urbanos do país nos setecentos enquanto resistência à inserção das relações capitalistas.

34 ROBIN, 2016, p. 53.

nos aspectos culturais e tradicionais dos grupos sociais de tronco maia; e a segunda parte, uma memória que extrapola o âmbito local e regional para se vincular aos processos nacionais marcados na coletividade mexicana, especialmente a Revolução de 1910 e o Exército Libertador do Sul, em especial a figura de Emiliano Zapata.

1.1 MEMÓRIA INDÍGENA

Para o Exército Zapatista de Libertação Nacional e sua base social, o passado de conquista da América e de resistências indígenas faz parte do escopo de significação da rebeldia em Chiapas. Nesse sentido, o reavivar das narrativas étnicas a partir da história mesoamericana formula um contexto de ascensão das perspectivas autonomistas dos povos originários na América Latina³⁵.

O movimento se utiliza de uma linguagem direta e marcante para explorar o sentido histórico indígena, dando ênfase aos aspectos de resistência ao longo dos 500 anos da América após a chegada dos europeus. Nesse processo, a categorização de uma identidade que se expressa sobre esse passado formula uma linha contínua de interação que marca a memória e sua referência: não se trata de contar uma história, mas lembrar, reviver as ações que se expandem por sobre a história do México e dos povos originários em relação a esta história.

A memória que se firma, para o EZLN, é uma memória que está em acordos e desacordos com as observações que são produzidas no século XX sobre os indígenas, isto é, dentro dos limites também da forma que a mexicanidade, o ser mexicano, a identidade nacional, são formulados através de seu passado pré-colombiano.

Como vanguarda na América Latina, a criação do Instituto Nacional Indigenista (INI) em 1951 no México trazia para o âmbito das políticas públicas a reorganização dos espaços indígenas no país e nas perspectivas institucionais que se pautavam, nesse momento, por um arquétipo de solução que previa a consideração histórica da população etnicamente indígena e também as soluções a serem construídas na configuração de um México moderno. Nessa proposta, assim, são formuladas políticas que envolvem processos teóricos e práticos na

35 Neste sentido, Pablo Davalos (2005) aponta que o EZLN, bem como outros movimentos sociais que se envolvem com as características étnicas da América Latina no Equador e na Bolívia, representam um novo momento das lutas de resistência indígena. Vale destacar, ainda, que a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho realizada em Genebra em 27 de junho de 1989 – Sobre Povos Indígenas e Tribais, abre espaço institucional e político para os movimentos latinos com carga étnica indígena.

organização do que seria o problema indígena, as atitudes oficiais que se envolviam com o grupo social ameríndio³⁶.

A política de afirmação de uma identidade étnica perpassava a consideração de uma teoria ampla que se desenvolvia sobre a América Latina e significava o desenvolvimento econômico, social e político da região dentro de uma perspectiva reflexiva, isto é, para alcançar o desenvolvimento dos países europeus ou dos Estados Unidos, as nações subdesenvolvidas deveriam tê-los enquanto modelos e almejar as mesmas trajetórias históricas/econômicas/políticas.

Nesse sentido, a teoria do desenvolvimento ou desenvolvimentismo estabelecia um México que, grosso modo e para meados do século XX, deveria fomentar o avanço econômico e regional das comunidades indígenas, inserindo-as nas práticas ocidentais capitalistas, na expansão da produção de bens de consumo e produtos primários e na articulação de uma economia de mercado, compreendida enquanto ação econômica de compra-venda-lucro de mercadorias. Nesse processo, as comunidades indígenas mexicanas se viam diante de processos impositivos de políticas nacionais que desarranjavam os modelos produtivos tradicionais e a própria organização interna das comunidades³⁷.

Além da constituição da política pública de integração forçada, o mesmo movimento de criação do INI fomentava uma reorganização da memória e narrativa histórica sobre a participação dos povos pré-colombianos na formação da identidade nacional que já se colocava em disputas anteriores no bojo do Estado Nacional mexicano, com a consolidação de um “México Profundo” da Revolução de 1910 que previa, agora, a categorização da identidade nacional através do grupo social mestiço, isto é, que configurava a construção de um México e do mexicano como uma mistura entre os mundos indígena e espanhol. A constituição dessa profundidade, dessa maneira, articulava, para o espaço da Revolução de 1910, a apresentação da realidade de um país majoritariamente rural e vinculado ao âmbito agrícola no início do século XX para as elites urbanas. A perspectiva dessa realidade mexicana fomentava, ainda, uma paridade com os contextos de 1910 e 1994: a demonstração de que a percepção sobre as regiões marginalizadas e rurais por parte dos governos e dos centros urbanos estava distante dos fatos³⁸.

36 ANDREO, 2010, p. 35-38; NOLASCO ARMAS, 1970, p. 66-94.

37 ANDREO, p. 55-57

38 NOLASCO ARMAS, 1970, p. 66-68

A constituição dessa categoria de mestiço enquanto grupo dominante da nacionalidade mexicana previa a configuração de uma homogeneização que abarcasse a integração dos demais componentes étnicos nacionais ao espaço identitário. Dessa forma, não apenas enquanto processo de concepção de uma narrativa alusiva e gloriosa dos povos originários, a constituição de uma identidade mestiça rígida, inflexível e nacional criava um embate contraditório para o presente: se o México era produto do envolvimento de grupos diversos biológica e socioculturalmente na formação do mestiço/da mestiçagem, em que os povos indígenas resistentes à dominação europeia tiveram carga importante nesse processo, a proposta política nacional previa, agora, a incorporação dos demais grupos étnicos no presente para esta identidade. Resumidamente: se o indígena do passado era vangloriado e alçado à base da nacionalidade, o do presente constituía-se em um problema social.

Nesse sentido, o EZLN, enquanto movimento social de base indígena, articula expressividades memoriais que formulam uma tentativa de repensar a lógica das políticas mexicanas que se viam nas demandas de integração nacional dentro do âmbito da modernidade. Esse processo de colocar em voga e destaque um conflito armado, para além dos sentidos práticos que constituem as demandas do movimento, representam a busca por uma vontade revolucionária que abarque, em si, a narrativa histórica sobre as populações indígenas dentro da temporalidade presente, isto é, que não somente está envolvido em uma existência longínqua e superada pela mestiçagem, mas (re)existente nas mais diversas regiões do México.

Assim, a rebelião de Chiapas não apenas se demonstra um movimento localizado, mas pretende repensar a identidade nacional, a constituição de uma memória que, no processo, é tomada pelo EZLN enquanto parte fundante e ativa do que se é o zapatismo de 1994. A Primeira Declaração da Selva Lacandona, documento publicado em primeiro de janeiro de 1994, o primeiro a se tornar público, expõe as estruturas dessa ação coletiva indígena:

Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España encabezada por los insurgentes, después por evitar ser absorbidos por el expansionismo norteamericano, luego por promulgar nuestra Constitución y expulsar al Imperio Francés de nuestro suelo, después la dictadura porfirista nos negó la aplicación justa de leyes de Reforma y el pueblo se rebeló formando sus propios líderes, surgieron Villa y Zapata, hombres pobres como nosotros a los que se nos ha negado la preparación más elemental para así poder utilizarnos como carne de cañón y saquear las riquezas de nuestra patria sin importarles que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y

democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos.³⁹

A articulação de uma demanda histórica, marcada pela expressão de uma existência distante temporalmente, não só exprime um embate direto para com a ideologia da mestiçagem, da modernidade⁴⁰ e da homogeneidade nacional através do chamado à integralização, como também busca trazer ao movimento o pertencimento a uma história mexicana marcada na memória coletiva do país. Nesse sentido, a tomada dos movimentos armados e de resistência – ao menos os mais presentes na narrativa histórica mexicana – enquanto parte da fundação do EZLN e de seu sentido de existência opera na formação da linhagem memorial do movimento.

Ser uma expressão histórica, nas palavras do movimento, traz ao sentido da Declaração um movimento de hereditariedade/herança aos processos de rebeldia nacionais. Ser produto de 500 anos de lutas articula a demanda histórica da identidade nacional mexicana à memória coletiva que abarca desde o processo de conquista, passando pela Independência, a Revolução de 1910 e o presente chiapaneco.

Dentro da demanda da continuidade aportada, o movimento percebe em sua estrutura discursiva a criação de dicotomias históricas que explicam e legitimam, na perspectiva memorial existente na coletividade nacional, a rebelião. De um lado, a estrutura do corpus nacional mexicano, em voga, baseia-se na concepção de invasores, estrangeiros, porfiristas e, de maneira direta, daqueles que concebem os problemas reais de um México real, distante do observado na condição da imagem internacional construída pelo governo federal⁴¹.

De outro lado, todavia, os homens pobres como Emiliano Zapata e Francisco “Pancho” Villa, personagens históricos da Revolução de 1910 que, nas palavras do EZLN, surgiram em contrário a um governo que negava à população a aplicação de reformas justas, ou seja, aproximando-se da perspectiva da formação do México moderno, calçada sobre os sentidos políticos da Revolução, as demandas populares foram objetivadas em uma luta

39 EZLN, 01 jan. 1994.

40 Criada como um processo de conflito entre o europeu e o americano – ou chamado índio – no qual há o encobrimento deste em favor daquele não apenas no sentido de conquista ou violência, mas de propagação do controle social, político, econômico e cultural das populações nativas da América e compreendidas enquanto gentios, ingênuos, infantes, crianças. A modernidade é, dessa forma, para Dussel (1994), um mito, uma justificativa da colonização enquanto processo de pilhar, ocupar e controlar o território inventado (enquanto parte da Ásia) e posteriormente descoberto (desconhecido aos europeus) da América.

41 Uma condição almejada pelo governo de Salinas de Gortari na perspectiva de assinar o Tratado de Livre-Comércio e levar o México ao “primeiro mundo”. Neste processo, o questionamento do EZLN parte, também, para a observação sobre o que seria o México real, existente, prático, em lugar da imagem vendida pelo governo.

armada e prolongada que marcou a vida nacional. Assim, dentro dos objetivos expressos na primeira parte da Declaração, é possível perceber a constituição da representação memorial que abarca a identificação de atributos históricos que, para a vontade do EZLN, organizava a legitimidade do primeiro de janeiro de 1994.

O mesmo sentido memorial é passível de observação na continuidade do documento. Para o EZLN de 1994, que se tornava público e dava sentido à prática da violência rebelde colocada em vigor, a apelação histórica ao passado continuava a estabelecer vínculos e distanciamentos com a memória coletiva mexicana que, para o movimento, formulava identificações com a mentalidade nacional do contexto:

Pero nosotros HOY DECIMOS ¡BASTA!, Somos los herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad, los desposeídos somos millones y llamamos a todos nuestros hermanos a que se sumen a este llamado como el único camino para no morir de hambre ante la ambición insaciable de una dictadura de más de 70 años encabezada por una camarilla de traidores que representan a los grupos más conservadores y vendepatrias. Son los mismos que se opusieron a Hidalgo y a Morelos, los que traicionaron a Vicente Guerrero, son los mismos que vendieron más de la mitad de nuestro suelo al extranjero invasor, son los mismos que trajeron un príncipe europeo a gobernarnos, son los mismos que formaron la dictadura de los científicos porfiristas, son los mismos que se opusieron a la Expropiación Petrolera, son los mismos que masacraron a los trabajadores ferrocarrileros en 1958 y a los estudiantes en 1968, son los mismos que hoy nos quitan todo, absolutamente todo.⁴²

As expressões dicotômicas se envolvem na história política mexicana dos últimos 50 anos. Para o EZLN, o Partido Revolucionário Institucional (PRI), no controle da política nacional há mais de 70 anos, é tratado enquanto representante de um grupo social que está em contrário aos desejos da população em geral. São os “conservadores y vendepatrias”, aqueles que se preocupam mais com os ditames da economia que com as mazelas sociais. Neste sentido, a vinculação da identidade do partido com os grupos rejeitados politicamente na memória mexicana formula o chamado às armas. Para o EZLN, são os mesmos grupos que, em momentos do passado, atuaram em contrário a todas as benfeitorias históricas do México e os movimentos organizados, desde a Independência, a Revolução, até o massacre dos estudantes em Tlatleloco, Cidade do México, em 1968.

Em sentido inverso, o movimento parte de uma predisposição histórica oposta. São o EZLN e os zapatistas que se marcam enquanto “herederos de los verdaderos forjadores de nuestra nacionalidad”. Essa condição de legitimidade memorial, portanto, estabelece a formação de uma proposta de nacionalidade própria, de compreensão da identidade mexicana

42 EZLN, 01 jan. 1994.

– dentro das mentalidades de 1994 – que extrapola a ideologia da mestiçagem. Assim, a declaração de guerra que o documento propõe é também a declaração de um conflito que abarca dois âmbitos memoriais: a disputa sobre a vinculação e legitimidade histórica dos dois grupos que, inicialmente, são os personagens ativos do processo, o EZLN e o governo federal; e um conflito ideológico e de mentalidades que se envolve, para o movimento, numa ação “contra el olvido”⁴³, isto é, contra o silenciamento/desaparecimento histórico dos indígenas, chiapanecos e minorias exploradas⁴⁴.

No desenvolver do conflito, as referências e buscas memoriais tornam-se espaço sempre presente na documentação em arquivo. Em verdade, na fala do subcomandante Marcos⁴⁵, porta-voz e liderança militar do movimento, respondendo a um entrevistador do periódico L’Unitá em 4 de janeiro de 1994, na cidade de San Cristóbal de Las Casas, entende-se que “los indios siempre han vivido en guerra porque la guerra hasta hoy ha sido siempre contra ellos, mientras que ahora será para los indios y será para los blancos”. A guerra a que faz referência é justamente uma guerra que abarca as dificuldades materiais de um Estado que se traduz em índices expressivos de analfabetos, falta de saneamento básico e altas taxas de mortalidade.

Para citar alguns dados: em 2006, segundo o Consejo Nacional de Población (CNP), no Estado de Chiapas, 78,14% da população vivia com até dois salários-mínimos; 42,76% não completaram o ensino primário ou, 21,35%, eram analfabetos; 25,90% das residências não possuíam água tratada; além disso, 58,46% da população vivia em localidades com menos de 5.000 habitantes, o que dificulta o acesso a serviços básicos de saúde e educação. A situação não era muito diferente nos anos anteriores, sendo que a conclusão do relatório afirma que “este fenómeno tiende a persistir en el sur del país”. Apesar da miséria, Chiapas continua sendo um dos Estados mexicanos com maior quantidade de recursos naturais, responsável por

43 A referência é parte dos discursos do movimento na formulação de seu sentido de existência. A guerra “contra el olvido”, nas palavras do Comandante Tacho em entrevista a Yvon Le Bot, é a busca por uma paz que seja, em verdade, plena e verdadeira, e não uma paz do silenciamento, da injustiça, da morte, da mentira e do apaziguamento. (LE BOT, 1997, p. 98-100).

44 É neste sentido, por exemplo, que o movimento toma como ação a contrariedade ao conjunto de políticas neoliberais colocadas em vigor a partir da década de 1980, compreendendo que, para citar um caso, o Tratado de Livre Comércio e a alteração do art. 27 da Constituição federal pelo governo em 1992, colocando fim à propriedade coletiva dos *ejidos*, são formas de destruir a tradição e cultura dos povos originários que possuem uma maneira própria de compreender e relacionar-se com a terra.

45 Atualmente Subcomandante Insurgente Galeano, é o nome de Rafael Sebastián Guillén Vicente, nascido em Tampico, Estado de Tamaulipas em 19 de junho de 1957. Chegou a lecionar na Universidade Autónoma Metropolitana (UAM) entre 1979 e 1984, onde também teria criado laços com o grupo das Forças de Libertação Nacional (FLN). Apesar de tudo indicar que Marcos/Galeano foi Rafael, o subcomandante não confirmou tal afirmativa. (ASSIS, 2013, p. 26-37; EZLN, 09-10 fev. 1995)

mais da metade da produção de energia hidrelétrica do país (55%), maior produtor nacional de café e quarto maior em âmbito mundial⁴⁶.

Mas também uma guerra que é constituída por discriminações, violência e assassinatos. “La represión para los indoamericanos existe desde hace 500 años. Usted posiblemente piensa en el tipo de represión de los gobiernos sudamericanos. Pero para los indios este estilo de represión es pan de todos los días”⁴⁷. Como cotidiano, a banalização do processo repressivo perante as comunidades indígenas enquanto constituição da prática política é ressaltado especialmente a partir da década de 1980, quando o governo estadual, liderado por Absálon González (1982-1988), apontava para uma tática de supressão de movimentos sociais através da violência física que se destinava a favorecer rancheiros e donos de terras da região.

A característica de remarcar uma violência do processo de conquista também se aproxima dos movimentos de comemoração dos 500 anos da “descoberta” da América. Em 1992, segundo relata Marcos, a decisão da guerra foi tomada pelas comunidades de Chiapas, logo após a manifestação Xi’Nich e a derrubada da estátua de Diego de Mazariesgos em San Cristóbal de Las Casas⁴⁸. Através de votação aberta e pessoal nas assembleias comunitárias, o fim da perspectiva institucional e pacífica colocava em vigor uma vontade de superar, também, a condição de cidadãos de segunda categoria a que historicamente os indígenas se viam categorizados.

A repressão existente, portanto, não é somente uma repressão prática que levou as comunidades indígenas a uma alta marginalização, mas uma repressão cultural/colonial. Dessa forma, a estrutura de embates de mentalidades e narrativas formula uma perspectiva sempre ressaltada de resistência indígena, como é detalhado no documento de 6 de janeiro, período do conflito aberto com o governo federal:

Las tácticas militares que empleamos no fueron aprendidas de la insurgencia centroamericana, sino de la historia militar mexicana, de Hidalgo, Morelos, Guerrero,

46 NIGRI, 2009, p. 28-40.

47 Por uma questão de proximidade histórica, a referência do subcomandante Marcos aos governos ditatoriais do Cone Sul se dá no sentido da compreensão de uma repressão que abarque aprisionamentos, torturas e mortes de dissidentes políticos, como observado nos diversos relatos dos “Nunca más!” na Argentina, Chile, Uruguai e Brasil. Todavia, a aproximação das realidades dos grupos políticos contrários aos governos militares, para Marcos, é uma representação própria da ditadura priísta em vigor no México e da opressão a que são submetidos os povos indígenas de Chiapas. (EZLN, 04 jan. 1994).

48 Ação que se tornou comum na Europa e nos Estados Unidos neste ano especialmente após o assassinato de George Floyd, um homem negro, por Derek Chauvin, um policial branco de Minneapolis em 25 de maio de 2020. Já em 1992 em Chiapas os indígenas faziam uma demonstração parecida que ressaltava a busca pela consideração da história e da memória dos ameríndios.

Mina, de la resistencia a la invasión *yanqui* en 1846-1847, de la respuesta popular a la intervención francesa, de las grandes gestas heroicas de Villa y Zapata, y de las luchas de resistencia indígena a todo lo largo de la historia de nuestro país.⁴⁹

Enquanto questionamento da presença de estrangeiros e outros contatos com organismos da Guatemala, inserida em um conflito entre guerrilha e governo federal, a resposta do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral (CCRI-CG) é estruturada perante uma leitura nacionalista e indígena, que remarca as resistências enquanto processo de existência, na disputa por uma destoante integração forçada à ideologia mestiça. A disputa política, assim, é determinada para além da presença das armas, ferramenta que é de valia para o movimento, mas também pelas imagens e representações que são dadas ao EZLN.

A narrativa dos documentos pretende dar corpus à condição de autonomia indígena em uma perspectiva de superação da categoria de inferiores. Essa disputa das mentalidades abarca o próprio questionamento de jornalistas, do governo e de intelectuais que estruturam leituras sobre os acontecimentos de Chiapas em 1994. Enquanto resposta, o CCRI destaca a formação do movimento, sua estrutura administrativa e social, e o perfil de suas lideranças:

Los mandos y elementos de tropas del EZLN son mayoritariamente indígenas chiapanecos, esto es así porque nosotros los indígenas representamos el sector más humillado y desposeído de México, pero también, como se ve, el más digno. Somos miles de indígenas alzados en armas, detrás de nosotros hay decenas de miles de familiares nuestros. Así las cosas, estamos en lucha decenas de miles de indígenas. (...) Actualmente, la dirección política de nuestra lucha es totalmente indígena, el 100 por ciento de los miembros de los comités clandestinos revolucionarios indígenas en todo el territorio en combate pertenecen a las etnias tzotzil, tzeltal, chol, tojolabal y otros. Es cierto que no están todavía todos los indígenas de Chiapas con nosotros, porque hay muchos hermanos que todavía están sometidos con las ideas y engaños del gobierno, pero ya estamos bastantes miles y tienen que tomarnos en cuenta.⁵⁰

A formação de uma estrutura logística, pautada no apoio das comunidades indiretamente, através de suprimentos e da disponibilização de trajetos e caminhos, demarca a amplitude que se prevê do movimento. Alçado para além das características logísticas, a presença de uma percepção sobre a imagem histórica dos indígenas é destacada em uma proposta de observação da identidade do movimento. É inegável, assim, que são existentes membros que não são indígenas, ou ainda que nem todos os indígenas fazem parte do movimento zapatista, mas que a carga desse grupo social é majoritário e está nos postos de liderança do EZLN, em desfavor das narrativas conduzidas por estrangeirismos, por

49 EZLN, 06 jan. 1994.

50 EZLN, 06 jan. 1994.

vanguardas políticas que são, em verdade, a incapacidade de se considerar hábil, num sentido de infantilizar, os povos originários do México.

Esse projeto duvidoso, que categoriza grupos sociais marginalizados indígenas, é um dos esforços da conceitualização da guerra *contra el olvido*. De maneira didática, em um pequeno relato do subcomandante Marcos sobre a pessoa de Angel, um indígena tzetal e combatente do EZLN, é destacado como a proposta do movimento se traduz em colocar a percepção destes espaços sociais dinâmicos em uma linha cidadã, isto é, em uma percepção de igualdade.

Marcos relata que Angel aproxima-se dele e pergunta sobre a publicação de um jornalista que não é identificado: “Usa palabras duras y no se conoce su camino. Parece que entiende nuestra lucha y parece que no la entiende”. Ao revisar o periódico, o subcomandante explica ao indígena sobre quais os sentidos que o escritor dá ao movimento:

Le explico a *Angel* lo que ese señor dice: que sí es cierto que hay pobreza en Chiapas, pero que no es posible que los indígenas se hayan preparado tan bien y que se hayan alzado con un plan, que los indígenas siempre se alzan sin plan, así nomás, de pronto; que eso quiere decir que hay gente extraña y extranjera que se está aprovechando de la pobreza indígena para hablar mal de México y de su presidente, que el EZLN está entre los indígenas pero no los representa⁵¹.

Enfurecido, Angel, segundo o relato de Marcos, começa a caminhar de um lado a outro, misturando palavras da língua indígena com o *castellano* e afirmando:

¿Por qué siempre nos piensan como niños chiquitos? (...) ¿Por qué para ellos nosotros no podemos pensar solos y tener buen pensamiento con buen plan y buena lucha? (...) ¿Acaso la inteligencia sólo llega en su cabeza del ladino? ¿Acaso nuestros abuelos no tuvieron bueno su pensamiento cuando ellos eran?⁵²

Mais que exatamente buscar destacar a veracidade do acontecimento, a crítica que Marcos estabelece no documento destinado ao senhor Álvaro Cepeda Neri, colunista do periódico *La Jornada*, e também ao periódico *Tiempo* de San Cristóbal de Las Casas, é justamente a demanda que destaca a inferiorização da categoria social do ser indígena no México. Em um teor atônito, como é possível, para Marcos e também Angel, que suas demandas não possam ser verdadeiras ou dignas?

Em entrevista ao periódico *La Jornada* em 3 de fevereiro de 1994, os representantes do CCRI-CG Ramona, David, Felipe, Javier, Isaac e Moisés informam os motivos, as razões e

51 EZLN, 26 jan. 1994.

52 EZLN, 26 jan. 1994.

objetivos do movimento, e a fala sobre a condição de inferioridade dos indígenas é novamente apontada. De maneira formal, Isaac responde a Blanche Petrich e Elio Henríquez que entende maneiras próprias de organização que se baseiam em uma autonomia administrativa, jurídica, política e legal, base das demandas do movimento que devem ser observadas através das comunidades, individual e coletivamente, e por isso são capazes de gerir-se:

Como indígenas creemos y sentimos que tenemos la capacidad para dirigir nuestro destino. No hay necesidad de que nos anden llevando de la mano, pues. Como gente madura, como gente consciente, podemos dirigir nuestro propio destino. Podemos gobernar nuestro propio destino, podemos gobernar nuestro pueblo. Creemos que nuestro pueblo somos capaz de gobernar su pueblo porque nuestra gente sabe, piensa. Por eso no necesitamos de un gobierno que solo nos quiere manipular, tener bajo sus propios zapatos⁵³.

Em verdade, a estruturação da dignidade e da ética enquanto pautas de luta são aspectos-chave na formação do sentido da rebelião chiapaneca. Não se fundamenta um espaço de demandas que seja unicamente político ou material, mas que tenha como mote estabelecer uma leitura sobre a democracia representativa e a cultura política mexicana que deve experimentar, aos olhos dos combatentes, alterações drásticas. Todavia, a memória sobre a forma que os antepassados eram observados e a maneira como são categorizados os indígenas formulam uma vontade explícita de levar à tona a discussão sobre esse mesmo passado que, para o México, é institucionalizado no controle político do PRI, isto é, pautado em uma perspectiva narrativa oficial que coloca em sua órbita todas as ações e resultados da Revolução de 1910. Para o partido, estes foram sua criação e governo.

Lutar contra o silenciamento é colocar em perspectiva e em público o “México profundo”, real, prático, aquele que está presente nas cidades e Estados mais pobres, mais desiguais, mais explorados como o eram – e de certa maneira ainda seguem⁵⁴ – Chiapas e o sudoeste mexicano em 1994. Nesse sentido, o “olvido” é a ação ativa do governo em esconder/abafar/apagar as realidades das regiões de alta marginalização. Nas palavras do CCRI-CG, em carta direcionada à Coordenação Nacional de Ação Cívica para Libertação Nacional (CONAC-LN) em 14 de fevereiro de 1994, o governo foi responsável, metaforicamente, por erguer muros que só foram superados através da força das comunidades que decidiram sair das montanhas:

53 EZLN, 3 fev. 1994.

54 Apesar de investimentos e alteração do quadro social nacional, Chiapas continua sendo um dos Estados mexicanos com maior grau de marginalização junto aos demais Estados do Sul do país, como Oaxaca e Guerrero. (INEGI, 2018).

Antes, por años y años, nuestra voz de paz digna no pudo bajar de las montañas, los gobiernos levantaron altas y fuertes paredes para esconderse de nuestra muerte y nuestra miseria. Nuestra fuerza debió romper esas paredes para entrar otra vez a nuestra historia, a la que nos habían arrebatado junto a la dignidad y la razón de nuestros pueblos.⁵⁵

Assim, a perspectiva de silenciamento é abarcada como razão de ação do governo para com as comunidades indígenas. A prática, para o movimento, foi responsável pela radicalização do processo, explicada através das mortes, miséria e silenciamento. O fim do esquecimento, do *olvido* a partir do primeiro de janeiro, abriu espaços para que as palavras e a ideologia política do EZLN fossem colocadas em perspectiva nacionalmente.

Após o cessar-fogo dado pelo governo federal em 12 de janeiro de 1994 a partir de pressões políticas internas e externas, como manifestações, ações de organizações de direitos humanos e não governamentais e em razão da desestruturação da perspectiva internacional sobre um México do “primeiro mundo”, iniciam-se os diálogos e contatos que buscavam a resolução pacífica do problema. O governo federal nomeia Manuel Camacho Solís⁵⁶ para ser o Comissionado para Paz e Reconciliação de Chiapas nas chamadas *Jornadas por la paz y la reconciliación* que ocorreram de 21 a 28 de fevereiro de 1994. A proposta do governo passa a ser a de cooptar e agregar os membros do movimento para solução do conflito, desenvolvendo estratégias de minimização da imagem e dos problemas sociais alarmados pelos rebeldes, seguindo as práticas comuns da relação governamental com os movimentos e organizações indígenas da década de 1980⁵⁷.

A perspectiva de uma guerra ou conflito que se aprofunda nas representações, isto é, nas formas públicas de associação de imagem em um âmbito social, político e cultural, na legitimidade e construção de figuras mentais de vinculação nas dicotomias explicativas dos sujeitos em guerra, por parte do EZLN, formula um conjunto de documentos que passam a expressar, cada vez mais presentemente, a condição social do indígena. Nesse processo, o movimento passa a se articular em uma disputa comunicacional que envolve as demandas e os

55 EZLN, 14 fev. 1994.

56 Membro do PRI desde 1965, Camacho Solís ocupou vários cargos de governança durante os mandatos do PRI. Próximo de Salinas de Gortari, Camacho Solís foi responsável pela campanha do então candidato como Secretário Geral do Comitê Executivo Nacional do partido. Ocupou, ainda, o cargo de Secretário de Desenvolvimento Urbano e Ecologia no governo de Miguel La Madrid (1982-1988) e de Chefe do Departamento do Distrito Federal e Secretário de Relações Exteriores no governo de Salinas de Gortari (1988-1994). Conhecido por suas habilidades de negociação, foi um dos principais membros do partido a dialogar com a oposição após a fraude eleitoral de 1988.

57 Como indicado na Unión de Unioes Quiptic e na Organización Campesina Emiliano Zapata (OCEZ) em Chiapas, culminando, em 1987, na formação da Asociación Rural de Interés Colectivo-Unión de Uniones (ARIC) (HARVEY, 1998, p. 138-146).

sentidos da rebeldia. Em um documento de 18 de janeiro de 1994 direcionado aos periódicos *La Jornada, Tiempo e Proceso*, intitulado “¿De qué van a nos perdonar?”, o subcomandante Marcos aponta uma desavença ante a formalização de um perdão por parte do governo federal às tropas insurgentes:

¿De qué tenemos que pedir perdón? ¿De qué nos van a perdonar? ¿De no morirnos de hambre? ¿De no callarnos em nuestra miseria? ¿De no haber aceptado humildemente la gigantesca carga histórica de desprecio y abandono? ¿De habernos levantado en armas cuando encontramos todos los otros caminos cerrados? ¿De no habernos atendido al Código Penal de Chiapas, el más absurdo y represivo del que se tenga memoria? ¿De haber demostrado al resto del país y al mundo entero que la dignidad humana vive aún y está en sus habitantes más empobrecidos? ¿De habernos preparado bien y a conciencia antes de iniciar? ¿De haber llevado fusiles al combate, en lugar de arcos y flechas? ¿De haber aprendido a pelear antes de hacerlo? ¿De ser mexicanos todos? ¿De ser mayoritariamente indígenas?⁵⁸

Para o subcomandante, a afirmação de um perdão nacional por parte do governo não possui sentido lógico, a ponto de não refutar, pela razão do combatente, as causas e as ingerências da rebelião. O perdão, característica de uma negociação, institui o sentido de resolver o conflito que, para o EZLN, nas palavras de Marcos, também se associa à cooptação e à desvirtuação da rebelião em si e, portanto, é radicalmente negado e colocado em xeque sobre o sujeito a perdoar. Marcos continua no documento a questionar o sentido do oferecimento desse perdão aos combatentes, colocando em interrogação quem tem o direito de pedi-lo ou de dá-lo, e evoca os antepassados indígenas a ajuizarem o combate:

¿Los muertos, nuestros muertos, tan mortalmente muertos de muerte “natural”, es decir, de sarampión, tosferina, dengue, cólera, tifoidea, mononucleosis, tétanos, pulmonía, paludismo y otras lindezas gastrointestinales y pulmonares? ¿Nuestros muertos, tan mayoritariamente muertos, tan democráticamente muertos de pena porque nadie hacía nada, porque todos los muertos, nuestros muertos, se iban así nomás, sin que nadie llevara la cuenta, sin que nadie dijera, por fin, el “¡YA BASTA!”, que devolviera a esas muertes su sentido, sin que nadie pidiera a los muertos de siempre, nuestros muertos, que regresaran a morir otra vez pero ahora para vivir?⁵⁹

A rememoração da condição metafísica de morte sobre os indígenas, em um processo de trazê-los à vida, isto é, de colocá-los em voz, retirá-los do silenciamento, do esquecimento, carrega em si um sentido político da morte. O fato de devolver aos mortos – nossos mortos – isto é, indígenas e chiapanecos, a dignidade através da rebelião ressalta uma memória que se

58 EZLN, 18 jan. 1994.

59 EZLN, 18 jan. 1994.

aloca em legitimar o combate dentro da perspectiva de fazer jus aos falecidos, aos que foram esquecidos e que, agora, são os que possuem o direito de perdoar.

A memória, dessa maneira, atribui ao movimento uma causa contínua, uma expressão de uma vivência que flui cronologicamente. Os mortos não são nomeados individual ou temporalmente, mas sua existência remonta a um grupo social marginalizado que se rebela contra a inexistência e as mortes naturais causadas por doenças curáveis, mas negligenciadas pelo tratamento destinado a este grupo. Dessa forma, a legitimação do conflito do presente perpassa um julgamento do passado, transferido ao motor da rememoração, isto é, colocado em perspectiva, destinado a agir sobre as percepções do presente.

O ato de se referenciar esse passado no presente, próximo, vivo, enquanto parte das articulações da mentalidade, da rememoração e da memória, envolve a lógica da existência e da razão do movimento. Uma memória que é, neste aspecto, indígena e local, que abarca o sentido histórico que pretende dar razão à luta armada do EZLN. Nesse sentido, o lembrar indígena é uma condição de reflexo da estrutura cultural e política das comunidades, pautadas em vivências e experiências de avós, pais e filhos.

Por fim, a memória indígena também remonta às ações dos antepassados em um sentido resistivo, de rebeliões. A referenciação a processos de lutas anteriores que foram realizadas pelos ascendentes diretos dá ao movimento a estrutura da herança e continuidade que pretende construir. Um conjunto de rebeliões que foram realizadas diretamente por populações étnicas, portanto, formaram o último processo que agora se coloca sobre a bandeira do EZLN, para além das lutas históricas da Independência ou da Revolução. Assim, aproximar-se dessas rebeliões marca a longínqua presença das demandas zapatistas:

Cuando nuestros antepasados fueron acorralados contra las márgenes del Grijalva y recibieron el ultimátum de rendición política y espiritual de las tropas españolas, prefirieron arrojarse a las aguas del río antes que traicionarse a sí mismos. Nosotros, herederos en la lucha y dignidad de nuestros abuelos Chiapas, no podemos sino hacer honor a esa lección de dignidad. El 'endurecimiento' lo padecemos desde hace mucho tiempo, antes callábamos y ahora hablamos.⁶⁰

Em resposta ao comissionado Manuel Camacho Solís, em 31 de janeiro de 1994 o CCRI-CG estrutura um conjunto de demandas que, nessa perspectiva, possui a vontade de colocar em diálogo o processo de paz através das condições do movimento. Assim, referenciar-se aos antepassados chiapanecos enquanto sujeitos dignos, que preferiram se jogar no rio e à morte a serem subjugados pelos espanhóis, dá sentido político à luta empreendida

60 EZLN, 31 jan. 1994

pelo movimento que discursivamente aponta a guerra como ultimato, como ação final ante um contexto que não abria espaço para soluções pacíficas.

Esse conjunto de memórias, ainda, se envolve não somente de forma étnica, mas através da coletividade mexicana sobre os processos históricos de rebeliões e conflitos que abarcam a guerra de independência, mas também – e principalmente – a Revolução Mexicana de 1910 e o Exército Libertador do Sul, chefiado por Emiliano Zapata.

1.2 MEMÓRIA NACIONAL

Além das rememorações sobre os sentidos expressamente étnicos, de origem indígena, o EZLN pautou sua fundamentação memorial e lógica, seu sentido de agir, através dos movimentos nacionais e históricos do México. Por essa proposta, tanto a perspectiva de uma ação de caráter amplo, mexicano e nacional quanto o escopo de suportes políticos estariam ampliados e abordados por demandas que envolviam todo o país. Nesse sentido, o movimento zapatista de 1994 traçava espaços de vinculação linear, de continuidade e herança para com os atores e movimentos do período colonial, da Independência e da Revolução de 1910, principalmente.

O envolvimento desses âmbitos colocava em evidência, para o movimento, um conjunto de demandas que eram determinadas por uma essência patriótica. Não apenas enquanto um código de movimentação das forças armadas, em que aquele que abordava questionava “¿Quién vive?” e era correspondido com um “La pátria!”⁶¹, mas a perspectiva da nacionalidade do EZLN se dava presente seja na prática e estrutura militares, no conjunto de demandas de democracia, justiça, liberdade e a propriedade da terra, ou no questionamento à identidade nacional mestiça.

Organizar-se dessa maneira criava respaldos práticos. Ante a acusações de ser um movimento local ou regionalizado, o EZLN colocava como parte de sua rebelião demandas de caráter nacional que atingiam diretamente a vida política federal, como as alterações legais sobre a determinação da autonomia, em que o movimento previa a mudança do artigo quarto da Constituição para o reconhecimento da existência de regiões de várias etnias na estrutura administrativa e executiva da federação. Uma reorganização, portanto, do próprio pacto

61 A apresentação do código em questão pode ser encontrada em dois documentos: o primeiro referenciado pelos enviados Blanche Petrich e Elio Hernández, do periódico *La Jornada* (EZLN, 03 fev. 1994); o segundo, no relato do subcomandante Marcos de 26 de janeiro de 1994 (EZLN, 26 jan. 1994).

federativo. A previsão dessa alteração, apesar de visar especificamente a organização de Chiapas, acabava por atingir a todo o país. Em verdade, as estruturas culturais e administrativas internas das comunidades já organizavam autonomias que não eram reconhecidas legalmente. As assembleias, enquanto autoridade máxima de decisão coletiva, não possuíam reconhecimento por parte da estrutura legislativa mexicana.

A proposta zapatista se dava em caráter de exigências: em negociação com o Estado, especialmente após o cessar-fogo de 12 de janeiro e nas mesas de diálogo entre 21 e 28 de fevereiro de 1994, o movimento passou a colocar as demandas de maneira mais clara e com especificidades que anteriormente não se mostravam na Primeira Declaração da Selva Lacandona. Algumas dessas necessidades não previam um projeto de lei, mas eram colocadas como possibilidades de discussão política institucional. A alteração do artigo quarto era uma delas. A demanda, portanto, passava pelo crivo de uma estrutura administrativa legal e nacional, o Congresso e o Executivo Federal. Para os zapatistas, a proposta apenas estabelecia uma legalização de práticas comuns nas comunidades.

Dois exemplos dessas práticas são encontrados nos documentos consultados: o primeiro, das autonomias administrativas, que em todo caso se davam através das decisões internas dadas pelas assembleias coletivas. Nestas práticas, a comunidade se reunia para deliberar sobre alguma decisão jurídica, executiva ou política do coletivo. As decisões partiam de votação aberta e pública, sem distinção de idade ou gênero, com peso de voto igualitário para todos os membros. As decisões eram, então, tomadas e determinada a ação sobre o criminoso, uma vontade política ou a representação de uma autoridade. A explanação mais ampla desse processo se deu na organização, em 1992, da consulta às comunidades zapatistas sobre a decisão da guerra. Segundo o subcomandante Marcos, mais de 90% dos membros decidiram pelo conflito. Atas foram redigidas com as indagações dos prós e contras dos votantes em assembleias abertas, com a deliberação final de que o exército rebelde organizasse o conflito. Quase dois anos foram necessários para, enfim, dar início ao combate em primeiro de janeiro de 1994⁶².

A segunda prática referenciada é sobre a política institucional que se passa nas decisões do PRI em nível regional, isto é, nas candidaturas políticas das localidades de Chiapas. A prática sugere a existência de um governo subterrâneo, que se intercala com o executivo federal através do pleito para a eleição das presidências municipais na região de

62 Os relatos do subcomandante Marcos sobre o processo de votação da guerra podem ser encontrados em dois documentos: EZLN, 04 fev. 1994; EZLN, 03 mar. 1994.

Los Altos, por exemplo. Marcos relata que a comunidade se reúne e decide o candidato, que é apresentado ao partido, registrado como concorrente, mas não chega às urnas, pois a decisão já está tomada coletivamente. Neste caso, para o subcomandante, o não reconhecimento das decisões das comunidades gera uma ação de corrupção pela inexistência das eleições diretamente pelos cidadãos nas urnas, pois, apesar de decidirem a autoridade regional, os votos são controlados pelo PRI na escolha de senadores, governadores, deputados e presidente. O governo subterrâneo, como chamado pelo orador, “tiene que emerger”, isto é, tomar corpo legal, existir juridicamente⁶³.

Além da autonomia legal, proposta que viabiliza a reorganização do espaço político mexicano com consequências práticas em Chiapas e outros Estados do país, o EZLN ainda exigia a renúncia de Salinas de Gortari da Presidência da República, a instauração de um governo provisório e eleições democráticas. A crítica e a demanda baseavam-se principalmente na fraude eleitoral de 1988, quando da disputa entre Cuauhtémoc Cárdenas e Salinas de Gortari, Secretário de Planejamento e Orçamento do governo de Miguel de La Madrid (1982-1988).

A proposta, dessa forma, atingia e questionava diretamente o controle político do PRI a partir da fraude, em que a perspectiva de um governo ilegítimo que controlasse a escolha do próximo governo não seria capaz de ser, pela lógica, apto a estabelecer uma disputa democrática. Ao atingir o cerne da cultura política de cooptação e controle do poder por parte do partido, o EZLN demandava um espaço democrático que se aproximava da prática das comunidades. O “mandar obedecendo”, conceito oxímoro zapatista que organizava o poder e a autoridade nas comunidades, era colocado em voga para a política nacional. As autoridades, para o movimento, deveriam seguir as ordenações da população e a representação era estruturada inversamente à prática política vigente, isto é, a escolha pelo voto não dava ao representante amplos poderes, mas um movimento inverso de obediência aos mandos populares. A representação deveria ser, então, prática e não plena. Se dava como uma capacidade de agir dentro das possibilidades afirmadas em coletivo, por meio das determinações das assembleias coletivas.

Para o EZLN, localizar-se nacionalmente enquanto movimento social armado construía um sentido político e prático e, para isso, previa uma estrutura de memórias

63 O mesmo se dá para a autonomia jurídica, em que a decisão coletiva não é respeitada pelo governo que encarcera os criminosos. Para Marcos, essa prática cria uma instabilidade que é corrupta em essência. (EZLN, 26 fev. 1994).

coletivas mexicanas que davam a razão à lógica da rebeldia. A rememoração pautava-se nas narrativas da concepção de uma vontade rebelde existente na história mexicana por meio de seus atores como os indígenas, os independentistas e os revolucionários contra o usurpador interno ou o invasor estrangeiro e a determinação de uma vontade histórica condensada nas propostas da Constituição de 1917, enquanto plano nacional desvirtuado pelo PRI, mas marcado na mentalidade dos constituintes e revolucionários, especialmente de Emiliano Zapata e Francisco “Pancho” Villa, isto é, em uma posse da memória da Revolução de 1910 e seu legado ao país.

Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, publicada em 1º de janeiro de 1994, os espaços de dicotomia nacionais são compreendidos em uma dinâmica social e política de adversários. No documento, os zapatistas compreendem a memória nacional dos processos de rebeldia como uma síntese da luta empreendida em Chiapas, isto é, a formulação da insurgência local se dá numa continuidade com os processos anteriores que moldaram a história do México. Nesse sentido, a vontade popular expressa por tais movimentos é aclamada para o presente.

A escolha do nome e dos símbolos traduzem sinteticamente o conjunto de significações do movimento. Um exército de libertação nacional e zapatista. Nas palavras do subcomandante Marcos, em entrevista ao sociólogo francês Yvon Le Bot entre julho e setembro de 1996, a compreensão do movimento ainda em processo formativo, isto é, no período de contatos entre os guerrilheiros presentes nas montanhas e as comunidades indígenas, era de que a história mexicana era feita de embates em um país neocolonial, controlado pelo vizinho Estados Unidos da América e, por isso, era necessária a formação de um exército libertador que se pautava, simbolicamente, na condição nacional de luta. Não por acaso a libertação aproximava-se de um sentido dado ao Exército Libertador do Sul chefiado por Emiliano Zapata⁶⁴.

A compreensão do primeiro movimento organizado através da perspectiva da guerrilha sofreu alterações, mas ainda pautou influências que abarcavam a perspectiva de mudança ao socialismo que, com o tempo, inseria cada vez mais a condição étnica chiapaneca. Pelo distanciamento com outros movimentos latinos mais próximos, como das guerrilhas de El Salvador e da Guatemala que, grosso modo, objetivavam o controle das ferramentas do

64 Sentido de libertar o México do jugo, inicialmente, da ditadura de Porfirio Díaz e, já em processo anterior, de Francisco Madero. Nesta condição, o exército era libertador por lutar contra os latifúndios e o controle da terra que desfavoreciam o camponês e o indígena.

Estado burguês para a consolidação do socialismo, o EZLN teve que buscar sua teoria revolucionária, segundo Marcos, mais apegada à história e situação do México.

O subcomandante aponta que as significações nacionais dão corpo e sentido ao movimento, mesmo após a ingerência da base social indígena. Na formulação dos nomes e da narrativa rebelde, Marcos destaca como os símbolos do EZLN traçam o perfil de uma mescla dinâmica de grupos sociais, como a guerrilha urbana e as comunidades indígenas:

Paradójicamente, la consigna que hereda el EZLN no es “Patria o Muerte, venceremos” o “Proletarios del mundo uníos”, sino que es una frase de Vicente Guerrero que dice “Vivir por la Patria, Morir por la Libertad”. Su lema, su grito de guerra es éste. El símbolo de la estrella está más cerca de la concepción indígena y de una concepción humanista: el hombre y las cinco partes - la cabeza, los brazos, los pies -, y esta concepción de historias del mundo y todo eso. El rojo y el negro sí son herencia de los movimientos revolucionarios. Pero la estrella es más cercana a ese contacto que se dará después⁶⁵.

A mescla da formação desses símbolos carrega uma história e memória nacional que são estabelecidas patrioticamente, enquanto herança e utilização de espaços que se envolviam com movimentos latinos, porém estruturados na perspectiva do México. Os aportes dessa narrativa, continua Marcos, são a utilização dos nomes de Hidalgo, Morelos, Guerrero e Zapata enquanto bases formativas no lugar de Castro, Guevara ou Sandino, isto é, que mesmo enquanto inicialmente propenso às teorias políticas foquistas e à condição de isolamento e preparação como uma guerrilha guevarista, os contatos com as comunidades e a realidade chiapaneca reorganizou, através das narrativas indígenas, uma simbolização apegada ao México.

De toda forma, é na Primeira Declaração da Selva Lacandona que há a condensação da heterogeneidade do movimento ao pensamento político mais alinhado militarmente dentro de estruturas hierárquicas e cadeias de comando. Para Marcos, essa organização foi a referenciação dada pelos manuais de história militar. Em entrevista de 4 de fevereiro de 1994, Marcos destaca como a necessidade e o isolamento do movimento o moveram para um sentido nacional e o distanciaram das guerrilhas da América Central: “Yo no me copié la ofensiva del FMLN a San Salvador en 1989, yo me copié el ataque de Pancho Villa a Ciudad Juárez”⁶⁶.

Na tomada de Juárez, Villa havia montado uma estratégia de ataque surpresa, onde fez com que as tropas federais, em favor de Porfirio Díaz, esperassem um ataque a Chihuahua

65 LE BOT, 1997, p. 54

66 EZLN, 04 fev. 1994.

quando, em verdade, concentraram os esforços na tomada da cidade de Juárez, derrotando as guarnições do exército. Marcos aponta na entrevista de 4 de fevereiro de 1994 que algo parecido aconteceu com o EZLN. Enquanto organizava os treinamentos militares na região de Corralchén, município de Ocosingo, Estado de Chiapas, foram descobertos pelos militares⁶⁷: “Nosotros amagamos el ataque a Ocosingo, y si revisas la prensa, tres días antes se supo en todo el país que un grupo de guerrilleros estaban en San Miguel (cercano a Ocosingo) y todo mundo se hizo pato”. Pensando que um ataque surgiria sobre essa região, o exército se pôs em alerta. Mas a estratégia militar foi então de mover as tropas para a região de San Cristóbal de Las Casas, antiga capital do Estado, e tomá-la de assalto.

Em verdade, mais do que buscar as comparações detalhadas de cada uma das estratégias e das ações tomadas pelos movimentos armados, de Villa ou do EZLN, a importância da aproximação narrativa por parte deste é carregar de sentidos históricos a luta empreendida no presente em Chiapas. Apesar das negações, a possibilidade da tomada de San Cristóbal ter sido influenciada pela ofensiva a San Salvador por parte da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) é muito mais plausível para o contexto de 1994 e, até certo ponto, aceita pelo subcomandante em momento posterior⁶⁸. Mas, naquele momento, para um movimento que se pretendia nacional, era essencial ligar a narrativa à memória do ataque de Villa à cidade de Juárez.

Também em entrevista a Le Bot, o subcomandante Marcos destaca, referindo-se ao isolamento da guerrilha na região da Selva, a necessidade de construir a organização militar por meio do autodidatismo. Apesar de clandestina, a forma hierárquica dos comandos militares do EZLN possui características próximas de um exército regular, com patentes e obrigações específicas a cada membro e que atuava em uma espécie de defesa territorial ante os *ganaderos* ou criadores de gado bovino e as *guardias blancas*, milícias treinadas pelas polícias estaduais. Nesse processo de formação, Marcos destaca que buscaram tanto nos manuais estadunidenses dos *marines*, dos *seals*, dos *rangers* e até mesmo da OTAN o conhecimento da estratégia guerrilheira, quanto na história militar nacional:

67 Segundo o subcomandante, as ações de aniquilação da guerrilha por meios militares foram impedidas por uma vontade política pautada na imagem internacional do México e na assinatura do Tratado de Livre Comércio. Assim, apesar do conhecimento da existência de guerrilheiros na região da Selva Lacandona, uma ação militar foi impedida em favor da implantação da política neoliberal e do TLC. Ver entrevista de Marcos aos periódicos *Proceso*, *El Financiero* e *New York Times* (EZLN, 21 fev. 1994).

68 Na entrevista a Le Bot, Marcos afirma que a ação da tomada das grandes cidades por parte da FMLN em 1989 “eran más nuestro referente y concitaban nuestra admiración. Lo que admirábamos mucho era la ofensiva sobre San Salvador (...)” (LE BOT, 1997, p. 58).

De la época de la guerra de Independencia, aprendimos del ejército de Morelos, y de la Revolución, sobre todo de la División del Norte, de Villa, y del Ejército Libertador del Sur, de Zapata. Por eso nos organizamos en pelotones, secciones, compañías, batallones, divisiones, cuerpos de ejércitos, ejército, gran ejército, igual que sus mandos. Es muy cercano nuestro esquema al de los ejércitos de Villa y de Zapata⁶⁹.

A aproximação da organização do exército, assim como nas estratégias de tomada de Juárez ou San Cristóbal, são referências que dão sentido teórico, abstrato, memorial ao corpo zapatista chiapaneco. Está claro que as armas, as demandas, as estratégias e as ações dos movimentos históricos possuem peculiaridades que se distanciam da tática do EZLN, inclusive na perspectiva de duração e negociação com o governo, mas que são retomadas enquanto formativos, isto é, destaca-se o fato de que os zapatistas procuram suas bases políticas em referências históricas para alcançar a legitimação da ação de guerra declarada ao governo federal, com o pedido de renúncia do então presidente da República.

A mesma afirmação é também presente no quarto documento destacado pelo arquivo histórico do movimento, publicado em 6 de janeiro de 1994. Intitulado “Sobre el EZLN y las condiciones para el diálogo”, a fonte mostra em como o CCRI-CG busca apresentar seus sentidos de luta, os motivos da rebelião e enfrentar, de forma discursiva, as apelações e denúncias de participação de movimentos guerrilheiros centro-americanos, do clero católico, do imediatismo ou dúvida ante a preparação ao longo dos dez anos de existência do EZLN. Dessa forma, o Comitê afirma que, novamente, são as táticas e a estrutura dos exércitos históricos nacionais os referenciais do movimento:

Las tácticas militares que empleamos no fueron aprendidas de la insurgencia centroamericana, sino de la historia militar mexicana, de Hidalgo, Morelos, Guerrero, Mina, de la resistencia a la invasión *yanqui* en 1846-1847, de la respuesta popular a la intervención francesa, de las grandes gestas heroicas de Villa y Zapata, y de las luchas de resistencia indígena a todo lo largo de la historia de nuestro país⁷⁰.

Constitui-se, como pensamento político, a tentativa de desvencilhar-se dos movimentos guerrilheiros da América Central em favor do nacionalismo. A aproximação geográfica e militar dava aos analistas do governo e da mídia condições de questionar quais os motivos da sublevação, trazendo as recentes guerras nos países vizinhos como Guatemala e El Salvador e, conseqüentemente, as imagens do conflito, com mortes e tensões militares. A autonomia a que se propunha o EZLN era, em certo sentido, compreendida enquanto ação

69 LE BOT, 1997, p. 59.

70 EZLN, 06 jan. 1994.

separatista. A memória histórico-nacional foi alçada abstratamente, portanto, a uma presença nas fileiras chiapanecas.

A construção da referência política, pautada em uma memória nacional, se abastece, ainda, do vínculo jurídico para com a Constituição Federal e os Revolucionários. Criada em 1917 como resultante direta da Revolução iniciada em 1910, a Carta Magna dos Estados Unidos Mexicanos foi a síntese de um processo longo de disputas militares, políticas e ideológicas entre grupos que iniciaram o conflito e logo formularam tensões internas. De maneira simplificada, a luta empreendida pelos exércitos populares, especialmente de Emiliano Zapata na região Centro-Sul mexicana, foi responsável pela implantação legal das propriedades coletivas *ejidatárias*, controladas pelos *pueblos*, e no projeto de reforma agrária como ação pública do Estado Nacional. A perspectiva popular, na condição do Exército Libertador do Sul e da ideologia zapatista condensada no *Plan de Ayala*⁷¹ recebeu através da Constituição a legalidade⁷².

Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, emitida em 1º de janeiro de 1994, a Carta Magna é ressaltada enquanto protetora da vontade popular. Como destacado no documento, a saída armada foi estabelecida como última opção diante de um governo ditatorial. Nesse sentido, a razão de recorrer à Constituição estabelece não somente uma vontade jurídica, já que não há nenhuma previsão legal para um levante armado, mas de compreensão de que a rebelião estabelecida em 1994 era dada como vontade popular, como desejo da sociedade mexicana:

Para evitarlo y como nuestra última esperanza, después de haber intentado todo por poner en práctica la legalidad basada en nuestra Carta Magna, recurrimos a ella, nuestra Constitución, para aplicar el Artículo 39 Constitucional que a la letra dice: “La soberanía nacional reside esencial y originariamente en el pueblo. Todo el poder público dimana del pueblo y se instituye para beneficio de éste. El pueblo tiene, en todo tiempo, el inalienable derecho de alterar o modificar la forma de su gobierno.” Por tanto, en apego a nuestra Constitución, emitimos la presente al ejército federal mexicano, pilar básico de la dictadura que padecemos, monopolizada por el partido en el poder y encabezada por el ejecutivo federal que hoy detenta su jefe máximo e ilegítimo, Carlos Salinas de Gortari⁷³.

71 Plano formulado pelos generais e comandantes do Exército Zapatista em 28 de novembro de 1911 em que eram questionados os controles políticos de Francisco Madero sobre a Revolução. Neste plano eram exigidos o cumprimento do *Plan de San Luis Potossi*, estabelecido anteriormente quando da constituição da frente contra Porfirio Díaz por Madero, e dava como mote, grosso modo, a formação dos *pueblos*, o retorno e/ou obtenção de terras através dos cidadãos possuidores dos títulos de propriedade e a expropriação de latifúndios e a nacionalização de bens dos *hacendados*, *científicos* ou *caciques* contrários ao Plano.

72 Foi somente com Lázaro Cárdenas em 1934-1940 e uma perspectiva populista que as reformas sociais previstas na Constituição foram colocadas em ação como política pública, dando força política condensada no controle do governo por parte do PRI (BARBOSA, 2016, p. 134-136).

73 EZLN, 01 jan. 1994

A vontade popular endereçada e tomada como corpo zapatista, recorre à juridicidade de uma leitura orgânica/direta das letras da Constituição. A estrutura da democracia, portanto, é significada enquanto ação direta popular em lugar da representação burguesa, base das demandas do movimento na articulação de uma cultura política indígena e chiapaneca. De toda forma, a maneira de se referenciar à vontade popular constitui uma vinculação com as determinações sociais da atualidade, mas também sobre o processo de criação da Constituição. Se “todo o poder emana do povo”, este povo, considerado como os zapatistas em invocação à sociedade mexicana, põe em xeque a legitimidade do governo, especialmente após a fraude de 1988, significada na quebra do pacto democrático.

Além dos traços desta ilegitimidade pautada na Carta Magna, o EZLN atribuiu à juridicidade da Constituição a quebra do pacto territorial e de propriedade. Neste sentido, para o movimento, a alteração do artigo 27 da Constituição realizado nas reformas neoliberais de Salinas de Gortari nos anos de 1991 e 1992, formulam uma destruição ou o fim das vontades revolucionárias marcadas na luta de Zapata. Especificamente na alteração do status da propriedade coletiva, que passa a ser individual e passível de compra e venda, a estrutura social indígena, tradicionalmente ligada à terra, é fragilizada. Dessa forma, a síntese das demandas do *Plan de Ayala*, especialmente quanto à distribuição e coletivização da terra, é ressaltada por meio da vontade do revolucionário, marcada e sintetizada na legislação do artigo 27 que deveria, segundo a explanação das demandas do movimento em carta aberta datada de 1º de março de 1994:

Respetar el espíritu original de Emiliano Zapata: la tierra es para los indígenas y campesinos que la trabajan. No para los latifundistas. Queremos que las grandes cantidades de tierras que están en manos de finqueros y terratenientes nacionales y extranjeros y de otras personas que ocupan muchas tierras pero no son campesinos, pasen a manos de nuestros pueblos que carecen totalmente de tierras, así como está establecido en nuestra ley agraria revolucionaria. (...) Que se formen nuevos ejidos y comunidades. La reforma salinista al 27 constitucional debe ser anulada y el derecho a la tierra debe volver a nuestra Carta Magna⁷⁴.

A rememoração sobre a vontade espiritual, desejosa, expressa por Zapata de que as terras devem ser de quem nelas trabalha, condensa a crítica à política de Salinas de Gortari sobre a propriedade rural. O EZLN prevê, dentre suas demandas, inclusive, a expropriação de latifúndios em uma perspectiva nacional, próxima ao estabelecido nas vontades do zapatismo

74 EZLN, 01 mar. 1994

clássico⁷⁵. Nesse sentido, o subcomandante Marcos – em conferência de imprensa intitulada “Conferencia de prensa: una cosa es el diálogo y otra es la negociación”, de 26 de fevereiro de 1994 e assinada pelos jornalistas Julio Moguel, Ricardo Alemán e Victor Ballinas, enviados do periódico *La Jornada* – aponta que o desejo em si é restabelecer pelas vias institucionais a legalidade das terras coletivas, retornando ao espírito do artigo aprovado em Querétaro em 1917. Em verdade, portanto, a vontade de Zapata, como demonstra Marcos, é “tierra y libertad, no a los latifúndios”, ou seja, o veto à mudança trazida às comunidades pelo artigo 27.

A memória e imagem de Emiliano Zapata, condensadas na leitura de suas vontades e práticas, constituem de maneira vigorosa os sentidos, objetivos e ações do EZLN. A mistificação do revolucionário e do exército que liderou estabelece uma leitura histórica formativa e basilar do movimento, trazendo ao presente diversas das perspectivas do zapatismo clássico. Não por acaso, o nome e o simbolismo dos insurgentes destacam tal memória.

Para os insurgentes de 1994, a estrutura social mexicana, e especialmente Chiapas, não estavam abarcadas nas vontades que forjaram a Revolução. O PRI, dessa forma, compartilharia do poder político da mesma forma que os antigos usurpadores, invasores e até mesmo Porfirio Díaz, como apontado ao longo da Primeira Declaração. A ditadura, na compreensão dos rebeldes, fora sedimentada e cultivada nas bases de um partido político que, nascido do processo revolucionário, alterava os sentidos do início do século XX que eram a base da vida política nacional.

Na herança política e de ação histórica nacional/mexicana por parte do EZLN, Zapata é significado como homem pobre, advindo das regiões indígenas e, portanto, igual aos insurgentes. Nessa condição, o revolucionário e suas ações de liderança da Revolução formam uma identificação e continuidade memorial, isto é, um passado para significar, em verdade, as práticas do presente. Em carta à Coordenação Nacional de Ação Cívica para a Libertação Nacional (CONAC-LN), o CCRI-CG destaca o sentido de uma cultura antepassada que revivia a memória de Zapata:

75 Enquanto ideologia, o zapatismo clássico é compreendido na leitura das propostas revolucionárias condensadas no *Plan de Ayala*. Grosso modo, previa a expropriação de latifúndios, a distribuição de terras através da reforma agrária, a condição da propriedade da terra para o grupo social camponês e indígena que também se transfigurava enquanto combatentes do exército popular organizado no sul, o respeito às decisões coletivas dos *pueblos*, direito à organização sindical, entre outras demandas práticas (PRADO, 2003, p. 144-174).

En su palabra de los más viejos de los viejos venía también la esperanza para nuestra historia. Y apareció en su palabra de ellos la imagen de uno como nosotros: Emiliano Zapata. Y en ella vimos el lugar a donde nuestros passos debían caminar para ser verdaderos, y a nuestra sangre volvió nuestra historia de lucha, y nuestras manos se llenaron de los gritos de las gentes nuestras, y a nuestras bocas llegó otra vez la dignidad, y en nuestros ojos vimos un mundo nuevo⁷⁶.

O revolucionário é, então, uma esperança contrária aos contínuos dor e morte. Zapata constitui uma mistificação da luta, a imagem da verdade, da dignidade, do mundo novo a partir do retorno à ação desse mesmo ator da Revolução, isto é, a presença de uma esperança que é, em verdade, uma observação sobre sua volta, sobre seus ensinamentos e práticas. A ancestralidade é refúgio dessa ressignificação: não seria apenas pela mistificação que Emiliano Zapata se faz esperança, mas ele é advindo por meio das histórias indígenas e dos “mais velhos dos velhos”, dos mortos, dos sábios senhores que, aos olhos dos rebeldes, conhecem a verdadeira história indígena mexicana.

Essa esperança articula uma rememoração que é mais que um uso do passado em sentido prático, é um sentimento que dá combustível ao processo de lutas empreendidas em 1994. Trata-se de um Zapata que é presente quase materialmente nas comunidades indígenas, ressignificado para o contexto de conflito. Essa esperança é também de ressuscitar o revolucionário, colocá-lo em ação, partindo daquilo que foi sua vontade, lida pelos insurgentes, no início do século XX. Em documento selecionado ao arquivo, o EZLN reproduz um escrito do subcomandante Marcos de meados de 1993 que buscava despertar a consciência dos companheiros que se aproximavam do movimento e do conflito por vir. Intitulado “Chiapas: el sureste en dos ventos, una tormenta y una profecía”, foi disponibilizado pelo movimento em 27 de janeiro de 1994.

Neste documento, o subcomandante Marcos traz uma reflexão sobre como é a realidade em Chiapas. De maneira metafórica, o subcomandante escreve como que conduzindo o leitor a um caminhar por sobre o Estado e as cidades da Selva. Aqui Marcos faz um conjunto de críticas ao governador do Estado, Patrocínio González Garrido, na figura do “Aprendiz de Virrey”, daquele que se aproxima dos poderosos e toma ações como se fosse um déspota. Quando apresenta a estratégia do governador de criar rádios para fazer propaganda política e ideológica aos cidadãos do Estado, Marcos afirma que “no todos escuchan las voces de desesperanza y conformismo” trazidas pela mídia, mas sim uma outra voz, que ao contrário do vento “de arriba”, o primeiro dos dois ventos, aquele que é o vento dos

76 EZLN, 14 fev. 1994.

poderosos, dos governadores, é um vento “de abajo”, que nasce e se propaga a partir do coração indígena das montanhas e fala de justiça, liberdade e esperança, condensadas em Emiliano Zapata:

Y cuentan los más viejos entre los viejos de las comunidades que hubo un tal Zapata que se alzó por los suyos y que su voz cantaba, más que gritar, ¡Tierra y Libertad!. Y cuentan estos ancianos que no ha muerto, que Zapata ha de volver (...) Los poderosos no escuchan, no alcanzan a oír, están ensordecidos por el embrutecimiento que los imperios les gritan al oído. “Zapata” insiste el viento, el de abajo, el nuestro⁷⁷.

Da mesma forma que a natureza mostra o período de colheita, de preparação da terra, de replantio dos alimentos, a esperança também é fruto de plantação e colheita, advinda a partir das palavras da natureza. Se o vento, o sol e a chuva informavam aos indígenas que se se estava colhendo morte e pobreza, era hora de plantar e colher rebeldia, mas não apenas uma rebeldia manifesta, de caminhadas e solicitações aos poderosos, sim uma rebeldia armada, de conflito, de guerra, de tormenta. Se Zapata está a voltar e dar esperança, é no EZLN que ele se faz presente.

Esse processo de narrativa e de memória por parte do movimento é contínuo. O espaço de identificações na perspectiva da dicotomia histórica é a base social que permite ao EZLN afirmar-se enquanto herdeiro de Zapata. Se Chiapas não havia recebido, em partes, a presença da Revolução de 1910, o zapatismo seria responsável, junto à memória do revolucionário, por levá-la a cabo. Em 31 de janeiro de 1994, o subcomandante Marcos escreve aos periódicos *Proceso*, *La Jornada*, *El Financiero* e *Tiempo* a carta “Sobre lo del reconocimiento al EZLN como ‘fuerza política en formación’” questionando o fato de o governo não reconhecer o movimento como uma força bélica/armada. Dessa forma, essa condição dicotômica é também ressaltada sobre o processo revolucionário do início do século XX: “Traigan otra vez la imagen de Venustiano Carranza⁷⁸ para ofrecer la limosna del perdón, aquí está Zapata vivo y digno todavía. Traten de asesinarlo de nuevo”⁷⁹, isto é, enquanto o governo age como conservador, na busca por trazer uma paz de silenciamento ao conflito, os zapatistas são os rebeldes e mantêm viva a esperança de um novo mundo.

77 EZLN, 27 jan. 1994.

78 Um dos líderes revolucionários de 1910, tornou-se presidente interino em 1915 e efetivo de 1917 a 1920. Foi durante seu governo que fora promulgada a Constituição de 1917. Advindo da classe média e da pequena burguesia da região de Coahuila, Carranza foi pivô de um conjunto de tensões entre os revolucionários mais populares, especialmente Zapata e, junto ao exército constitucionalista, um dos responsáveis pelo avanço militar e político contra o Exército do Sul e os zapatistas. (BARBOSA, 2016, p. 101-144.)

79 EZLN, 31 jan. 1994.

Há a percepção de que em 1994 o EZLN se via enquanto herdeiro das lutas empreendidas pelos movimentos históricos mexicanos. A condição de rebeldia, marca do zapatismo, envolve-se com as ações armadas dos indígenas – população resistente e que rechaça a integração à identidade mestiça – dos independentistas, compreendidos enquanto aqueles que lutaram contra o jugo exterior e, principalmente, como continuidade das demandas de Emiliano Zapata e do Exército Libertador do Sul, seja através das conquistas políticas e jurídicas advindas da Constituição de 1917, seja pela mistificação do revolucionário, responsável pela expressão de liberdade, justiça, igualdade, distribuição de terras e, mais proeminentemente, de esperança.

CAPÍTULO 2

O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO PRESENTE

O Exército Zapatista de Libertação Nacional estabelece uma estrutura memorial de herança, de vínculos com o passado indígena e nacional/revolucionário/rebelde mexicano que pode ser chamado de um passado-herança, ou seja, uma linearidade narrativa e mental que abarca o presente por meio do passado. Todavia, ao fazê-lo, o movimento desenvolve concomitantemente a construção de uma identidade, uma noção particular e própria pautada na ancestralidade, cultura e sociedade, que se modela a partir dos contatos entre os grupos sociais que o formulam, isto é, entre indígenas de Chiapas e guerrilheiros.

Neste processo, a criação de um “nós” é presente enquanto maneira de compreender o sujeito zapatista e/ou mexicano – não excludentes entre si. O que perpassa o conjunto dos documentos do arquivo histórico é uma construção em certos casos ambígua, que estabelece compreensões que são momentâneas, moldadas em uma condição particular da linha editorial zapatista⁸⁰, ou seja, produzidas por um contexto em específico. É neste sentido que, por exemplo, documentos com distâncias cronológicas de pouco mais de dois meses trazem perspectivas conflitantes e que auxiliam pensar o agir humano e social vinculado a um movimento armado, seus objetivos e métodos.

Dentro dessa condição particular, pensar a perspectiva da memória para a constituição de uma ideia de presente implica compreender a maneira em como a identidade se molda no movimento social. A aproximação desse “nós” com um passado memorial é parte fundamental de um processo formativo, que estabelece um sentido prático e teórico ao que se está a fazer. A maneira como o EZLN se apresenta ao México e ao mundo justifica e marca o espaço de ação e reação que está no conjunto das memórias do movimento social em seu arquivo histórico. Assim, é muito expressivo que os zapatistas do século XXI não deixem de vincular sua história aos zapatistas do início do século XX. Uma identidade e memória, portanto, que se fundem, se aproximam e se constituem mutuamente⁸¹.

80 Mencionada no arquivo histórico, a *línea editorial zapatista* trata-se de uma explicação da condição de produção dos documentos pelos rebeldes por meio da noção de que a qualquer momento podem ser aniquilados e, por isso, precisam escrever aquilo que lhes convém o mais rápido possível, isto é, “ahora o tal vez nunca”, “producto de las condiciones de guerra y aislamiento en que estamos, no ‘medimos’ lo que decimos y tratamos de ‘aventar’ todo de una vez porque puede ser la última” (EZLN, 28 jun. 1994).

81 CANDAU, 2011, p. 21-82.

Esse processo de compreensão dos sujeitos como parte de um grupo marca a organização estrutural de um movimento social, ou seja, no sentido de agir e prático que é delimitado pela maneira que se dá a noção da identidade, da cultura política e dos objetivos a serem alcançados. Nas palavras de Gohn:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados⁸².

Desta forma, a condição de ser de um movimento social não se dá unicamente como uma forma de protesto ou organização, mas também como constituição de características próprias que envolvem a extrapolação das meras condições teorizadas e do local de atuação suprainstitucional, mesmo que existam interações entre as instituições e a organização. O movimento social, portanto, tem configuração heterogênea, não uniforme, na inexistência de uma conceitualização universal devido à variação da aplicação teórico-metodológica possível dentro dos paradigmas diversos de pesquisa.

Nesse sentido, os objetivos que pautam um movimento social podem ser progressistas, conservadores ou reacionários, não localizados unicamente na esfera de ação determinista de uma luta contrária ao sistema capitalista. No caso específico da América Latina, os movimentos sociais constituem particularidades que se dão na atuação também presente das forças do Estado, isto é, a condição de presença ou ausência dos serviços públicos e a disputa pelo poder acabam por viabilizar parte do aspecto político dos mesmos. Suas bases são essencialmente sociais, mas o palco de atuação está na condição política, mesmo que o alcance dos objetivos alinhados ao controle ferramental do Estado condicione a autodestruição do movimento, ou seja, a desestruturação categórica de movimento social para governo⁸³.

A condição sociopolítica de ação, em termos da análise do fato histórico ligado à constituição do zapatismo, concebe a construção de uma força política pautada na luta armada e na identificação dos sujeitos como membros de uma mesma existência e dentro das

82 GOHN, 1997, p. 251.

83 *Idem*, p. 254-255.

possibilidades de compartilhamento de referenciais éticos, políticos e culturais, isto é, na formulação, mesmo que heterogênea, dos objetivos do grupo enquanto uma força não institucionalizada, arraigada nas ações práticas e, no caso específico, nas lutas social e política no México e anticapitalista no mundo.

Os documentos ressaltam o sujeito coletivo zapatista, criam uma noção do ser (identidade) que se envolve o não ser (alteridade), a herança e continuidade histórica de raiz memorial. Entretanto, tais condições de identidade e de temporalidade presentes aprofundam-se também na característica da fonte, marcada pela estruturação de um arquivo histórico. Ou seja: se os documentos criados em 1994 ressaltam a fusão entre passado e presente para tal contexto, a constituição do arquivo histórico traz – desde a reestruturação do mesmo em 2005 e até a atualidade – uma caracterização da memória do EZLN ainda existente.

Dessa forma, é preciso cuidado e atenção em perceber que os documentos analisados formulam aspectos complexos da relação memorial em duas perspectivas que são envolvidas pela coletividade zapatista: a primeira, enquanto uma orientação própria do documento em termo estrito estabelecido em um espaço e tempo que delimitam os vestígios da história e da memória e suas relações; e a segunda, enquanto uma condição de seleção e reorganização desses documentos em um arquivo histórico digital e público que marca a narrativa dos zapatistas na atualidade.

É importante, ainda, estabelecer espaços de interação do movimento social que formulam uma linha relacional entre temporalidade, identidade, cultura e política. É nesse processo de constituição do sujeito que a cultura envolve de forma contínua as características da política e coloca em evidência a práxis da revisão de noções políticas pelo meio cultural como uma alternância de poder e da forma de exercê-lo. Nada mais claro que a própria concepção das *asambleas* e a consulta às bases sociais como uma maneira de demonstrar os passos de uma relação com a cultura indígena de descendência maia e os objetivos da luta nacional zapatista⁸⁴.

É na identidade, portanto, e de maneira sempre presente relacionada à ancestralidade e à memória, que a cultura política zapatista se desenvolve e produz reações práticas, seja da declaração de guerra ao Estado nacional, seja na criação da Convenção Nacional

84 As *asambleas*, os relatos sobre a votação da guerra e mais presentemente a consulta às bases zapatistas após os primeiros diálogos entre EZLN e governo federal demonstram a prática de uma cultura política que revê as noções de poder e de democracia em um movimento social mexicano. Os resultados das consultas sobre os diálogos do início de 1994 que levaram em torno de três meses para serem concluídas – de março a maio do mesmo ano – podem ser marcados na publicação da Segunda Declaración de la Selva Lacandona em 10 de junho de 1994.

Democrática, isto é, através dos meios em que essa reorganização do pensamento político se articula para o cenário nacional mexicano.

Pensar nessa cadeia de interações encaminha a pesquisa para estabelecer a maneira que um movimento social na América Latina, e mais especificamente no México, teoriza suas ações práticas. Neste sentido, percebe-se que uma “cultura é política porque os significados são constitutivos dos processos que, implícita ou explicitamente, buscam redefinir o poder social”, orientando passos e ações de forma que as forças e compreensões culturais e os processos de lutas sociais desencadeiem o questionamento da ordem política pautada em uma prática cultural comum ou dominante que representa o modo de se fazer e de se definir esta política e quem dela pode participar⁸⁵.

Para este capítulo, buscou-se ressaltar de que maneira esse sujeito é criado e relacionado ao passado e à memória indígena e nacional/revolucionária, almejando também destacar a relação deste conjunto documental com a estruturação do arquivo histórico. Neste sentido, a primeira parte do capítulo observa que a formulação de projetos e pensamentos políticos estrutura parte da concepção da identidade coletiva do movimento social na perspectiva de relacionamento com as maneiras de pensar e compreender o contexto como parte fundamental do escopo prático do EZLN.

Ainda, em uma segunda parte do capítulo, foram selecionadas algumas fontes que formam um conjunto particular no ano de 1994 e estão ligadas aos contos, histórias e narrativas apresentadas pelo subcomandante Marcos na pessoa do Velho Antonio, ancião de uma das comunidades chiapanecas morto naquele ano. Neste sentido, a identidade indígena é ressaltada vinculando-se à cultura, aos símbolos, à cosmologia e aos rituais que expressam o aspecto resistivo dos ameríndios ligados aos seus ancestrais, mas também a uma força e razão políticas que se dão nos contextos e nos objetivos/interesses desses documentos.

2.1 O(S) SUJEITO(S) ZAPATISTA(S)

Indígena, revolucionário, profissional da violência, rebelde, mexicano, camponês, narcotraficante, ejidatário, guerrilheiro, estrangeiro... o ato de nomear os zapatistas e encaixá-los em um conceito que tenha a capacidade de abarcar a complexidade desse movimento é tão antigo e presente quanto o próprio 1º de janeiro de 1994. Aqui, todavia, não se trata exatamente de definir ou de caracterizar, de colocá-los em caixas ou conceitos pré-

85 ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 25.

estabelecidos, definitivos e totalizantes. Em verdade, essa ação levaria a uma certa desfiguração dos objetivos da pesquisa e, ao mesmo tempo, seria incapaz de dar conta do que uma imensidão de outros pesquisadores já tentaram.

De fato, os traços que marcam a proposta presente é desenvolver a apreciação de um conjunto de documentos que trazem os vestígios históricos de uma construção de identidade pelo movimento social e em como esse processo se envolve com a memória do mesmo. Uma parte importante da organização social, a constituição de um sujeito coletivo que consiga abarcar traços gerais da sociedade indígena lacandona em contato com e a partir do envolvimento com os demais grupos sociais, como os guerrilheiros, formam o sentido do “nós” zapatista. De forma clara: como os documentos analisados constroem o ser zapatista e a maneira como ele é conceituado partindo dos vestígios desses mesmos documentos.

Portanto, não é objetivo e também capacidade desta pesquisa estabelecer uma noção estruturante de quem é o sujeito zapatista – inclusive pelo fato de tal ação levar a uma premissa de hierarquização entre pesquisador e objeto – mas sim o de compreender como ele é mostrado e conceituado pelo arquivo histórico organizado pelo grupo líderante e responsável pela articulação política do EZLN, criando uma percepção particular do “quem somos” permanentemente relacionado ao “não somos” que se constrói social, cultural e politicamente.

Uma das distinções que estruturam a relação entre a memória e a identidade na conjuntura do movimento zapatista é a condição das temporalidades envolvidas na cultura indígena e na ancestralidade maia. Uma marca que consegue aprofundar a presença do passado na vida cotidiana e na prática das comunidades que, de certa maneira, envolve a estrutura mental e de vivência nas ações rotineiras, na percepção do tempo – diferente e talvez mais vagaroso se comparado ao compasso ocidental – e na maneira em como as personalidades e os mortos, nossos mortos⁸⁶, caminham e se relacionam com os vivos.

Dentro dessa perspectiva, é notório que o subcomandante Marcos, enquanto ladino, experimenta as relações e o modo de vida das comunidades de uma maneira peculiar. Percebe-se como essa cultura acaba por envolvê-lo e de certa maneira experienciá-lo. Em relato de 18 de março de 1994, entrevistado pela Rádio UNAM⁸⁷, Marcos destaca o processo

86 A presença desses mortos carregados de sentidos políticos e memoriais não é apenas ilustração, mas envolve o julgamento do passado que se dá no contexto de 1994 e adiante, isto é, na própria existência do movimento zapatista e, por isso, moldado no presente-identidade, no contexto de aparição e conflito com o governo mexicano que se estende até a atualidade (EZLN, 18 jan. 1994).

87 Rádio da Universidad Nacional Autónoma de México. Os entrevistadores foram cinco: David Vázquez, José Luis Vázquez, Joaquín Fuentes, Fernando Chamizo e Oscar Oliva.

de conhecimento da cultura das comunidades e da forma que os companheiros – indígenas – formulavam processos mentais e relacionais:

Y en todo ese proceso en el que me están enseñando eso [de viver nas montanhas], vienen también muchas historias de montaña, de montaña indígena quiero decir, historias de aparecidos, de muertos, de luchas anteriores, de cosas que han pasado, **que se mezclan mucho**. Parece que están hablando de la revolución y luego aparte (de la Revolución Mexicana, la pasada, no la que está ocurriendo ahorita) y a ratos no, parece que se confunde con la etapa de la colonia y a ratos parece que es la época prehispánica, pero **no hay una definición temporal**. Te están hablando de lo mismo pero lo puedes ubicar en tiempos diferentes⁸⁸ (grifo nosso).

Dessa forma, a percepção dessa miscelânea de temporalidades compreendidas de maneira própria, envolvida na cultura indígena, remonta a uma condição de trazer à tona ações que se perdem na cronologia e se estruturam de maneira memorial, vinculada a uma continuidade histórica que se mistura na prática social, isto é, na formulação que os viventes dão aos acontecimentos passados como se fossem parte de sua própria ação. De maneira clara, as histórias indígenas se fundem num processo misto de rememoração e identidade que formula a perspectiva do “ser” em relação ao passado.

É neste mesmo processo, assim, que a própria forma de conceber a resistência do EZLN e das comunidades indígenas se dá em relação à colonização e ao controle social e cultural da América que se expande para além dos âmbitos políticos, na perspectiva de se manter estruturas culturais em permanência ante as formas de dominação que determinam, por exemplo, a concepção cultural do tempo e das temporalidades⁸⁹. Nas palavras de Ríos Gordillo, a forma de resistir à implementação de uma ideia racional e ocidental da cronologia formula as maneiras que encontraram os indígenas de Chiapas para superar a dominação estrangeira/europeia:

Si la colonización implantó un tiempo lineal, propio del Occidente y el Cristianismo, el resultado no fue la asimilación pasiva de éste último. Los pueblos mayas preservaron el tiempo cíclico y sagrado como parte de su tradición y ‘el costumbre’, fuese en la siembra del maíz o en una diversa gama de ritos, danzas, rezos y fiestas⁹⁰.

88 EZLN, 18 mar. 1994.

89 Ou seja, constituindo o conceito de modernidade como mito, como as relações de colonização que foram estabelecidas no século XVI e adiante, nas quais os indígenas foram escravizados, humilhados e derrotados em suas práticas e cultura. Isto é, que foram submetidos a uma dominação externa que subjugava os rituais, as práticas econômicas e culturais como a concepção de gentios, da religião como endemiada, ou do trabalho como preguiça. Nas palavras de Dussel, “el mundo de la vida cotidiana conquistadora-europea ‘colonizará’ el mundo de la vida del indio, de la india, de América” (1994, p. 50, grifo nosso).

90 RÍOS GORDILLO, 2015, p. 93

Ou seja, a permanência de uma constituição própria e experiencial do que é o tempo e as maneiras de percebê-lo apresentam uma cultura contínua que se envolve no modo de agir e notar os passos cronológicos. Se dessa forma há a (re)existência ao passo da colonização em termos de criação do mestiço para o México e a inclusão de toda sociedade a essa categoria nacional e una/homogênea, ou, ainda, em transportá-la ao mesmo espaço de existência do controle político e geográfico da coroa espanhola ou dos Estados Nacionais Independentes majoritariamente controlados por *criollos*⁹¹, os indígenas extrapolam a condição de submissão para deliberar a prática de um sincretismo, isto é, uma resistência que “no fue hecha al margen del tiempo dominante, sino dentro de él”⁹².

É neste mesmo sentido que Bolívar Echeverría Andrade compreende – em uma perspectiva de longa duração – que as ações dos zapatistas em 1994 são resultados de uma conquista inacabada, ou seja, uma evidência de que “vivimos todavía el proceso tanto de una Conquista interrumpida como de un mestizaje interrumpido” devido ao fato de que os Estados latino-americanos se estruturam em uma ideia de continuidade para com a ação da Coroa espanhola de “que sólo acepta a los otros dentro de las fronteras de sus dominios en la medida en que dejen de ser otros, se autoaniquilen, y pasen a ser ‘connacionales’”⁹³.

O processo de ocultamento do outro, do indígena, dos povos originários, que a estrutura das sociedades mexicana e latino-americana constituem nos Estados nacionais/burgueses, mostra-se latente. Para o México, essa ação torna-se vigorosa quando da Revolução de 1910, momento em que uma parcela importante da população rural e camponesa participa do conflito armado e põe em pauta, inclusive na Constituição gerada em 1917, questões como a reforma agrária e as propriedades de tipo *ejidatárias*. Ao mesmo tempo, é o processo de reorganização e formação dos sentimentos nacionais que originam a ideologia da mestiçagem e colocam em evidência a participação dos indígenas na raiz nacional mexicana, porém apenas enquanto objeto memorial.

Como resistência, portanto, a constituição do movimento social zapatista articula essa expressividade cultural que as bases sociais de apoio – as comunidades – vivem e, ao mesmo tempo, determinam ao Exército Zapatista e seus membros. É dessa forma que a cultura indígena também se insere na maneira em que o movimento é orientado, organizado, delimitado e apresentado. A interação entre os fatores políticos e culturais, portanto,

91 Filhos de espanhóis nascidos na América no período colonial.

92 RÍOS GORDILLO, 2015, p. 93

93 ECHEVERRÍA ANDRADE, 2001, p. 109.

estabelecem a lógica do que seria, nas palavras de Walter Mignolo, a “revolução teórica zapatista”: uma reinterpretação da economia neoliberal, da cultura política mexicana, da história oficial e do processo de colonização da Mesoamérica, isto é, na construção da narrativa que sustenta a luta política e ética dos rebeldes⁹⁴.

Os sentidos teórico e prático envolvidos nas perspectivas cultural e política indígenas que formam o EZLN são presentes e se destacam ao longo dos documentos do arquivo histórico. Em 10 de abril de 1994, momento em que estão a ocorrer as consultas às bases sociais zapatistas sobre as primeiras propostas advindas dos diálogos ocorridos entre 21 e 28 de fevereiro do mesmo ano, consta o documento intitulado “Votán Zapata”. Direcionado aos mexicanos, povos e governos do mundo, imprensa nacional e internacional, o arquivo assinado pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral (CCRI-CG) traz uma série de considerações memoriais e místicas que estabelecem uma identidade própria.

Votán Zapata, entidade indígena e mexicana, articulação de uma mesma voz que nasce das resistências ancestrais e da vontade de rebeldia, é para os zapatistas a expressão do constante conflito colonial, da revolta ante o controle espanhol, francês ou estadunidense, é a encarnação das figuras construtoras da nação. Votán Zapata é a carga cultural indígena envolvida na história nacional mexicana:

Nombre sin nombre, Votán Zapata miró en Miguel, caminó en José María, Vicente fue, se nombró en Benito, voló en pajarito, montó en Emiliano, gritó en Francisco, vistió a Pedro. Muriendo vivió, nombrado sin nombre, en nuestra tierra. Nombre sin nombre, estando vino Votán Zapata en nuestra tierra. Hablando calló su palabra en nuestra boca. Viniendo está. Votán Zapata, guardián y corazón del pueblo⁹⁵.

Foi Votán Zapata, portanto, o guardião e coração do povo, o responsável pela história mexicana. É ele quem deu força e se fez presente no processo de Independência ao se fazer parte em Miguel Hidalgo, em José Maria Morelos, em Vicente Guerrero; resistiu às pressões externas ao se fazer em Benito Juárez; foi revolucionário em Emiliano Zapata e Francisco “Pancho” Villa. Ao se fazer parte/estar presente nos movimentos nacionais, tornou-se a expressão daquilo que organiza, guarda e afirma a vontade popular. De maneira conclusiva, para os zapatistas na conjuntura de 1994, Votán Zapata tornou-se o EZLN:

Es y no es todo en nosotros... Caminando está... Votán Zapata, guardián y corazón del pueblo. Amo de la noche... Señor de la montaña... **Nosotros...** Votán, guardián y

94 MIGNOLO, 2019, p. 123-165.

95 EZLN, 10 abr. 1994

corazón del pueblo. Uno y muchos es. Ninguno y todos. (...) Tomó nombre en nuestro estar sin nombre, rostro tomó de los sin rostro, cielo en la montaña es. Votán, guardián y corazón del pueblo. Y nuestro camino innominable y sin rostro, **nombre tomó en nosotros: Ejército Zapatista de Liberación Nacional**⁹⁶ (grifo nosso).

Ao compreender a tomada do corpo do movimento social como ação de Votán Zapata, o EZLN se alça tanto como personagem político nacional – ação que a continuidade do conflito confirma – e também popular, compreendido como o mexicano em sua totalidade: indígena e mestiço. Nesta proposta, portanto, configura-se de maneira clara uma perspectiva memorial que traz do passado a força e rebeldia nacionais e indígenas, expressos em um mesmo ser místico, que expressa aquilo que os zapatistas afirmam a si: guardião e coração do povo.

Desse modo compreende-se uma dupla organização memorial na perspectiva mística: não se trata unicamente de Votán enquanto ser das montanhas e defensor dos povos originários, mas também não o é apenas Zapata enquanto revolucionário e símbolo da dimensão popular da Revolução Mexicana de 1910. Trata-se da unificação e acordo que baseia a própria história do surgimento do EZLN a partir da relação entre as duas partes: os indígenas – rurais, camponeses, ejidatários – e a nacionalidade mexicana – revolucionários, urbanos, rebeldes.

Tomar a vontade popular como parte significativa da memória e da identidade dá cargo aos zapatistas daquilo que se conforma no desenvolver de 1994 com a Segunda Declaração da Selva Lacandona e a criação da Convenção Nacional Democrática (CND): a formação de uma força política armada que se propõe enquanto milícia da sociedade civil em busca de organização e alteração das estruturas políticas mexicanas. Um movimento e exército de cunho popular.

A CND surge como a ação da Segunda Declaração de rechaçar as propostas governamentais resultadas dos diálogos de fevereiro e, ao mesmo tempo, criar uma alternativa política para o México. Como convenção, estabelecia uma vinculação memorial com a mesma que aconteceu em Aguascalientes em 1914, a *Soberana Convención Revolucionaria*, e buscava organizar uma frente política unificada que pudesse estabelecer um governo transitório e a proposta de uma nova Constituição. Neste sentido, a CND empresta o nome do local de realização da convenção de 1914 – um dos municípios sob comando zapatista foi

96 EZLN, 10 abr. 1994.

nomeado “Aguascalientes” – e também o sentido que os zapatistas carregavam em 1914 segundo os de 1994: o de gerar um encontro entre revolucionários civis e militares⁹⁷:

Llamamos a la realización de una Convención Democrática, nacional, soberana y revolucionaria, de la que resulten las propuestas de un gobierno de transición y una nueva ley nacional, una nueva Constitución que garantice el cumplimiento legal de la voluntad popular. El objetivo fundamental de la Convención Nacional Democrática es organizar la expresión civil y la defensa de la voluntad popular. La soberana convención revolucionaria será nacional en tanto su composición y representación deberá incluir a todos los estados de la Federación, plural en el sentido en que las fuerzas patriotas podrán estar representadas, y democrática en la toma de decisiones, recurriendo a la consulta nacional. La convención estará presidida, libre y voluntariamente, por civiles, personalidades públicas de reconocido prestigio, sin importar su filiación política, raza, credo religioso, sexo o edad. La convención se formará a través de comités locales, regionales y estatales en ejidos, colonias, escuelas y fábricas por civiles. Estos comités de la convención se encargarán de recabar las propuestas populares para la nueva ley constitucional y las demandas a cumplir por el nuevo gobierno que emane de ésta. La convención debe exigir la realización de elecciones libres y democráticas y luchar, sin descanso, por el respeto a la voluntad popular⁹⁸.

Em 16 de abril de 1994, a conformação desse espaço popular é ressaltada na condição de existência do EZLN. Intitulado “Sobre los Jóvenes”, o documento é uma entrevista do subcomandante Marcos ao jornalista Ignacio Núñez Pliego na qual o zapatista ressalta que “el EZLN no surge de una acción militar sino de una acción social. Fue una larga acumulación en silencio, de politización de los pueblos chiapanecos”, isto é, há uma demanda social que se sobressai às vontades individuais ou meramente violentas dos grupos rebeldes. Há um desejo popular de mudança, que é catalisado pelo grupamento zapatista em Chiapas e formula, dessa maneira, parte de sua própria existência.

Neste sentido, a compreensão da participação popular se torna uma veia que pulsa na ânsia daquilo que representa o EZLN. Enquanto exército, o movimento ocupou espaços políticos importantes que eram vácuos de expressividade na perspectiva democrática que se tornava o México. A saída frente a um controle do PRI por mais de setenta anos não se dava na derrubada das instituições, mas na criação de uma organização social que fosse capaz de fazer frente aos desmandos políticos nacionais. Esta é, em base, a expressão da criação da proposta da CND na Segunda Declaração:

La actual legislación mexicana es demasiado estrecha para estas nuevas relaciones políticas entre gobernantes y gobernados. Es necesaria una Convención Nacional Democrática de la que emane un Gobierno Provisional o de Transición, sea mediante la renuncia del Ejecutivo federal o mediante la vía electoral. Convención Nacional

97 Como afirma Marcos em entrevista a Epigmenio Ibarra (EZLN, 21 jun. 1994).

98 EZLN, 10 jun. 1994.

Democrática y Gobierno de Transición deben desembocar en una nueva Carta Magna en cuyo marco se convoque a nuevas elecciones. El dolor que este proceso significará para el país será siempre menor al daño que produzca una guerra civil. La profecía del sureste vale para todo el país, podemos aprender ya de lo ocurrido y hacer menos doloroso el parto del nuevo México⁹⁹.

As novas relações políticas se caracterizam pela criação de um espaço livre e democrático, em que a política não seria uma disputa entre organizações, mas sim entre propostas de governo que dependeriam da base social que possuem e não do monopólio da violência por parte do controle das forças armadas. Além disso, figura-se a criação de controles civis/de vigilância para fazer valer o cumprimento das propostas vencedoras da qual o plebiscito seria uma forma “regulada de confrontación Poder-partido político-Nación y merece un lugar relevante en la máxima ley del país”¹⁰⁰.

Através do fim dos diálogos e negociações entre EZLN e governo federal, do qual a Segunda Declaração é síntese dos desejos do movimento, nota-se uma alteração da própria consideração geral do movimento sobre os caminhos a serem tomados politicamente. Enquanto na Primeira Declaração – uma declaração de guerra – o movimento colocava em pauta a ação dos poderes legislativo e judiciário, na Segunda é a sociedade civil, na definição de uma Convenção Nacional, a chamada a tomar os poderes e a dirigir o país a um Governo Provisório ou de Transição e a uma nova Constituição.

A realização da CND é marcada para o início de agosto de 1994, poucos dias antes da realização das eleições presidenciais do dia 21 do mesmo mês. Nela, as expressões de uma articulação popular marcam a construção dos interesses do movimento. São chamados e identificados todos os mexicanos que busquem uma mudança política nacional. Nas palavras do subcomandante Marcos em entrevista coletiva no dia 9 de agosto de 1994, “a todos los mexicanos que están por el cambio”¹⁰¹.

Neste sentido, a criação da CND abarca tomar ações com o objetivo de construir uma força social mexicana e, ao mesmo tempo, delimitar uma instituição de regulação a que o próprio EZLN se submete. Reconhecendo a participação de uma importante expressão da sociedade mexicana na CND, os zapatistas colocam em voga os sentidos práticos dessa política, que se baseiam na lógica de mandar obedecendo expressa na Segunda Declaração e nos demais documentos do movimento¹⁰². É dessa maneira que a concepção política zapatista

99 EZLN, 10 jun. 1994.

100 EZLN, 10 jun. 1994.

101 EZLN, 09 ago. 1994.

102 Esta é a interpretação do zapatismo sobre a democracia: “Es razón y voluntad de los hombres y mujeres buenos buscar y encontrar la manera mejor de gobernar y gobernarse, lo que es bueno para los más para

se mistura com sua própria constituição identitária, isto é, que formula os sentidos coletivos para a rebeldia em Chiapas.

Na mesma entrevista de Marcos em 9 de agosto de 1994 – realizada durante a CND – a afirmativa do reconhecimento da vontade popular é determinante. Nela, enquanto questionado por Silvie Duras representando a Radio Canadá sobre a criação de um movimento popular e a necessidade ou vontade de instituir um tipo de partido político zapatista, o subcomandante responde que:

Nosotros no generamos el movimiento popular, eso sería vanidoso, y mentira además. El movimiento popular ya existía, tal vez lo que significó es que la voz del ejército zapatista decía cosas que querían decir muchos y que de una u otra forma lo único que nosotros hicimos es usar nuestra voz para llamar en el mismo canal, o en la misma frecuencia que querían escuchar todos para aquí reunirse y tomar esta decisión. El papel del ejército zapatista no es dirigir al pueblo de México, es apoyarlo, seguirlo en todo caso, y cuando sea necesario actuar a su favor. No somos un partido político, no aspiramos a serlo, no aspiramos a tomar el poder, repito, pero sí aspiramos a que toda esta gente que está aquí llegue al poder, un poco en forma más ordenada que como llegó a Aguascalientes, espero¹⁰³.

O reconhecimento do zapatismo como parte ou catalisador de um movimento popular – e não gerador – é um ponto de exclamação que ressalta as características do EZLN desde seu processo de formação. É somente a partir da unificação entre comunidades indígenas e guerrilheiros urbanos – em que há um controle do movimento como um todo por meio da ascensão de líderes indígenas e da criação CCRI-CG em lugar dos combatentes urbanos – que o EZLN é definido e tornado público em 1994. A lógica do mandar obedecendo, enquanto uma liderança que se submete às vontades e anseios de sua base social, é prática que envolve e experiencia a síntese do zapatismo em Chiapas. Tornar-se, em verdade, o EZLN nos anos de preparação na Selva (1983-1993) foi um processo – na narrativa da memória zapatista – que articulou teorias, práticas, culturas e políticas distintas em um mesmo significado.

É neste sentido que a formação da CND é um processo de reorganização da luta zapatista em 1994. A criação dos sentidos memoriais não faz apenas vinculá-los ao processo revolucionário do início do século XX, mas também define ações que se propõem aos mesmos objetivos de então, isto é, estabelecer um governo provisório e uma nova

todos es bueno. (...) Fue nuestro camino siempre que la voluntad de los más se hiciera común en el corazón de hombres y mujeres de mando. Era esa voluntad mayoritaria el camino en el que debía andar el paso del que mandaba. Si se apartaba su andar de lo que era razón de la gente, el corazón que mandaba debía cambiar por otro que obedeciera. Así nació nuestra fuerza en la montaña, el que manda obedece si es verdadero, el que obedece manda por el corazón común de los hombres y mujeres verdaderos. Otra palabra vino de lejos para que este gobierno se nombrara, y esa palabra nombró 'democracia' este camino nuestro que andaba desde antes que caminaran las palabras." (EZLN, 26 fev. 1994).

103 EZLN, 09 ago. 1994.

Constituição. Mais ainda, é parte de uma convocação realizada por um grupo rebelde, em conflito com o Estado e que se define enquanto marginal. Nas palavras de Marcos, “un grupo de hombres y mujeres sin rostro, armado, ilegal y en rebeldía contra el supremo gobierno”¹⁰⁴.

Afirmar-se enquanto mexicano é o primeiro passo da vontade zapatista. De fato, as estruturas de vinculação memorial para com as ações e espíritos do passado indígena e nacional¹⁰⁵ são a base da rebeldia em Chiapas. Todavia, enquanto forma de articular uma expressão que extrapole o âmbito local ou regional, o movimento formula bases de leituras que demarcam um tipo de recorte socioeconômico e cultural com aspectos de classe que destacam compreensões e identidades articuladas como uma parte da expressão popular. Neste processo, por exemplo, é notável o espaço de lutas enquanto uma forma de transposição da exploração e da submissão ao poder e ao capital demonstrados nos passos do governo, das instituições, ou do neoliberalismo.

É o que se percebe em uma publicação de 29 de setembro de 1994 intitulada “Mensaje por el aniversario de la masacre del 2 de Octubre” e assinada pelo CCRI-CG. A aproximação que o movimento estabelece com os acontecimentos de Tlatelolco em 1968 não estrutura apenas uma significação memorial, mas também um vínculo constitutivo. De maneira direta, a organização destaca que “nosotros somos el Ejército Zapatista de Liberación Nacional, organización rebelde contra el mal gobierno que padece nuestra patria”. O conjunto de significações desta afirmativa é complexo: ser um exército de cunho regular e não apenas uma guerrilha ou uma força política em formação¹⁰⁶; um exército que é zapatista; e de libertação nacional; e que luta e se organiza contra a institucionalidade e prática política vigente, ou seja, em contrário ao *mal gobierno*.

Neste sentido, a lógica da aproximação do EZLN a uma vontade popular e mais especificamente a uma rebeldia nacional – a uma noção de que ser mexicano é ser manifestante/revolucionário/rebelde – envolve criar laços memoriais para com os

104 EZLN, 01 jul. 1994.

105 Há um cuidado a ser tomado: na perspectiva dos documentos zapatistas, apesar de algumas separações importantes entre o indígena e o mexicano, as narrativas buscam em sua grande maioria apontar um vínculo seminal entre ambos. Ou seja, para o EZLN não é possível pensar o México sem os indígenas e, ainda, são estes os responsáveis pelo país existente. Assim, há momentos de separação e de aproximação entre os sujeitos que variam conforme os objetivos, público-alvo e a narrativa dos documentos. Para citar dois exemplos: EZLN, 26 fev. 1994, no qual há uma separação entre o que são os homens verdadeiros do México, os indígenas e EZLN, 1º mai. 1994, quando o movimento operário é buscado para se aproximar do EZLN em data comemorativa do dia do trabalhador.

106 Como criticava o movimento as afirmativas do governo mexicano antes mesmo dos primeiros diálogos de fevereiro de 1994. É neste sentido que destacam que a base de um possível diálogo era reconhecer a equidade de ambos os lados e isso levava em conta a aceitação da noção de força beligerante aos zapatistas. (EZLN, 31 jan. 1994).

acontecimentos desse passado trazidos ao presente que aqui se destaca no Massacre de Tlatelolco:

Ustedes, hermanos, los estudiantes, los obreros, los colonos, los campesinos, las amas de casa, los empleados, los artistas e intelectuales honestos, los hombres, los hombres y mujeres que hace veintiséis años participaron en uno de los movimientos más importantes de este doloroso siglo, saben lo que es luchar contra la mentira y la calumnia, lo saben sus hijos, los hombres y mujeres que, después de 1968, lucharon y luchan contra el sistema de injusticias. Hoy, como hace veintiséis años, el mexicano, que no acepta limosnas, que no acepta opresiones, que es digno, que se rebela, que lucha, es sospechoso de no ser mexicano, de ser extranjero¹⁰⁷.

A condição da coletividade expressa por uma miscelânea de sentimentos e memórias são buscadas para fortalecer a nacionalidade. Não se trata unicamente de apontar os acontecimentos do outubro de 1968 como parte da fundação do EZLN, mas sim de conceber os processos políticos como parte de um mesmo sujeito, o mexicano. Dessa maneira, a identificação do outro – inimigo ou adversário – como estrangeiro é uma forma de determinar os membros de um conflito e legitimá-los ante a coletividade nacional. Ser acusado de ter participação estrangeira foi uma das primeiras ações ocorridas para com o levante de janeiro de 1994 e, ao mesmo tempo, delimita um sentido de nacionalidade que é despertado pela condição da figura do indígena como gentio e/ou incapaz e da aproximação cronológica dos movimentos guerrilheiros da América Central e do fim da Guerra Fria¹⁰⁸.

Formar uma base política de crítica ao governo é condição favorável em um momento em que se há uma força social e política robusta de questionamento à ordem e controle do Partido Revolucionário Institucional (PRI). Desde o final da década de 1980, especialmente após a fraude eleitoral de 1988 e a vitória de Salinas de Gortari (1988-1994), há um descontentamento geral que se expressa não apenas no EZLN, mas nos demais movimentos, como a conformação do Partido da Revolução Democrática (PRD), nas dissidências internas representadas em ações violentas, como o assassinato do então candidato a presidente pelo PRI, Luis Donaldo Colosio, e nas altas taxas de abstenção eleitoral¹⁰⁹.

107 EZLN, 29 set. 1994.

108 Este é um exemplo que é dado por Marcos logo no início do conflito. Em entrevista de 4 de janeiro de 1994, ao ser questionado sobre uma possível ação de intervenção estadunidense, o subcomandante afirma que “Los Estados Unidos tenían antes la coartada de la Unión Soviética, tenían la infiltración soviética en nuestro país. (...) No pueden seguir pensando que estamos siendo manipulados desde el extranjero o que nos financia el oro de Moscú, visto que Moscú no existe ya. Basta con preguntarle a Yeltsin.” EZLN, 4 jan. 1994.

109 Para citar o exemplo das eleições presidenciais de 1988, nos resultados oficiais da contagem de votos mostra-se a taxa de 48,4% de abstenções (FUSER, 1995, p. 25-28).

Luis Donaldo Colosio foi presidente do PRI de 1988 a 1992, quando fora chamado para ocupar a pasta de Secretário de Desenvolvimento Social. Escolhido como sucessor de Salinas de Gortari para o sexênio de 1994-2000, Donaldo Colosio foi assassinado em Tijuana, Baja Califórnia, em 23 de março de 1994. O EZLN emite três documentos que falam do ocorrido e destacam ações e percepções: determinam o fechamento dos diálogos e dos acessos dos meios de comunicação ao território zapatista ao estabelecer um alerta vermelho e afirmam o descontrole político como uma ferramenta de força para a manutenção do poder aos setores mais autoritários do PRI, chamados de “línea dura”. Os documentos “Sobre el asesinato de Colosio: Ellos... Por qué tuvieron que hacer eso”, “Sobre el asesinato de Colosio: El EZLN sabe que el artero crimen es sólo el preludio de una gran ofensiva militar del gobierno federal”, “Sobre el asesinato de Colosio: La situación actual en nuestro país obliga al CCRI-CG del EZLN a dar por terminada su política de apertura total e indiscriminada a los medios de información”, todos de 24 de março de 1994, representam diretamente a leitura do EZLN sobre o assassinato de Donaldo Colosio.

Ao mesmo tempo que o México demonstrava uma efervescência política da qual o EZLN é parte, a formação de um sentido político rebelde também perpassa, para os zapatistas, a estrutura social do país e as relações de poder. Em documento presente no arquivo – “La larga travesía del dolor a la esperanza”, datado de 22 de setembro de 1994 –, a leitura da condição socioeconômica do México é tratada de maneira metafórica. O texto é direcionado como uma homenagem ao *señor Ik’* ou “senhor negro”, apelido de Miguel Hernández Hugo, um dos fundadores do CCRI-CG, desaparecido em 2 de janeiro de 1994¹¹⁰. O país é figurado como uma residência da qual é possível “llegar por la planta alta o por el sótano”.

O texto inicia com o relato de uma conversa entre o escritor – que não é identificado, mas indica ser o subcomandante Marcos¹¹¹ – e um guatemalteco que está a migrar para os Estados Unidos da América em 1993. O andarilho é questionado sobre o motivo de ir ao país do norte e se não era melhor permanecer no México, encontrando trabalho em algum dos Estados da nação. A resposta é uma perspectiva do que é o país:

“Si no estoy loco para hacerlo. Si nosotros estamos en Guatemala, ustedes están en ‘Guatepior’ pues” y platicaba la historia que contaban los que habían logrado llegar hasta la frontera norte mexicana y habían sido deportados por la BORDER PATROL: un México bastante alejado de las promociones turísticas, policía asesina,

110 EZLN, 22 set. 1994.

111 Segundo a *línea editorial zapatista*, Marcos é responsável, no cargo de porta-voz, por todos os documentos redigidos pelo movimento, apesar de não o ser individualmente, isto é, de que todas as publicações passem por deliberação do CCRI-CG (EZLN, 28 jun. 1994).

funcionarios corruptos, mendicidad, precios de Norteamérica y salarios de Centroamérica, guardias blancas, población en la miseria, desesperanza¹¹².

Essa longa viagem refere-se a uma particularidade dos processos migratórios na América Central, mas, para os zapatistas e mexicanos, representa também uma realidade para o México que se vê instável, economicamente frágil e inseguro¹¹³. Dessa forma, a visão do guatemalteco é uma “historia que ya conocíamos” e, por isso, um dos motivos da rebeldia. Na continuidade do documento, há a apresentação de quatro cômodos que representam a situação do México e a maneira que é possível chegar a eles.

O primeiro cômodo trata-se da *planta alta*, na qual só é possível chegar de avião. As localidades são o Distrito Federal, Monterrey, Guadalajara ou Acapulco, Estados com maiores cifras econômicas do país. É o local onde estão os 24 homens mais ricos da nação e que controlam US\$44,100 milhões de dólares¹¹⁴. Trata-se do México neoliberal, controlado pelos milionários, acionistas e grandes empresários. Um país que se determina pela vontade política de tal grupo, do qual o presidente é cargo controlado por tal grupo.

O segundo cômodo, o México do meio, trata-se de um setor urbano que busca ser uma cópia do Distrito Federal em outras localidades. Chega-se de carro e é pautado por uma vocação estrangeira, isto é, uma concepção de que “para ‘triunfar’ en México hay que irse al extranjero”, mas não necessariamente num movimento físico e sim “irse en la historia, en anhelos”, submeter-se ao modo de vida do estrangeiro, ao *American Way of Life*. É um México que busca inspiração externa como consequência de perspectivas frustradas e da colonialidade que abarca a ideologia das classes médias.

O terceiro cômodo é o México de baixo, que convive constantemente em conflito com o do meio para ocupar seu lugar. É um local urbano e rural em permanente conflito e relação, com fronteiras e divisões internas marcantes na existência de grandes empresas agrícolas, fincas e fazendas disputando espaço com ejidos e comunidades camponesas. Nas cidades, a marca da localidade cria espaços de convivência que definem status e classificações. “Dentro de la ciudad hay miles de ciudades, peleando, sobreviviendo, luchando”. É cheio de miséria, é “carne de presidios, de despojos, de embargos, de razzias, de despidos, de desalojos, de

112 EZLN, 22 set. 1994.

113 Foi no final de 1994 e início de 1995 que o México passou por uma forte crise econômica anunciada pelo aumento do déficit e a sobrevalorização do peso que abriram margem para a fuga em massa de capitais abarcadas na lógica do TLC em vigor desde janeiro de 1994. Foram enviados US\$ 52 bilhões de dólares dos EUA e FMI para conter a crise que gerou impactos no consumo, nos empregos, nos investimentos e na inflação. (DE LA PEÑA, 1997, p. 147-158).

114 Segundo o documento, os dados mostrados tratam-se de estatísticas do International Bank for Reconstruction and Development/World Bank e são de julho de 1991.

secuestros, de torturas, de desapariciones, de bronca, de muerte”. É um México pobre que se relaciona constantemente com a riqueza, que convive com a exploração do trabalho e da natureza. Está tão abaixo que “casi no se ve esa pequeña puerta que da al México del sótano”.

E o último cômodo é o México indígena, que “para el resto del país no cuenta, no produce, no vende, no compra, es decir, no existe”. É o local que mais possui miséria e alto grau de marginalização. Um México que é ignorado, que não está presente no Tratado de Livre Comércio (TLC), que foi o primeiro, quando a terra ainda não possuía aquele nome. “Entre lodo y sangre se vive y muere en el sótano” e, por ser a origem e a base, é aquele que consegue “organizarse y sacudir al sistema entero”.

Entender a estrutura social do país organizada em uma pirâmide dividida em cômodos é um reforço e uma orientação que indicam as compreensões políticas do EZLN. Neste sentido, as classes, organizadas em quatro cômodos, apresentam-se por um tipo de classificação de cidadania, da qual os indígenas estariam em uma ordem em formação, isto é, de incapazes:

Quienes niegan al campesino indígena mexicano la posibilidad de entender el concepto NACION y lo obligan a mirar hacia su pasado (que lo separa el resto del país) y le impiden ver al futuro (que es lo que lo une a la Nación y es su posibilidad UNICA de sobrevivencia como indígenas) reiteran la división no de clases sociales, sino (forma disfrazada de la anterior) la división de categorías de ciudadanos: los de primera (la clase gobernante), los de segunda (los partidos políticos de oposición) y los de tercera (el resto de los ciudadanos). Los indígenas estarían en la muy inferior categoría de “ciudadanos en formación”, el sótano de la nación mexicana, el desván a donde uno se asoma cada tanto para buscar algo que todavía se pueda usar en los pisos de arriba, o a arreglar algún desperfecto que ponga en peligro el equilibrio y la estabilidad del edificio¹¹⁵.

Portanto, enquanto maneira disfarçada da divisão de classes sociais, a configuração de um tipo de não-classe, isto é, de sujeito ausente até mesmo das relações mais estruturais da conjuntura capitalista, expressa um sentido catalisador do movimento social que é a perspectiva de rebeldia ante as configurações de cidadania, de humanidade. É neste sentido que a condição particular das comunidades indígenas se expressa enquanto a retomada de uma formação cultural, ética, moral e digna de sociedade, pautada na determinação de que o porão é capaz de sacudir o telhado e todo o edifício.

A proposta de renovação das relações políticas e a criação de uma nova cultura política destacam e têm ponto-chave na interpretação dos aspectos éticos, do sentido e da arena de definição do que é o político. Para os zapatistas, a necessidade de alteração estrutural

115 EZLN, 22 set. 1994.

faz parte em um apontamento da política, no âmbito capitalista, como uma disputa de programas de governo em busca do bem comum¹¹⁶.

Esta ética e dignidade que envolvem o pensar político zapatista são pautadas tanto na experiência das comunidades indígenas – seja por meio das *asambleas* ou da lógica de mandar obedecendo – como no anseio social de buscar uma política próxima da realidade, isto é, que não crie cômodos ou diferenciações/classificações/categorias de cidadãos, mas que seja parte da vida cotidiana da maioria da população. É neste sentido que a revolução zapatista torna-se essencialmente cultural, que almeja um sentido moral de constituição do ser humano com um espaço de dignidade¹¹⁷.

Na maneira em que se desenvolve o processo de conflito em 1994, logo nos períodos iniciais e até mesmo na Primeira Declaração, o EZLN trata de apontar uma característica que de tão presente se torna uma forma discursiva de identificação, que é o de lutar pela dignidade e que abarca, dessa forma, uma razão moral. Há a percepção por parte dos documentos de criar gatilhos que se suportam sobre a ótica do modo de se fazer política no México e que destacam a condição da dicotomia analítica dos espaços institucionais pelo movimento social.

Esse sentido ético reinterpreta condições sociais históricas a que os sujeitos marginalizados estão submetidos. Em verdade, aproximar-se dessa carga memorial estabelece uma formação identitária interessante. Em 3 de agosto de 1994, quando em processo de inicialização da CND, Marcos escreve um documento intitulado “P.D. que delata lo que en realidad esconde ‘Aguascalientes’”. Uma das características de documentos escritos e assinados diretamente pelo subcomandante é a presença de pós-datas (P.D.) que trazem uma particularidade no contexto geral dos documentos. Nesse sentido, as P.D.s são um acesso ao pensamento de Marcos e estabelecem uma aproximação da ideia geral do escritor sobre um assunto. Enquanto documento, trata-se de uma carta enviada aos periódicos *Proceso*, *La*

116 O subcomandante Marcos critica fortemente a caracterização dos objetivos do EZLN em 1994 como utópicos. Para ele, em entrevista a Epigmenio Ibarra em 21 de junho de 1994, um movimento que luta por democracia, liberdade e justiça não pode ser chamado de utópico pelo fato de que luta por direitos. Chama aos intelectuais que assim pensam de céticos e carregados de “conformismo e inmovilidad”. Destaca que, como objetivo, “lo que nosotros estamos tratando de hacer es abrir un espacio para que tal vez la suma de escepticismos no signifique necesariamente un escepticismo a la *n* potencia sino la posibilidad realmente de darnos cuenta de que la utopía no es tal cosa sino que es un derecho por el que hay que luchar. Y que en el peor de los casos todas las revoluciones eran utópicas en la víspera y todos los cambios profundos que ha habido en la humanidad en toda su historia eran utópicos el día previo al que se hicieron realidad”. (EZLN, 21 jun. 1994.)

117 Expressão utilizada por Marcos em entrevista a Le Bot, 1997, p. 61.

Jornada, El Financiero e Tiempo como apresentação de outras cartas assinadas pelo CCRI-CG¹¹⁸. As P.D.s se estruturam como uma forma sarcástica e própria da escrita de Marcos.

Na pós-data, após o fim do primeiro encontro da Convenção e esvaziamento do local, um movimento aparentemente caótico transforma os zapatistas em piratas e o local, *Aguascalientes*, em um navio: “la lona en realidad es velamen, las bancas remos, la colina del cuerpo de un poderoso navío, la tarima es el puente mando. (...) ‘Aguascalientes’ se devela, se revela. Un barco pirata, el único, el mejor”. Marcos, ao retirar o *pasamontaña*, se transforma na simbólica imagem do marinheiro com um tapa-olhos e perna de pau.

Ao zarpar, o navio enfrenta a noite, o mar e o vento, um forte vento de furacão. O navio, inicialmente descontrolado e à deriva em direção a um recife de corais, é tomado pelo subcomandante que, por fim, consegue retornar à baía da qual havia partido. Ainda nesse mar, os monstros se revelam parte das instituições governamentais; os cidadãos, os ricos, os terrenos, os “grandes señores de múltiples palacios”, as “gentes que se dice buena y lleva mierda en las venas y podredumbre en las entrañas” gritam em favor do encarceramento, do silenciamento e da morte de tão violento pirata, “transgresor de la ley”, “profesional de la violencia”.

A imagem do pirata, dessa forma, aproxima-se da imagem dos zapatistas. Para Marcos, um pirata – como acabara de se tornar – é a imagem do incompreendido, da injustiça e da luta social:

Ahora soy un pirata... Un pirata es una ternura que explota fiera, es justicia incomprendida, es desconsolado amor, es triste batallar y soledad compartida, es un siempre navegar sin puerto, es perenne tormenta, es beso robado, es siempre insatisfecha posesión, es sin descanso¹¹⁹.

Criar a metafórica presença da imagem dos piratas como parte dos zapatistas lança olhares ao sentido dado aos movimentos sociais como um todo. Estabelecer a crítica ao modo de percepção e ao ferrenho desdém pela vida marinha dos marginalizados fornece uma narrativa de incontáveis identidades que sobrepassam tempo e espaço. A articulação de uma perspectiva subjetiva, envolvida pela caracterização da marginalidade, demanda um sentido para a identidade zapatista, como se observa nas palavras de Marcos ao definir-se:

Pirata extraviado, profesional de la esperanza, transgresor de la injusticia, bandido de suspiros, amo de la noche, señor de la montaña, hombre sin rostro y sin mañana, y,

118 Neste caso são o EZLN, 3 ago. 1994.

119 EZLN, 3 ago. 1994.

ahora, confeso conspirador que pinta barcos del color de “Aguascalientes”, es decir, del color de la esperanza...¹²⁰

Uma poética em observar os passos em ocorrência. A metafórica representação do pirata, dessa maneira, estabelece vínculos com a esperança, com os desejos e anseios que marcam as propostas políticas zapatistas. Caracterizar a luta como uma infundável ação contra o peso das monstruosidades das instituições e a vontade de setores que controlam parte do poder econômico remonta a pensar a esperança em um sentido utópico, em uma força motriz que é responsável pela ação dos humanos, cria no âmbito das mentalidades, da memória e da cultura o ponto-chave da explicação da realidade e da prática social.

De forma conclusiva, a complexidade dessa miscelânea de fatores culturais, políticos e éticos representa a maneira como o EZLN se expressa, pensa e articula politicamente as ações. Estabelecer-se em uma conjuntura específica delimita a condição de teorizar “o quem somos” a partir da carga de espaços interativos entre “de onde viemos” e “para onde vamos”. Neste sentido, o presente e a identidade na estrutura desta pesquisa buscaram demonstrar que não apenas um passado enquanto gerador da vida e da realidade – ou, ainda, enquanto criador de heranças, estabelecido em uma memória – e um futuro, marca dos projetos, desejos, releituras e experiências, formulam parte de um movimento social como o zapatista em Chiapas.

Em verdade, a relação entre os recortes memoriais estabelecidos é mais analítica que prática. O envolvimento entre aquilo que está no presente de 1994, criando contextos e práticas, o passado histórico e narrativo e o futuro projetado partem de uma mesma constituição memorial: o arquivo histórico. Neste sentido, a intensa relação entre a seletividade, os conceitos e as temporalidades como marcos de uma época estruturam a complexa gama de memórias do EZLN.

Enquanto parte fundamental de uma memória e de um movimento social, a criação da identidade coletiva expressa – de forma tão contundente quanto em relação às perguntas filosóficas mais primordiais de compreensão humana – o sentido, a razão, o motivo de se entrar em guerra contra um Estado/governo que se envolve e se confunde com o próprio partido político como o PRI no México. É com esta mesma configuração de contexto que o EZLN expressa – mesmo que em negação para alguns casos – seu projeto de nação e sua revolução teórica que não deixa de ser prática.

120 EZLN, 3 ago. 1994.

2.2 ENTRE INDÍGENAS, CONTOS E IDENTIDADES

Como aspecto dos documentos do arquivo histórico datados no recorte de 1994, oito deles formam uma singularidade que se destaca no desenrolar das atividades e da narrativa do movimento social: as histórias/contos escritos pelo subcomandante Marcos com a participação póstuma/espiritual/memorial de Velho Antonio.

Não terminam em 1994, mas se multiplicam ao passo da existência do EZLN. As histórias e as narrativas escritas por Marcos na voz de Antonio sublinham uma cultura indígena comunitária de raiz maia, pré-hispânica em seus métodos de explicação da origem dos deuses e do mundo, como também educativa, como traduções que envolvem a junção dos mundos ladino e indígena, como parábolas que transportam os pensamentos e as mentalidades a uma condição não só de rebeldia, mas de resistência a processos longos e constantes de domínio e colonização política e cultural.

Como um movimento contrário, as histórias estabelecem uma escrita dos mitos e dos símbolos indígenas chiapanecos ao mundo ocidental. Se, como afirma Armando Bartra¹²¹, os missionários europeus traduziam os escritos cristãos à linguagem ameríndia na busca por doutriná-los, de maneira própria o subcomandante Marcos, utilizando-se da rede mundial de computadores e da virtualidade, exporta a oralidade e o ritmo camponês, a estrutura dos símbolos e mitos indígenas, ao mundo ladino a serviço de uma mensagem política.

Neste sentido, o processo memorial toma uma passagem particular mas não inédita: da oralidade e do ritualístico para o escrito e virtual, isto é, de uma memória comunitária, constituída através da hereditariedade e da simbologia das culturas indígenas, a uma formulação política e de resistência que se envolve com as práticas da luta zapatista, da constituição dos processos administrativos internos e da concepção das mentalidades dos indígenas chiapanecos em rebeldia.

A forma como os deuses originais e primeiros da mitologia indígena sempre se reuniam em assembleias para tomar decisões importantes era a base para a formulação de uma representação das características comunitárias das bases sociais do zapatismo. De maneira similar, tanto na declaração de guerra quanto em momentos de tomada de decisões – como as

121 Ao prólogo de um livro que sistematiza as histórias de Velho Antonio publicado em 1998. MARCOS, subcomandante Insurgente. **Relatos de el Viejo Antonio**. México: Centro de Información y Análisis de Chiapas, 1998. p. 13.

consultas sobre os diálogos em San Cristóbal de Las Casas em fevereiro de 1994 – as comunidades se reuniam e deliberavam sobre os caminhos a serem tomados e, por fim, estabeleciam uma vontade coletiva, indígena e comunitária.

Dentre um dos aspectos dessa fusão entre símbolos, mitos e práticas, portanto, as narrativas que se encontram nos oito documentos demonstram uma expressão da complexidade e amplitude da memória, de todos os seus aspectos e sintonias ao passo que, ao mesmo tempo, nas mesmas histórias/contos e palavras, são concebidas referências ao passado memorial, a uma origem metafísica e a uma explicação de mundo que constituem uma resposta ao aspecto filosófico do “de onde viemos”, identifica e dá sentido aquilo que está no presente (o que somos) e formula processo reflexivo que envolve a construção do futuro, dos anseios/desejos e demandas das quais estão localizados o projeto político-cultural do zapatismo (para onde vamos). De forma conjunta, refletem e representam, por meio da linguagem, uma parte da cultura e da mentalidade indígena.

Analiticamente, ainda mais que a determinação de um personagem específico¹²², a representação do Velho Antonio se envolve com a perspectiva do conhecimento ancestral pautado nos ensinamentos dos mais velhos, daqueles que condensam, na cultura indígena, a sabedoria. Neste sentido, as histórias conformam, sempre na relação daquele que escreve, o subcomandante Marcos, com aquele que faz parte da narrativa, o Velho Antonio, um processo de tradução, de direcionamento das narrativas como um sincretismo, um processo de hibridização entre ladinos e indígenas com a reversão do papel colonial, isto é, com o impulso dos povos originários. Antonio, portanto, torna-se repositório dessa memória e sabedoria.

Dessa forma, a construção da literatura indígena é marcada por um processo de convergência entre o mundo oral pré-hispânico e a atualidade, a escrita e suas relações entre a memória e a cultura local. Neste sentido, a continuidade da tradição oral expressa é transformada, no processo da criação literária, em grafia, em idioma vernáculo e local com formação alfabética, isto é, um processo que envolve a condição de flexibilidade da oralidade para um sistema morfológico, da independência entre os processos de fala e escrita e relativização da hierarquia desta marcada pela orientação ocidental e europeia¹²³.

Essa constituição geral dos documentos, dessa forma, recebem atribuição polissêmica nesta pesquisa, pois fazem parte de uma condição que está intimamente ligada ao contexto de

122 Que não deixa de ser existente. Velho Antonio foi um indígena chiapaneco com um filho que leva o mesmo nome e participante do EZLN. Morreu em 1994 em decorrência de uma tuberculose.

123 MÁYNEZ, 2003, p. 51-65.

produção dos mesmos, formando mensagens e sentidos que necessitam da explicação da conjuntura e do local de realização – como fonte histórica em essência – mas também de um arquivo histórico no qual a condição da memória é expoente, reproduz uma narrativa própria e cria um testemunho do movimento social ante o processo histórico de ocorrência.

O primeiro conto em que Velho Antonio aparece como personagem e ancião é em documento do dia 28 de maio de 1994¹²⁴. Neste, Marcos escreve aos periódicos *Proceso, El Financiero, La Jornada e Tiempo* sobre outro comunicado oficial com o fim das consultas às bases sociais sobre os diálogos realizados em fevereiro de 1994 em San Cristóbal de Las Casas¹²⁵.

Na estrutura do documento percebe-se a presença de duas histórias: a primeira, de origem mítica, envolve as divindades e a criação dos seres humanos; a segunda, com elementos da natureza e sua relação com a vida. Neste processo de transcrição dos contos, Marcos cria um ambiente de relacionamento com o leitor, estabelece uma introdução contextual e insere personagens que fazem o papel de audição, isto é, de ouvir o conto. Este é o caso de Toñita, “de 6 años y dientes picados” que “me pide un cuento”, uma narrativa que é passada e escrita “como me lo contó el viejo Antonio”, dando significados de ancestralidade e de importância ao Velho Antonio como fonte/origem das histórias e, ao mesmo tempo, de veracidade, isto é, de uma narrativa transmitida às crianças como parte dos ritos cotidianos¹²⁶.

Cuando el mundo dormía y no se quería despertar, los grandes dioses hicieron su asamblea para tomar los acuerdos de los trabajos y entonces tomaron acuerdo de hacer el mundo y hacer los hombres y mujeres. Y llegó en la mayoría del pensamiento de los dioses de hacer el mundo y las personas. Y entonces pensaron de hacer las gentes y pensaron de hacerlas que fueran muy bonitas y que duraran mucho y entonces hicieron a las primeras gentes de oro y quedaron contentos los dioses porque las gentes que hicieron eran brillantes y fuertes. Pero entonces los dioses se dieron cuenta que las gentes de oro no se movían, estaban siempre sin caminar ni trabajar, porque estaban muy pesadas.

Y entonces se reunió la comunidad de los dioses para sacar acuerdo de cómo van a resolver ese problema y entonces sacaron acuerdo de hacer otras gentes y las hicieron de madera y esas gentes tenían el color de la madera y trabajaban mucho y mucho caminaban y estaban otra vez contentos porque el hombre ya trabajaba y caminaba y ya se estaban de ir para echar alegría cuando se dieron cuenta que las gentes de oro estaban obligando a las gentes de madera a que las cargaran y les trabajaran.

Y entonces los dioses vieron que estaba mal lo que hicieron y entonces buscaron un buen acuerdo para remediar la situación y entonces tomaron acuerdo de hacer las gentes de maíz, las gentes buenas, las, hombres y mujeres verdaderos, y se fueron a

124 EZLN, 28 mai. 1994.

125 EZLN, 28 mai. 1994

126 Ação comum em todos os contos separados neste capítulo e que envolvem a configuração do gênero e também do processo de envolvimento cultural das crianças com as práticas sociais e a comunidade. (GOTLIB, 2011, p. 8-12)

dormir y quedaron las, gentes de maíz, los hombres y mujeres verdaderos, viendo de remediar las cosas porque los dioses se fueron a dormir. Y las gentes de maíz hablaron la lengua verdadera para hacer acuerdo entre ellas y se fueron a la montaña para ver de hacer un buen camino para todas las gentes.¹²⁷

Como história de origem do mundo, os trechos do conto estabelecem uma narrativa linear e explicativa e que envolve situar a maneira, em um passado distante, que os seres humanos foram criados e se relacionavam com as divindades e entre si. O uso dessa cosmologia indígena envolve a transmissão do conto por gerações, no tempo e na atribuição de significados culturais envolvendo o mito. Uma história que se aproxima das narrativas do povo maia Quiché da Guatemala condensadas no *Popol Vuh*¹²⁸. Neste, a criação do mundo e dos seres humanos se dá em um processo parecido de assembleia, decisão e ação: primeiro são criados os de barro, depois os de madeira e, por fim, de milho.

Todavía, em sua particularidade, o conto de Antonio narra a origem dos homens e das mulheres através de materiais diferentes: primeiro de ouro, depois de madeira e então de milho. A relação produzida entre os homens e as mulheres também se difere, visto que enquanto parte de um mesmo conto, os seres de diversos materiais produziram formas próprias de interação na qual os de ouro dominavam e exploravam os de madeira. Com infelicidade perante a situação, os deuses decidiram pela criação dos seres de milho – os homens e mulheres verdadeiros – e lhes deram a tarefa de solucionar o inconveniente que envolvia os demais.

As relações sociais entre os diversos tipos de homens e mulheres, dessa forma, refletem uma condição socioeconômica e política. Enquanto seres de milho, o conto estabelece aproximações à realidade do escritor, isto é, da relação entre aqueles que dominam, os que são dominados e os que não se submetem ao julgo e são responsáveis pela libertação. A classificação desses seres é explanada no decorrer do documento:

Me contó el viejo Antonio que las gentes de oro eran los ricos, los de piel blanca, y que las gentes de madera eran los pobres, los de piel morena, que trabajaban para los ricos y los cargaban siempre y que las gentes de oro y las gentes de madera esperan la llegada de las gentes de maíz, las primeras con miedo y las segundas con esperanza. Le pregunté al viejo Antonio de qué color era la piel de las gentes de maíz y me enseñó varios tipos de maíz, de colores diversos, y me dijo que eran de todas las pieles pero nadie sabía bien, porque las gentes de maíz, los hombres y mujeres verdaderos, no tenían rostro...¹²⁹

127 EZLN, 28 mai. 1994.

128 RECINOS, Adrián. **Popol Vuh**: las antiguas historias del Quiché traducidas del texto original con introducción y notas. 2ª ed., 23ª reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. [1ª ed. 1947]

129 EZLN, 28 mai. 1994.

Dessa forma, o conto e a explicação de Velho Antonio situam e identificam a exploração do trabalho, a desigualdade social, o racismo e também a esperança. Assim, os seres de milho, reunidos na montanha em assembleia e buscando solução para todos os homens e mulheres – à maneira dos deuses antigos e primeiros – estão por chegar ao mundo, não possuem rosto e, na configuração da história, formam os zapatistas em rebeldia.

A caracterização dos homens e mulheres de milho como os zapatistas constituem uma identidade política e mitológica envolvida no conto: os responsáveis por reajustar a ordem, restabelecer a vontade divina e extirpar a exploração dos seres de madeira pelos de ouro. Uma mitologia rebelde e revolucionária que se aplica ao ano de 1994 e à declaração de guerra ao Estado mexicano e, principalmente, ao modo de se fazer e entender a política.

O documento continua com um segundo conto. Nele, Marcos relata que conheceu o Velho Antonio em 1984 em uma comunidade no interior da Selva e que o ancião gostava de fumar cigarros. Em 1992, durante uma visita à comunidade para a organização e decisão da guerra, no reencontro dos narradores, Antonio e Marcos conversaram à beira de um rio:

Mientras la comunidad discutía lo de la guerra, el viejo Antonio me tomó del brazo y me condujo hasta el río, unos 100 metros más abajo del centro del poblado. Era mayo y el río era verde y de discreto cauce. El viejo Antonio se sentó en un tronco y nada dijo. Después de un rato habló: “¿Lo ves? Todo está tranquilo y claro, parece que no pasa nada...” “Mmmh”, le dije, sabiendo que no esperaba ni un sí ni un no.¹³⁰

Neste momento, enquanto sozinhos e em uma conversa particular, Antonio começa a mostrar a Marcos elementos da natureza que, envolvidos na mística indígena, demonstravam os caminhos a serem tomados, ensinavam aos humanos a agir, representavam, dessa forma, uma perspectiva insurrecional vívida, presente e como resposta, de maneira poética, às perguntas que as comunidades se faziam sobre a tomada de decisão de ir à guerra:

Después me señaló la punta de la montaña más cercana. Las nubes se acostaban, grises, en la cúspide y los relámpagos quebraban el azul difuso de las lomas. Una tormenta de las de veras, pero se veía tan lejana e inofensiva que el viejo Antonio empezó a liar un cigarrillo y a buscar inútilmente un encendedor que no tenía, sólo el tiempo suficiente para que yo le acercara el mío. “Cuando todo está en calma abajo, en la montaña hay tormenta, los arroyos empiezan a tomar fuerza y toman rumbo hacia la cañada”, dijo después de una bocanada. En la época de lluvias este río es fiero, un látigo marrón, un temblor fuera de cauce, es todo fuerza. No viene su poder de la lluvia que cae en sus riberas, son los arroyos que bajan de la montaña los que lo

130 EZLN, 28 mai. 1994.

alimentan. Destruyendo, el río reconstruye la tierra, sus aguas serán maíz, frijol y panela en las mesas de la selva.¹³¹

A tormenta, a ira, a fúria da natureza localizam-se nas montanhas e, como liderança, como força motriz, são responsáveis pela transformação e mudança que o rio aguarda. As nuvens, na representação de seus relâmpagos e trovões guardados na montanha, são as que, ao derramar a água da chuva com toda sua força, destroem e reconstróem a terra, fornecendo os recursos necessários para a vida.

A utilização dos elementos da natureza como representação envolvem de maneira sublime a cultura indígena, uma cultura que se estabelece e se desenvolve em relação à terra e aos recursos naturais. Os ensinamentos que as forças da natureza representam, em sua dinâmica com os indígenas, conformam uma ilustração do respeito e dos guias que o mundo propõe. Nas palavras de Antonio, dessa forma, as tormentas das montanhas caindo sobre o rio e transformando suas águas em alimentos como o milho e o feijão, mesmo em sua ira particular, são essenciais para a vida e sua continuidade e, mais ainda, significam a própria ação da rebelião em Chiapas.

“Así es la lucha nuestra”, me dice, y se dice el viejo Antonio. “En la montaña nace la fuerza, pero no se ve hasta que llega abajo”. Y, respondiendo mi pregunta de si él cree que ya es tiempo de empezar, agrega: “Ya es el tiempo de que el río cambie color...” El viejo Antonio calla y se incorpora apoyándose en mi hombro. Regresamos despacio. Él me dice: “Ustedes son los arroyos y nosotros el río... tienen que bajar ya...” Sigue el silencio y llegamos a la champa cuando ya oscurecía.¹³²

“Nossa luta”, portanto, é parte fundamental da relação entre os combatentes e as comunidades que conforma uma troca, uma substância elemental que é essência da vida. A fúria, o protesto, inicia-se na montanha ao passo que representa a organização rebelde e de combatentes, os acampamentos e os treinamentos, a tomada das armas e a declaração de guerra, mas apoiada e sempre em dinâmica com as bases sociais, que dão suporte, proteção, por meio das ações de clandestinidade, abastecimento material e humano. Em novo encontro entre Marcos e Velho Antonio, que, segundo o relato do primeiro, aconteceu em março de 1994, a história da tormenta das montanhas e dos córregos abastecendo os rios toma seu final:

Volví a ver al viejo Antonio hace unos dos meses. Nada dijo cuando me vio y me senté a su lado y, con él, me puse a desgranar mazorcas de maíz. “Se creció el río”, me dijo después de un rato. “Sí”, le dije. (...) Me apartó de la columna y me llevó al

131 EZLN, 28 mai. 1994.

132 EZLN, 28 mai. 1994.

pie de una ceiba. “¿Te acuerdas de lo que te conté de los arroyos en la montaña y el ríos”, me preguntó. “Sí”, respondí con el mismo murmullo con el que me preguntaba. “Me faltó decirte algo”, agrega él mirándose la punta de los pies descalzos. Respondí en silencio. (...) El viejo Antonio espera a que se aleje la mochila de medicinas y, en la penumbra, sigue: “Los arroyos... cuando bajan... ya no tienen regreso... más que bajo tierra”. Me abraza rápido y rápido se va.¹³³

O sentido de sacrifício, dessa forma, toma parte para os combatentes que se formam nas montanhas. Um sacrifício e uma moral que é parte fundamental da própria rebelião. Mais do que apenas restabelecer a ordem e extinguir a exploração de uns pelos outros – dos de madeira pelos de ouro – a responsabilidade dos córregos é desaparecer. Neste sentido, os zapatistas são representados como agentes de um exército que luta pela paz e, portanto, pela sua inexistência. Com entrega à causa, a baixa dos córregos pelas montanhas é também seu próprio fim.

Este sentido de entrega é apontado, segundo Le Bot (1997), nas maneiras a que o EZLN interpreta e configura a luta política. Mais que estabelecer um controle institucional, a rebelião é fundada sobre a vontade da mudança de pensamento, de abordagem econômica, uma mudança que atinge as estruturas de um Estado corporativo centrado no PRI. “Qué importa dónde nos sorprenda la muerte si nuestro grito de guerra es escuchado”¹³⁴, como reporta o sociólogo a frase fúnebre de Che Guevara e também a representa o próprio Marcos em entrevista: “para el Ejército Zapatista de Liberación Nacional la referencia es el Che que sale de Cuba y se va a Bolivia”¹³⁵, isto é, de um rebelde que continua sua causa, que abandona suas conquistas e decide começar de novo em outro lugar. “Ésa [guerra de guerrilha e tomada do controle do Estado] no es la parte que rescata el zapatismo de Guevara, sino la parte humana, el sentido del sacrificio, la entrega a una causa y sobre todo, la consecuencia, las convicciones”¹³⁶.

Práticas à parte¹³⁷, a proposta zapatista de sacrifício segue uma condição ética de ação que é significativa para a rebelião. Mais que estabelecer as exigências particulares, ou a tomada do controle das ferramentas do Estado, as demandas do movimento articulam uma busca pela democracia, eleições livres e sem fraudes e a aplicação de um ideal de mudança

133 EZLN, 28 mai. 1994.

134 LE BOT, 1997, p. 29-30.

135 LE BOT, 1997, p. 113.

136 LE BOT, 1997, p. 113.

137 Pode-se afirmar que as essências da guerra de guerrilha apontadas por Guevara foram fundamentais para o EZLN, ao menos em seu processo de consideração sobre o conflito e as ações de rebeldia: a capacidade de vitória das forças populares sobre os exércitos nacionais; a aceleração das condições para a revolução, especialmente na criação de focos insurrecionais; e o terreno rural/do campo como base (GUEVARA, 1986, p. 96).

nacional que se marca no sentido do agir político, isto é, a um projeto de governo que seja desenvolvido em razão das vontades populares ao contrário das particularidades de um partido ou indivíduo.

Este mesmo sentido ético e de entrega à causa é apontado em outro conto de Velho Antonio chamado “La historia de la noche y las estrellas” de 6 de outubro de 1994. Contexto em que uma segunda sessão da Convenção Nacional Democrática (CND) está a ser preparada e o EZLN reforça suas ações no sentido de criar um movimento coletivo de desobediência civil e um programa de luta com o apoio de movimentos mexicanos organizados, o conto é enviado aos periódicos *Proceso*, *El Financiero*, *La Jornada* e *Tiempo* como acompanhamento ou carta de apresentação de outros comunicados oficiais do CCRI-CG sobre a CND¹³⁸.

Neste conto, algumas características são particulares: trata-se de um movimento em que a narrativa, segundo Marcos, acontece nesse momento de preparação e, diferente de uma memória contada de um encontro entre o escritor e Velho Antonio na característica de relato, neste caso o personagem dita a história diretamente ao subcomandante. De forma mística, no qual Eva e Heriberto¹³⁹, crianças que solicitam um conto a Marcos, o Velho Antonio faz uma aproximação espiritual enquanto o escritor e as crianças se acomodam: “yo enciendo la pipa, me ajusto las cartucheras y sí, acertó usted, estornudo mientras el viejo Antonio me dicta al oído, para que yo repita... La historia de la noche y las estrellas”¹⁴⁰.

No conto os seres humanos recebem uma zoomorfização e possuem ações parecidas com as dos morcegos. Narra Marcos, recitando Antonio, que tudo era noite e os humanos viviam tristes e, por isso, os deuses sentiram pena. Dessa forma, decidiram por se reunir e tomar uma ação para resolver o problema. Como resultado, os deuses retiraram todo o teto de noite e tudo virou luz. Ao fazer isso, o excesso de luz fez os humanos ficarem cegos e sem descanso, pois o corpo trabalhava enquanto a luz existia. Vendo o sofrimento dos seres, os deuses novamente se reuniram e voltaram o teto da noite enquanto buscavam uma outra

138 EZLN, 06 out. 1994.

139 As duas crianças têm suas idades entre três e quatro anos e que aparecem para falar com o subcomandante com um pato portando um *pasamontaña*. Quando questionados do motivo, Eva responde com um “sí pues” e Heriberto explica que o pato estava utilizando uma balaclava pois era zapatista. É Heriberto, no documento, que pede que Marcos narre um conto e, novamente, o aspecto cultural e educativo parece ser decisivo nas narrativas do Velho Antonio. (EZLN, 6 out. 1994).

140 Neste sentido, o fato de um branco escrever as histórias que perpassam a mitologia maia constitui também parte da integração que remonta o movimento entre os dois mundos – indígena e ladino. O propósito e a expressividade de outras figuras zapatistas durante o decorrer da existência do movimento reforçam a complexidade dos processos políticos e discursivos do EZLN e ampliam, nos aspectos históricos como o pronunciamento da comandanta Esther na tribuna do Congresso Nacional em 28 de março de 2001, os objetivos e expressões do zapatismo para além das vontades e controle do subcomandante Marcos (LIMA, 2019, p. 40-52; EZLN, 28 mar. 2001).

solução. Porém como demoraram para buscar uma solução, os homens e mulheres aprenderam a caminhar pela noite, tornaram-se humanos-morcego.

Quando uma decisão foi tomada pelos deuses, estes foram ao encontro dos seres humanos e pediram voluntários que seriam pequenos pedaços de luz no teto escuro para que a terra pudesse ser iluminada:

Y todos los hombres y mujeres dijeron que eran voluntarios porque todos querían ser estrellas y ya no querían ser hombres y mujeres murciélago, y todos y todas se hicieron estrellas y lo hoyaron todo el techo de la larga noche y ya no quedó ni un pedacito bueno del techo de la noche y todo era otra vez pura luz y la problema no se terminaba y era peor porque ya se había roto todo el techo de la noche y ya no había cómo tapar la luz que se caía por todos lados. Y los dioses ya no se dieron cuenta porque ya estaban dormidos muy contentos que ya lo habían resuelto la problema y no tenían pena y por eso se durmieron.¹⁴¹

Como o problema persistia e os deuses não mais buscavam uma solução, os homens e mulheres, inspirados na prática divina, reuniram-se em assembleia para decidir o que seria feito e viram que “no sirve si todos quieren ser estrellas, que para que unos brillen deben apagarse otros”. Foi então que, após muita discussão e com nenhum dos seres querendo deixar de ser estrela, os homens e mulheres “verdaderos – los de corazón de color de la tierra, porque el maíz viene de la tierra” aceitaram o trabalho de se apagarem.

Ao despertarem, os deuses viram então quão bonito estava o céu e com iluminação razoável e ficaram felizes pensando que tinham resolvido o problema com sua decisão, “pobrecitos que nunca lo supieron cómo llegó cuando nacieron las estrellas y la noche que son el techo de los hombres y mujeres verdaderos”. Por fim, Marcos aponta uma moral da história: “algunos tienen que estar apagados para que brillen otros, pero los que brillan lo hacen por los apagados. Que si no, pues nadie brilla”.

A moral não poderia ser mais próxima do sacrifício aproximado à prática zapatista. Neste sentido, o conto narra questões que são características ressaltadas na lógica de ação do EZLN em 1994, quais são, as de buscar uma solução que seja coletiva que na rebeldia é condensada na proposta de *para todos todo, nada para nosotros*, isto é, a definição da prática de repúdio às promessas dos diálogos de fevereiro inseridas no conjunto de documentos de 10 de junho de 1994, em especial o “Sobre las consultas: para todos todo, nada para nosotros” em que o CCRI expressa sua solidariedade aos mexicanos como um todo:

141 EZLN, 6 out. 1994.

El CCRI-CG del EZLN saluda a todos los hombres, mujeres, niños y ancianos, seres sin rostro en todo el país y en el extranjero, que nos han hecho llegar su solidaridad y su adhesión a nuestra justa causa. Por ustedes, hermanos, es nuestra lucha, para ustedes nuestra muerte. No descansaremos hasta que todos los mexicanos, los indígenas, los campesinos, los obreros, los empleados, los estudiantes, los maestros, las amas de casa, los colonos, los artistas e intelectuales honestos, los jubilados, los desempleados, los marginados, los hombres y mujeres sin voz y sin rostro, tengan todo lo necesario para una vida digna y verdadera. Para todos todo, nada para nosotros. Mientras la bandera nacional no ondee con democracia, libertad y justicia sobre el suelo mexicano, nosotros, la tierna furia, seguiremos en lucha.¹⁴²

Dessa forma, não apenas uma execução material está destacada, como uma proposta política mais ampla e nacional, isto é, uma demanda que se condensa na ideia de democracia, liberdade e justiça que se caracterizam como essenciais para os zapatistas. Neste sentido, o sacrifício – inclusive mortal – é dado por um propósito político de essência cultural, ou seja, que demanda não apenas a conceitualização, mas estabelece uma reinterpretação do sentido dado à política e sua forma de execução. Levar a democracia ao México de 1994, não apenas a Chiapas ou à Selva, ou apenas aos indígenas, mas a todos os honestos e/ou explorados.

O conto também estabelece a explicação divina da forma que as comunidades e os seres humanos, em especial os considerados de milho – os zapatistas – reúnem-se em coletivo e tomam decisões. Uma prática comum das culturas indígenas que se expressa na forma que as divindades dividem papéis e formam assembleias como as descritas no conto ou como as consultas às bases de apoio após os diálogos de fevereiro.

Além das características que compõem a estrutura do movimento zapatista, os detalhes do contexto reforçam uma consideração do conto. Neste sentido, a aproximação de uma nova sessão da CND, a continuidade do poder político do PRI após as eleições de agosto e a vontade de atingir uma coletividade nacional forçam a moral da narrativa ao seu sentido político: os zapatistas decidem por se apagar para que os movimentos democráticos tomem corpo, especialmente a sociedade civil, e assim brilhem em busca da razão democrática. São formas, também, de exigir que a sociedade civil saia da inércia do pós-eleições e que constitua uma frente unificada estabelecendo o respeito à vontade popular¹⁴³.

O Velho Antonio e a simbologia do sacrifício reaparecem em documento de 22 de setembro de 1994 intitulado “Poema en dos tiempos”, publicado em um suplemento especial

142 EZLN, 10 jun. 1994.

143 São as informações que podem ser observadas a partir dos documentos que acompanham o conto nos quais o CCRI informa um conjunto de ações que devem ser estabelecidas para ordenar a convenção. No primeiro, destaca que a escolha da presidência deve ser democrática e que não poderia se pautar em movimentos que não decidissem explicitamente pela submissão à convenção e, no segundo, apontando um conjunto de observações sobre a necessidade de um programa de luta, como ele deve ser elaborado, quais as demandas mínimas e o que deve conter em seu plano de ação. (EZLN, 6 out. 1994).

do periódico *La Jornada*. O arquivo é um poema escrito por Marcos que, posteriormente, insere pós-datas e, em uma delas, narra encontros com Antonio em três momentos: dezembro de 1984, quando estão em volta de uma fogueira; em 17 de novembro de 1993, no décimo aniversário de formação do EZLN; e em 30 de dezembro de 1993, na preparação final para o início do conflito.

A pós-data inicia com o pedido de um conto por Toñita, que acabara de adotar um “olote”, um sabugo de milho que se transforma em boneco, brinquedo infantil. O primeiro conto é intitulado “Una noche, una lluvia, un frío” e trata de uma narrativa de um encontro entre Marcos e Antonio em torno de uma fogueira, quando o velho começa a tecer

una historia de muy lejos, cuando eran muy mayores los mayores y los viejos del hoy andaban todavía dando tumbos en la sangre y el silencio de una hoguera, como la de esta noche, pero diez, cien, mil, un millón de noches antes de ésta sin venado y com frío, com lluvia, sin nadie que nos lleve la cuenta.¹⁴⁴

Neste sentido, o conto perpassa a narração do início dos tempos, do momento em que os deuses andavam com os humanos na terra e com eles compartilhavam seu espaço. Na simbologia indígena, dessa forma, a origem do mundo envolvia as vontades divinas, a decisão coletiva em assembleias e, ainda, as relações entre os humanos e os deuses, a felicidade de ambos e o encontro de soluções. Uma relação que pauta o processo de organização da história e da terra, da vida e das experiências ancestrais que ensinam e educam a reprodução no presente.

No princípio, portanto, tudo era água e noite. “Andaban los dioses y los hombres como loquitos, tropezando y cayendo como viejitos bolos. (...) no habia tierra, no había luz, no era bueno el mundo”. Foi então que os deuses começaram a trombar uns com os outros e, irritados, começaram a brigar. Os homens e mulheres, “puro oreja, puro tzots’, hombres y mujeres murciélagos”, esconderam-se, pois o ruído dos conflitos era ensurdecido. Quando os deuses notaram que estavam sozinhos, começaram a chorar e a aumentar a água que era o mundo. E começaram a sentir frio porque estavam sozinhos.

Então os deuses fizeram uma assembleia para pensar em uma solução para o problema. Decidiram de “ponerse a soñar juntos y llegó en el acuerdo de su corazón de soñar la luz y la tierra soñar”. Assim, ao sonharem com a luminosidade, uma pequena rachadura no *aguanoche*, uma faísca que bailava e dançava, emerge na escuridão. Foi então que os

144 EZLN, 22 set. 1994.

humanos-morcego saíram dos esconderijos e foram ficar juntos à luz “y se asomaron y se vieron y se tocaran y se amaron”. Os deuses, ao verem a faísca deram-lhe o nome de “fogo” e foram em assembleia decidir que ele não deveria se apagar, pois tudo era *aguanoche* e deixá-lo na terra poderia extingui-lo.

Os deuses decidiram, por fim, levar o fogo ao céu. Ainda em assembleia, discutiram quem deles deveria levá-lo e, assim, “morirse abajo para vivir arriba”. Chegaram ao acordo de que deveria ser o deus mais branco “porque era el más hermoso y así el fuego sería hermoso allá arriba”, mas o deus branco foi covarde e não aceitou sua tarefa:

y entonces el más negro y más feo de los dioses, el ik', dijo que él lo llevaba para arriba al fuego y se dio en agarrarlo el fuego y se quemó con el fuego y negro se puso y gris después y blanco y amarillo y naranja después y rojo luego y fuego se hizo, y se levantó palabriando hasta el cielo y ahí se quedó redondo y en veces es amarillo y en veces naranja, rojo, gris, blanco y negro, y “sol” le pusieron los dioses y más luz se llegó para más paso mirar y más tierra se vino y el agua-noche se echó para un lado y se vino la montaña.¹⁴⁵

Envergonhado, o deus mais branco começou a chorar e não observou o caminho que tomava. Tropeçou e caiu sobre o fogo e, assim, também subiu aos céus, “pero más triste su luz que echaba porque mucho lloraba por su cobardía y una bola de fuego triste, pálido, del color del dios blanco, se quedó a su lado del sol, y ‘luna’ le pusieron los dioses a esta bola blanca”. Todos os demais deuses, observando que o sol e a lua estavam parados, caíram por sobre o fogo para que o sol, o deus negro, começasse a andar e fizesse com que a lua, o deus branco, fosse atrás dele para pedir perdão, nascendo, dessa forma, o ritmo do dia e da noite. Ao final da história, Antonio pega um pedaço de carvão e mostra a Marcos:

“Mira”, me dice. Del rojo, el tizón sigue el camino inverso que el señor negro del cuento: naranja, amarillo, blanco, gris, negro. Aún caliente, las manos callosas del viejo Antonio lo toman y me lo da. Yo trato de fingir que no me quema, pero lo suelto casi inmediatamente. El viejo Antonio sonrío y tose, lo vuelve a tomar del suelo y lo remoja en un charquito de agua de lluvia, de aguanoché. Ya frío me lo vuelve a dar. “Toma... recuerda que el rostro cubierto de negro esconde la luz y el calor que le harán falta a este mundo”, me dice y se me queda viendo.¹⁴⁶

A primeira história termina, portanto, com um ensinamento a Marcos que não só perpassa a cosmologia indígena, as questões raciais/étnicas entre brancos e negros, entre sacrifício e vida, entre morrer para viver, mas também com o fato de que o carvão, que está

145 EZLN, 22 set. 1994.

146 EZLN, 22 set. 1994.

negro, esconde e guarda a luz e o calor que faltam ao mundo. Esse propósito é aprofundado na continuidade da narrativa de Marcos. Em “otra noche, otra lluvia, otro frío”, o subcomandante fala do décimo aniversário da formação do EZLN em 17 de novembro de 1993.

Os comandantes reunidos em torno de uma fogueira discutiam sobre as estratégias e táticas do conflito. Todos estavam dormindo e apenas os oficiais de grau major ou superior permaneciam acordados. Também participava o Velho Antonio, “es el único que puede franquear todas las postas zapatistas y entrar donde sea sin que nadie se atreva a impedirle el paso”, remontando não apenas o respeito ao ancião, mas também a representação da sabedoria a qual Marcos destaca que foi essencial para a estruturação do EZLN, especialmente quanto ao processo de integração das bases sociais e do movimento indígena para com os guerrilheiros de origem urbana. “Ese viejo se convierte en el enlace con las comunidades, con su mundo y con la parte más indígena”¹⁴⁷.

Na assembleia – que sempre se envolve com a prática divina – entra em pauta o tema de cobrir os rostos. Alguns sugerem bandanas, outros destacam que deveriam ser máscaras. Marcos afirma que deveriam ser *pasamontañas*. Em discussão, alguns personagens se fazem presente, como Ana María, Alfredo, Josué, Rolando e Moisés. Compartilhada a ideia do subcomandante, coloca-se em votação a cor da balaclava. Antonio chama Marcos a se separar do grupo e pergunta se ele ainda possui o carvão relatado no primeiro conto. O subcomandante responde que sim, “en la mochila”. O velho, olhando para Marcos, afirma que ele deve “ve por él” para mostrá-lo aos demais:

Cuando regreso con el tizón todos están, en silencio, en torno a la fogata y con el viejo Antonio mirando fijamente el fuego, como la noche aquella del venado “cola blanca”. “Aquí está”, le digo y pongo el negro tizón en su mano. El viejo Antonio me mira fijamente y pregunta: “¿Recuerdas?”. Asiento en silencio. El viejo Antonio pone el tizón en medio del fuego. Primero gris, blanco, amarillo, naranja, rojo, fuego. El tizón es ya fuego y luz. El viejo Antonio me mira otra vez y se va por entre la niebla... Todos quedamos mirando el tizón, el fuego, la luz. “Negros”, digo. (...) “Negros, los pasamontañas serán color negro...”. Nadie se opone...¹⁴⁸

O calor e a luz, a luz do mundo, a referência à divindade sol, ao Ik’, dessa forma, conformam parte do zapatismo. Na simbologia que os *pasamontañas* tomam enquanto sujeitos sem rosto, sem identidade, como parte de um todo que se mescla nos ideais, como representação de todas as minorias e na busca pela democracia, pela liberdade e justiça, pela paz, portanto, é parte também da cosmologia indígena, da função da luz como guia, como

147 LE BOT, 1997, p. 62.

148 EZLN, 22 set. 1994.

caminho, como parte da iluminação que dá força e vida aos demais – que no conto são traduzidos como os seres-morcego. Neste sentido, os zapatistas se mesclam com a divindade que morreu para viver, que foi sacrifício e se representa na cor preta.

Este sentido se confirma no último relato datado de 30 de dezembro de 1993, momento imediatamente anterior à explosão do conflito em Chiapas. Com o mesmo título de “Otra noche, otra lluvia, otro frío”, a curta narrativa de preparação para o combate é dada em novo encontro de Marcos e Antonio. O diálogo, assim, conforta as expressões simbólicas tanto do anônimo e do sacrifício envoltos na cosmologia indígena:

“Hace frío...” dice él y se cierra la vieja chamarra. “Mmmmh” respondo. Forja otro cigarro mientras me dice: “Necesita algo de luz y calor esta noche”. Le sonrío mientras le muestro el pasamontañas negro. Lo toma en sus manos, lo examina, me lo devuelve. “¿Y el tizón?” pregunta. “Se hizo fuego esa noche... no quedó nada” le digo apenado. “Así es de por sí” dice el viejo Antonio con la voz quebrada. “Morir para vivir” dice y me da un abrazo.¹⁴⁹

O sentido também é destacado no conto de 2 de novembro de 1994, intitulado “La historia de las nubes y la lluvia”. Neste, Antonio conta, através da boca de Marcos, uma narrativa que envolve os elementos da natureza, isto é, na qual o ancião espiritualmente toma corpo na prática de contar do receptáculo – o escritor. Neste caso, os elementos da natureza e seu envolvimento com as divindades são tratados como forma de expressar parte da cosmologia indígena e uma tradução a um sentido político do contexto de 1994: uma nova sessão da CND estava próxima e, em meio a problemas entre o EZLN e a principal organização política de oposição, o Partido da Revolução Democrática (PRD), pautados nas disputas sobre a presidência da convenção e o programa de luta, o conto busca demonstrar uma vontade de conciliação, de almejar o bem comum¹⁵⁰.

A história é solicitada por Eva a Marcos, que estava em uma “guerra” com Heriberto – um conflito em que pedaços de chocolate são armamentos, navios e aviões. O subcomandante relata outro encontro com Velho Antonio quando um raio cai próximo ao lugar em que estavam, incendiando uma árvore. O ancião explica que os primeiros deuses, os sete

149 EZLN, 22 set. 1994.

150 Assim como no caso dos outros contos, este também está atrelado a um acompanhamento de documentos oficiais assinados pelo CCRI e datados de 2 de novembro de 1994. Tratam-se de documentos onde o movimento aponta a uma organização geral da nova sessão da CND, inserindo pautas a serem discutidas; e quando o CCRI retira da Conac-LN o papel de representante legal do EZLN atribuído em 15 de março de 1994. As justificativas do movimento estão pautadas na ausência de contato da representante e na ação à margem da convenção por parte da Conac-LN o que, segundo o documento, estava “reclamando para sí misma, junto a otras organizaciones, la representatividad del ‘auténtico espíritu de la CND’”. EZLN, 15 mar. 1994; EZLN, 2 nov. 1994.

primeiros, morreram para que a terra tivesse luz e os homens e mulheres morcego pudessem viver tranquilamente¹⁵¹. Todavia, antes de morrerem, os deuses começaram a sonhar sobre si mesmos para que não desaparecessem quando chegasse a morte.

Os sonhos dos deuses, dessa forma, ficaram flutuando no céu como *trapos rotos*, como panos brancos. Assim, os homens e mulheres de milho, os verdadeiros, decidiram por chamá-los de nuvens. Quando os deuses primeiro morreram – “murieron para vivir” – uma grande dor tomou conta da terra. A água, em tamanho sofrimento, começou a adentrar a terra e diminuir, fazendo com que o solo secasse e também doesse a vida em volta dela, dos seres humanos que ficavam sem comida, das plantas que estavam sem nutrientes, dos insetos como os grilos e as cigarras, que gritavam de dor.

Tamanho sofrimento estava pelo mundo que chegou à montanha e ao local que repousavam as nuvens, os sonhos dos deuses primeiros. As nuvens começaram a despertar, e ao ver a dor do mundo, “se dieron en hablar de cómo van a resolver la problema del dolido dolor que dolía a los hombres y mujeres verdaderos”. Mas, rapidamente, seis delas começaram a entrar em conflito e em tormenta “y fuerte se hablaban y tronaba el cielo cuando se regañaban las nubes”.

O conflito tornava presente os elementos da natureza como os raios e trovões e significava-os de forma mitológica. Dessa maneira, a explicação da existência das nuvens e dos sonhos e sua relação com as divindades e os humanos, ou, ainda, com a terra, a água e a dor, carregam de simbologias a marca do conto. Enquanto guerreavam três nuvens contra outras três, uma delas, a sétima

se recordó de dónde venían y cómo habían hecho los dioses que nacieron el mundo. El dolor se le hizo agua y una lágrima se lloró la nube séptima, porque siete fueron los dioses primeros y siete sus sueños. Y ese dolor que lágrima era habló fuerte entre la gran disputa de las nubes peleonas y dijo “Mientras ustedes pelean yo me voy a aliviar con mi dolor el dolor de la tierra”. “Sos muy pequeña”, le dijeron las nubes otras, “no alcanza tan poco alivio para tanto dolor como duele en la tierra. Nada podrás tú sola”. Pero la lágrima dolor que dolía en el sueño séptimo repitió “Me voy a aliviar con mi dolor el dolor de la tierra” y se aventó montaña abajo, para que su húmedo dolor besara con alivio el dolor de la tierra. Otro dolor lágrima se hizo en la nube séptima, y otro más, y muchos dolores muchas lágrimas se hicieron y se iban cayendo detrás de la primera lágrima, del dolor primero. “Voy también”, decían las lágrimas dolores que se dejaban ir así nomás para besar y aliviar la tierra.¹⁵²

151 Como demonstrado em EZLN, 22 set. 1994.

152 EZLN, 2 nov. 1994.

Como forma de representação, as gotículas de água que formam a chuva tomam característica antropomorfas, assim como as próprias nuvens, e carregam de responsabilidade a ação de aliviar o problema da seca. O ciclo da chuva, dessa forma, é explicado como parte da cosmologia indígena e forma seu sentido mitológico, a ligação entre os elementos da natureza e as divindades criadoras do mundo. Por fim, as demais nuvens/sonhos observaram o esforço da primeira nuvem e decidiram por acompanhá-la:

las otras seis dejaron pendiente su peleadero y se pusieron también a doler y a lloverse sobre el seco dolor de la tierra. Empezó así a llover y grande fue el dolor que, hecho lágrimas, alivió el dolor que doliendo se dolía en la tierra. Y alivio encontró la tierra en esa lluvia y se curó de tanto dolor, dicen, por la lágrima primera.¹⁵³

Enquanto parte do ciclo natural e como forma de lembrança das ações dos deuses e das nuvens, os homens e mulheres verdadeiros compreenderam os sinais da natureza. Dessa forma, remarca o conto, a terra sofre por três meses e três vezes três é seu período de alívio, isto é, o tempo do ciclo natural de calor e chuvas é marcado por uma explicação metafísica, na qual a dor da terra é aliviada pelas chuvas que descem das montanhas. O ensinamento da natureza e dos deuses é conclusivo:

Así enseñaron los dioses primeros, los que nacieron el mundo, los que ya muertos vivieron y en su dolor y en su sueño aliviaron el dolido dolor de la tierra. Así es de por sí. Para recordarles a los hombres y mujeres verdaderos que la pelea que no se llueve para aliviar la tierra es inútil, trueno y relampaguea en lo más arriba de la montaña. Fuerte pelean las nubes y se cansan, pero no lloverá hasta que entiendan, como cuando se nació el mundo, que la pelea es por morir se aliviando, en un beso, la Tierra. Sin nombre, sin rostro, peleando el privilegio de ser alivio siempre del doliente y dolido dolor de la tierra.¹⁵⁴

Não apenas o sacrifício dos deuses e das nuvens é lembrado, marcando assim os ciclos da natureza de forma mitológica, mas também o ensinamento passado por estes seres é apresentado como parte da essência dos humanos de milho, isto é, de que as disputas que não têm como objetivo sanar os problemas existentes não são passíveis de continuarem. Inserido em um contexto¹⁵⁵, a proposta do conto é trazer não apenas a noção de que os sacrifícios são necessários para a cura da terra e do mundo, mas que forças que não atuam em sentido de resolver tais problemas não são passíveis de progredir ou de existirem.

153 EZLN, 2 nov. 1994.

154 EZLN, 2 nov. 1994.

155 Ao final do conto, Marcos insere uma outra pós-data com a oração: “P.D. suplicante: no hundan ese barco por favor”, fazendo referência ao navio zapatista de Aguascalientes destacado no documento de 3 de agosto de 1994. (EZLN, 3 ago. 1994; EZLN, 2 nov. 1994).

Neste sentido, a súplica do subcomandante se aproxima das tensões políticas envolvendo a realização da segunda sessão da CND, as divisões internas dos movimentos que estruturam a convenção e as disputas sobre o caminho a ser tomado – se eleitoral, se institucionalizado, se armado ou revolucionário. De toda forma, busca representar a concepção da prática política zapatista que novamente se volta ao passo da conciliação das organizações civis e da formação de uma mudança na prática democrática.

Quatro outros contos aparecem no ano de 1994 como parte da narrativa de Marcos com o personagem de Velho Antonio: “El viejo Antonio cazó un león de montaña...” de 24 de agosto de 1994; “La historia de los colores” de 27 de outubro de 1994; “La historia de las preguntas” de 13 de dezembro de 1994; e “La historia de las palabras” de 30 de dezembro de 1994. Em suas particularidades, os contos ressaltam características que envolvem a política e a cultura marcadas nas comunidades indígenas e no zapatismo. Traduzidas por meio de um ladino, Marcos, os ensinamentos do Velho Antonio forjam o contato entre a revolução urbana e o movimento indígena chiapaneco.

Ainda, os contos demonstram uma particularidade do processo memorial que é envolvido na prática da oralidade, isto é, o processo criativo da tradição oral disponibiliza ao narrador, ao ancião, ao sábio, receptáculo e guardião da memória e da história da comunidade, a possibilidade de orientar as narrativas a partir do presente. Neste sentido, à maneira da prática sacerdotal, a reinterpretação e a formulação de significados dos contos resumem uma rememoração que é prática cotidiana, que não se dá no conjunto da exatidão das palavras, mas por uma prática constante de reconstrução¹⁵⁶.

Dessa forma, as parábolas de Antonio são parte da estrutura mental do zapatismo. Ao caçar um leão na montanha – que, segundo Marcos, mais parece um puma americano – Antonio traz ao subcomandante a reflexão sobre o medo e o *mirar*/olhar do leão à presa, sobre como aqueles que buscam o coração, a verdade, a justiça, são capazes de mudarem a forma como são vistos e, em verdade, fazerem-se confiantes¹⁵⁷. Ou então quando conta que as cores nasceram de um mundo cinza e do pensamento divino que, ao ver tamanha distinção, decidiram por guardá-las em uma *Guacamaya*/Arara e, assim, lembrar aos humanos que os pensamentos e as diferenças são muitos, mas todos têm o seu lugar no mundo¹⁵⁸.

156 LE GOFF, 2013, p. 391-394.

157 EZLN, 24 ago. 1994.

158 EZLN, 27 out. 1994.

Em outros contos, porém, são demonstradas características que o zapatismo busca ressaltar em si, seja na formação como seres de milho, como guardiões das vontades divinas, como aqueles que se sacrificam para o bem comum. Ainda, essas afirmações conformam o sentido político, a razão da rebelião. É o caso do relato de Antonio sobre o surgimento das palavras que, inicialmente na fala dos deuses, como primeiras, foram chamadas democracia, liberdade e justiça, e dadas aos cuidados dos homens e mulheres verdadeiros para que assim fossem asseguradas em sua existência como base/estrutura primordial da língua e, no conto, da luta do movimento¹⁵⁹.

Neste sentido e ação, a elaboração das temporalidades e da memória se conformam como prática de resistência e, especificamente para as comunidades indígenas, como supressão de determinações culturais ocidentais, seja por meio da religião cristã – compreendida em seu próprio sincretismo – ou da história, isto é, da concepção dos acontecimentos em um tempo e em relação à memória. Este é o caso de “La historia de las preguntas” de 13 de dezembro de 1994.

Neste relato, conta Marcos do primeiro encontro que teve com Antonio. Ambos estavam na Selva: o primeiro com dois outros combatentes¹⁶⁰, ensinando-os a viver nas montanhas; o segundo, vagando pela comunidade e a caminho do milharal. Entre o encontro, ambos perguntam sobre suas origens e objetivos. Neste momento o subcomandante, enquanto guerrilheiro e professor, explica sobre a Revolução Mexicana, sobre Zapata, sobre o *Plan de Ayala* e todos os fatos do início do século XX mexicano. Antonio rejeita Marcos: “No así fue’, me dice. Yo hago un gesto de sorpresa y sólo alcanzo a balbucear: ‘¿No?’. ‘No’, insiste el viejo Antonio: ‘Yo te voy a contar la verdadera historia del tal Zapata’.

O sentido da verdade toma proporções da memória e, neste processo de interação entre dois mundos distintos, duas linguagens diferentes, duas significações controversas, Antonio dá corpo e voz à resistência indígena para com o ocidente colonizador. Conta o velho que dois deuses, Ik’al e Votán, contrários entre si – um era a luz e o outro as trevas – formavam uma unidade. “Dos eran de uno sólo (...). Eran lo mismo. Eran uno los dos, porque el uno hacía el otro”. Como habitantes do mesmo corpo, as decisões e ações para o início da caminhada dos dias teve que ser tomada a partir das perguntas:

159 EZLN, 30 dez. 1994.

160 Segundo o documento, são Ana María e Mario, que haviam acabado de ingressar nas fileiras zapatistas e, acompanhando Marcos que então era tenente de infantaria, estavam aprendendo a sobreviver na clandestinidade e no ambiente inócuo da Selva. (EZLN, 13 dez. 1994).

“¿Qué hacemos pues?”, preguntaron los dos. “Está triste la vida así como estamos de por sí”, tristeaban los dos que uno eran en su estarse. “No pasa la noche”, dijo el Ik'al. “No pasa el día” dijo el Votán. “Caminemos”, dijo el uno que dos era. “¿Cómo?”, preguntó el otro. “¿Para dónde?”, preguntó el uno. Y vieron que así se movieron tantito, primero para preguntar cómo, y luego para preguntar dónde.¹⁶¹

Como parte do caminhar, as perguntas foram as responsáveis por levar, no decorrer do conto, ao movimento dos deuses, do dia e da noite. Ao chegarem em um acordo, as divindades dividiram-se por aquele que caminharia durante a escuridão e o que tomaria corpo na luminosidade. Assim constitui o ensinamento da história:

Y entonces así aprendieron los hombres y mujeres verdaderos que las preguntas sirven para caminar, no para quedarse parados así nomás. Y, desde entonces, los hombres y mujeres verdaderos para caminar preguntan, para llegar se despiden y para irse saludan. Nunca se están quietos.¹⁶²

Marcos, intrigado, pergunta ao velho que acabara de conhecer: “¿Y Zapata?”. Antonio sorri. Explica que o subcomandante – então tenente – parece ter aprendido que para saber e caminhar é preciso fazer perguntas/questionar. O velho acende outro cigarro e narra que Zapata

se apareció acá en las montañas. No se nació, dicen. Se apareció así nomás. Dicen que es el Ik'al y el Votán que hasta acá vinieron a parar en su largo camino y que, para no espantar a las gentes buenas, se hicieron uno sólo. Porque ya de mucho andar juntos, el Ik'al y el Votán aprendieron que era lo mismo y que podían hacerse uno sólo en el día y en la noche y cuando se llegaron hasta acá se hicieron uno y se pusieron de nombre Zapata y dijo el Zapata que hasta aquí había llegado y acá iba a encontrar la respuesta de a dónde lleva el largo camino y dijo que en veces sería luz y en veces oscuridad, pero que era el mismo, el Votán Zapata y el Ik'al Zapata, el Zapata blanco y el Zapata negro, y que eran los dos el mismo camino para los hombres y mujeres verdaderos.¹⁶³

A história, dessa forma, toma contrastes mitológicos e sentido metafísicos. Zapata, assim, não se inicia ou acaba no tempo, não forma uma narrativa linear ou cronológica. Zapata é a encarnação de uma divindade, é o fazer-se humano de Ik'al e Votán, é escuridão e luz. Zapata é um símbolo. A representação do revolucionário é o sentido das perguntas: expressar o caminho, dar razão às ações, conhecer o mundo. Por fim, Zapata é a resistência. É a representação da luta, da rebeldia, do conhecimento e do EZLN. Zapata é a quebra dos paradigmas evolutivos. Zapata é a mudança na concepção do tempo.

161 EZLN, 13 dez. 1994.

162 EZLN, 13 dez. 1994.

163 EZLN, 13 dez. 1994.

A materialização do revolucionário se dá em uma foto de Zapata entregue pelo indígena ao guerrilheiro. Uma foto que para o primeiro foi a responsável por muitas perguntas e que o levou até ali. Entrega-a ao segundo para que “aprendas a perguntar... y a caminar”. As perguntas, dessa forma, montam o conhecimento, são as responsáveis pela inquietude e mudança. As perguntas são revolucionárias e fazem o mundo girar e agir.

É nesse sentido que a resistência de um movimento indígena longínquo – que atravessa o período da colonização – forma a razão da luta chiapaneca. Na memória coletiva e que se conforma na narrativa de Antonio, a temporalidade da história é substancial e tem a forma de um caracol, isto é, sem início ou fim, mas com entradas e saídas, com relações entre os tempos e os seres que neles habitam. A história, dessa forma, toma o conjunto da memória como base e se estrutura na prática cultural das comunidades e, portanto, no sentido da rebelião zapatista¹⁶⁴.

164 LIMA, 2014, p. 215-263.

CAPÍTULO 3

O ZAPATISMO E A MEMÓRIA DO FUTURO

Pensar as temporalidades em sentido histórico é trazer à discussão a complexidade da própria ideia de história e de historiografia, isto é, do ato de escrever ou de fazer a história. Se entendido em uma constituição filosófica, as vivências ou relações produzidas pelos seres humanos com os conjuntos cronológicos, o tempo e suas configurações, trazem perspectivas que são estruturadas em uma profusão de sentidos culturais, coletivos. De fato, se a existência configura uma presença em um espaço e tempo delimitados – para pensar na definição da história de Marc Bloch (2001) – e os vestígios produzidos pelos viventes nesses momentos são os objetos de procura e indagação do historiador, a produção desses mesmos documentos – em sentido plural e não limitado ao que está escrito – se formulam através de uma narrativa ou testemunho daquele que viu ou participou e decidiu, voluntariamente ou não, marcar o que seria sua história¹⁶⁵.

Dessa forma, as possibilidades das relações da história com as temporalidades se intensificam na perspectiva daquilo que o testemunho aflora. Fruto de uma consciência do presente envolvido nas diversas dinâmicas do político, econômico, social e cultural, em relação constante com o passado rememorado, revivido e reestruturado, é criador e articulador de um conjunto de esperanças, de desejos e expectativas que se formulam nos projetos futuros.

A construção desses futuros – plurais, heterogêneos, diversos – marcam o testemunho e os documentos como articulações de uma vontade/desejo. É nesse processo de construção do que seria o futuro a partir de um presente que as fontes explicitam aquilo que articula a vivência e a prática histórica dos sujeitos e – relacionadas com as experiências de um passado memorial, aos antepassados, os ancestrais ou seus testemunhos, revividos e rememorados constantemente, seja por meio de práticas culturais ritualísticas, seja através da oralidade ou mesmo da grafia que formam a narrativa – instituem um domínio significativo da mentalidade.

165 Compreende-se aqui que a História é uma produção posterior e científica das relações dos humanos com o complexo do tempo e do espaço. Neste sentido, criar a “sua história” não se trata de produzir o conhecimento científico, mas o testemunho que é utilizado, verificado, analisado e constituído enquanto História. É neste mesmo sentido que se compreende a proposta de Walter Benjamin em suas *Teses* quando fala que o “dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador” ou na condição do fato histórico como uma produção cronológica e científica. (1987, p. 222-232)

Em proposta, Paul Ricoeur¹⁶⁶ articula os domínios da temporalidade através da consciência dos sujeitos. O “ter sido” como um complexo de esperanças envolve a maneira como os testemunhos se constituem tanto sobre o passado como sobre o futuro e, dessa forma, estruturam relações entre ambos que é de uma memória articulada como dívida, ou seja, como algo que será ou deve ser lembrado¹⁶⁷.

Na perspectiva de se estabelecer uma lógica para o trabalho do historiador, portanto, permanece a busca pela compreensão dos aspectos mais diversos dos seres humanos em seu contexto como forma de entender o processo de construção do que seria, em verdade, as práticas, as ânsias, a contemporaneidade dos sujeitos que são investigados em suas condições de vida, isto é, da forma que conceberam, entendiam e agiam no espaço e tempo que experienciavam.

Assim como os vivos de agora, os mortos “imaginados em seu presente vivido, projetaram um determinado porvir”. A diferença entre ambos é o fato de que as ações dos mortos “teve consequências indesejadas que frustraram seus projetos e decepcionaram suas esperanças mais caras” e foram capazes de produzir o desenrolar histórico que, diferentemente dos que imediatamente vivem, especialmente quando relacionado à história e aos historiadores, não são capazes de enxergar¹⁶⁸. É dessa maneira que as constituições de expectativas e projetos formam um “cemitério de promessas não cumpridas”, mas orientadas de maneira a invadir e dar sentido às ações dos sujeitos em seus respectivos presentes¹⁶⁹.

De forma análoga, a construção da história a partir dos documentos que são apresentados influi diretamente na concepção que essas fontes articulam sobre sua relação memorial e as esperanças vindouras. Seja em termos de escatologias, utopias, significações de ultrapassado ou moderno, como propõe a perspectiva de Le Goff¹⁷⁰, as referências a um futuro são parte das condições das mentalidades sociais constituídas em um tempo e, por isso, parte da história. Se o “passado é uma construção e reinterpretação constante” que advém das

166 2012, p. 329-349.

167 Na forma de entender a fenomenologia de Heidegger, Ricoeur expressa uma condição de realce para a dívida em seu processo de relação com a memória, o passado e o futuro. É neste sentido, por exemplo, que as diversas relações temporais se exprimem sobre o testemunho e suas significações. Na medida em que avança nas análises de Santo Agostinho ou de Aristóteles, o autor entende que o tempo e a narrativa constituem relações basilares para a experiência humana e são aquilo que forma a condição própria do agir com o narrar a ação e produzem o testemunho. O que é expresso também por Certeau na construção do conhecimento histórico ao condicionar a transformação da observação e do trabalho do pesquisador a partir do lugar social, da prática e da gramática (RICOEUR, 1994, p. 85-101; DE CERTEAU, 1982, p. 23-108).

168 Por se tratarem de fatos que ainda não ocorreram.

169 RICOEUR, 2012, p. 347-348.

170 LE GOFF, 2013, p. 28.

pesquisas históricas e da formulação dos documentos/monumentos¹⁷¹ como aspectos dos vestígios humanos, esse mesmo passado “tem um futuro que é parte integrante e significativa da história”, ou seja, que articula a maneira como as fontes traduzem suas expectativas e percepções sobre o que está por vir interligado à forma como as experiências e a cultura envolvem a compreensão de mundo por meio da memória coletiva.

Se pensado no aspecto histórico de uma fonte qualquer em seu conjunto, localidade, espaço ou tempo e as relações que a mesma molda com os demais documentos próximos em ambientação, é preciso localizar não apenas as comparações possíveis, mas a maneira que o conjunto expresso institui, a partir da prática do pesquisador e de sua operação historiográfica, a História – com aça maiúsculo. Mais ainda: como esse conjunto e os seres humanos que agiram e formaram as fontes em seu coletivo representam uma observação, vontade ou determinação sobre o que foi o passado e o que deve ser o futuro.

É nessa direção que caminha este capítulo. A consideração sobre as formas que um passado é observado ou estabelecido pelas práticas humanas influi diretamente na maneira em como o futuro é desejado ou esperado. Ainda, expressa corpo na forma de agir no presente em busca desse porvir. Assim, não se limita a um constante aguardar, mas a um agir para chegar a um horizonte, uma esperança, um desejo ou uma utopia.

Se o par antigo/moderno denota as confrontações históricas do Ocidente, como aponta Le Goff¹⁷², é preciso compreender como as percepções sobre a organização das sociedades influem de maneira proeminente na base cultural dada a concepções sobre o progresso, a inovação, a tradição e até mesmo a política e seus espaços, a economia e as formas de organização do trabalho e a revolução.

Neste sentido, as ações humanas, baseadas em considerações sobre as mentalidades de um grupo social e, portanto, a uma cultura formativa, são organizadas através da significação, dos sentidos, das representações. Estruturar um objetivo é imaginar resultados para as práticas tomadas em uma conjuntura e, dessa forma, criar um futuro em expectativa.

Entrelaçadas na perspectiva cultural, as análises das fontes do arquivo histórico do Exército Zapatista de Libertação Nacional trazem à tona dois conjuntos principais de uma memória, narrativa e testemunho, que formulam o que os agentes históricos pensavam sobre o

171 Na perspectiva de Le Goff, todo documento é um monumento à medida que é criado, moldado, selecionado ou transformado através das ações humanas. Neste sentido, toda análise documental deve partir da premissa de que há uma narrativa construída que atende a interesses e objetivos e, portanto, figura-se como monumento de uma sociedade. (LE GOFF, 2013, p. 485-499)

172 LE GOFF, 2013, p. 161-192.

futuro: uma de ordem prática, voltada às necessidades mais materiais e básicas compreendidas pelo movimento social; e outra de ordem político-cultural, que articula os significados dados ao que é compreendido como democracia, liberdade e justiça.

Dessa forma, este capítulo é organizado através de duas subdivisões analíticas: uma que busca apresentar as condições materiais em que se viam os indígenas e combatentes do EZLN e as necessidades mais básicas que representam parte dos primeiros diálogos ocorridos entre o movimento e o governo federal em fevereiro de 1994, poucos dias após o início do conflito. Neste espaço, pretende-se compreender a maneira que o movimento buscou para articular uma proposta que contemplasse as vontades imediatas, isto é, de uma curta duração. Ainda, explana como as experiências anteriores foram importantes na expectativa criada pelo movimento sobre as promessas do governo, na organização das consultas às bases sociais do movimento e na estruturação de uma nova ação advinda da Segunda Declaração da Selva Lacandona e a proposta e posterior realização da Convenção Nacional Democrática.

Na segunda parte, são analisadas as considerações dos documentos do movimento sobre a forma de observação e significação das estruturas do que seriam as demandas culturais e políticas do movimento, ressaltando os aspectos de uma cultura política zapatista. Nesse espaço objetiva-se esclarecer como as relações com as comunidades indígenas e suas tradições deram corpo ao projeto político do EZLN em 1994 e criaram interações com o governo federal e a sociedade civil.

3.1 DEMANDAS MATERIAIS

A ação organizada do EZLN com o início do conflito em janeiro de 1994 expõe – ao mesmo tempo que dá processo à guerra que, segundo os combatentes, era a última saída existente perante os resultados das manifestações e das promessas do governo realizadas anteriormente – uma situação até então pouco relatada na imagem do México ao mundo: a pobreza.

A situação socioeconômica de Chiapas e dos demais Estados da região sul do México é a de uma importante base de exploração de recursos materiais, recursos estes distribuídos aos centros comerciais do país. Neste sentido, expressa-se a produção hidrelétrica nacional que possui nas terras chiapanecas 55% de seus frutos. Também é na região, com importante taxa de ocupação de terras por indígenas, que se encontram os maiores índices de marginalização, analfabetismo e miséria.

Dessa forma, articulado a uma base social indígena e considerando as experiências anteriores existentes¹⁷³, o movimento apresenta exigências iniciais pautadas nas necessidades mais básicas e materiais. Na visão do movimento, se o único caminho existente é a morte, seja por doenças curáveis ou pela fome, então a decisão foi escolher qual a “melhor morte”, isto é, dar início ao conflito.

O ponto inicial e que articula as decisões do conflito pode ser encontrado logo na Primeira Declaração da Selva Lacandona. Publicada em 1º de janeiro de 1994, o documento é uma declaração de guerra ao governo e propunha, em linhas gerais, apresentar os motivos da ação conflituosa. Uma condição que não apenas experiencia as diversas manifestações memoriais e de identidade, mas também explana as visões iniciais dos zapatistas sobre seu papel na estrutura do país:

(...) sin importales [aos ricos e aos governantes] que estemos muriendo de hambre y enfermedades curables, sin inmortales [sic] que no tengamos nada, absolutamente nada, ni un techo digno, ni tierra, ni trabajo, ni salud, ni alimentación, ni educación, sin tener derecho a elegir libre y democráticamente a nuestras autoridades, sin independencia de los extranjeros, sin paz ni justicia para nosotros y nuestros hijos.¹⁷⁴

Identificando os zapatistas com os pobres e os indígenas do país mesoamericano, a narrativa do documento – quanto ao fato de que a miséria é presente, ainda existe, é parte do cotidiano de uma expressiva população local – ressalta as discordâncias ante as expectativas da assinatura de um Tratado de Livre Comércio com os demais países da América do Norte¹⁷⁵ e a realidade do porão mexicano, isto é, da parte mais baixa da estrutura socioeconômica observada pelo movimento: os indígenas¹⁷⁶.

173 Baseadas na memória indígena do processo de colonização, a longo prazo, e das ações de movimentos sociais contestadores que tiveram maior atuação em Chiapas no final da década de 1970 e início de 1980, especialmente a Unión de Uniones Quiptic Ta Lectubesel e a Organización Campesina Emiliano Zapata (OCEZ). (HARVEY, 1998, p. 118-146; DE VOS, 1991, p. 46-63).

174 EZLN, 1º jan. 1994.

175 O TLC foi colocado em vigor na mesma data da aparição pública do EZLN, destacando, dessa forma, uma estratégia simbólica de repúdio ao processo que, na visão do movimento, ignorava os indígenas e só poderia trazer mais pobreza a todos os mexicanos, como nas palavras de Marcos em 13 de janeiro de 1994: “(...) no los vieron [aos indígenas] más que como objeto antropológico, curiosidad turística, o partes de un ‘parque jurásico’ (¿así se escribe?) que, afortunadamente, habría de desaparecer con un TLC que no los incluyó más que como un acta de defunción desechable, porque en las montañas la muerte no se cuenta ya”. (EZLN, 13 jan. 1994).

176 Em referência ao documento de 22 de setembro de 1994 intitulado “La larga travesía del dolor a la esperanza” no qual é descrito um México subdividido em quatro partes: o da “planta alta”, lugar dos ricos e dos governantes; do “medio”, das regiões centrais e da classe média; de “abajo”, dos pobres e da ruralidade; e do “sótano” onde estão os indígenas e seu alto grau de marginalização. (EZLN, 22 set. 1994).

Uma realidade descrita como uma viagem à Selva e ao conhecer/saber/encontrar Chiapas. É assim que um documento escrito em meados de 1993 pelo subcomandante Marcos e republicado em 27 de janeiro de 1994, “Chiapas: el sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía”, narra um trânsito hipotético de um mexicano qualquer ao Estado do sul. Escrito como um tipo de manifesto que buscava gerar consciência dos companheiros que se aproximavam da causa zapatista, o documento destina sua primeira parte a apontar os âmbitos econômicos e sociais chiapanecos. Motivo análogo que leva à sua republicação, visto que a aparição pública dos rebeldes levou Chiapas ao centro das discussões nacionais.

“Suponga que habita usted en el norte, centro u occidente del país” e que decida por conhecer Chiapas seguindo as orientações de uma antiga frase da Secretaria de Turismo do México: “Conozca México primero”. No diálogo que trata entre narrador e leitor, este é levado a uma hipotética viagem feita por automóvel¹⁷⁷, passando por Matías Romero em Oaxaca e enfim chegando a Chiapas. A partir de então, o narrador destaca que as três vias – *carreteras* – não são o único trajeto de exploração das riquezas do Estado, há também outros diversos caminhos de dessangramento:

(...) por oleoductos y gasoductos, por tendidos eléctricos, por vagones de ferrocarril, por cuentas bancarias, por camiones y camionetas, por barcos y aviones, por veredas clandestinas, caminos de terracería, brechas y picadas; esta tierra sigue pagando su tributo a los imperios: petróleo, energía eléctrica, ganado, dinero, café, plátano, miel, maíz, cacao, tabaco, azúcar, soya, sorgo, melón, mamey, tamarindo y aguacate, y sangre chiapaneca fluye por los mil y un colmillos del saqueo clavados en la garganta del sureste mexicano. Materias primas, miles de millones de toneladas que fluyen a los puertos mexicanos, a las centrales ferroviarias, aéreas y camioneras, con caminos diversos: Estados Unidos, Canadá, Holanda, Alemania, Italia, Japón; pero con el mismo destino: el imperio. La cuota que impone el capitalismo al sureste de este país rezuma, como desde su nacimiento, sangre y lodo¹⁷⁸

Nesta pausa para fazer uma apresentação ao viajante sobre o lugar de destino, Marcos destaca estatisticamente a situação da exploração dos recursos em Chiapas, desde o capital financeiro e especulativo, passando pelo petróleo, café, carne bovina, produção de energia hidrelétrica, madeira, mel e milho.

Os dados apresentados pelo subcomandante em documento são de uma extensa produção de recursos primários no Estado. Em relação ao petróleo e gás natural, a produção é destacada em 92 mil barris e 516,7 mil pés cúbicos¹⁷⁹, respectivamente. Produção e

177 “Llegar por aire a Chiapas no sólo es caro sino improbable y de fantasía: sólo hay dos aeropuertos ‘civiles’ y uno militar”. (EZLN, 27 jan. 1994).

178 EZLN, 27 jan. 1994.

179 Aproximadamente 14,6 mil metros cúbicos.

reestruturação do quadro de exploração do petróleo a partir da reorganização da Petróleo Mexico (PEMEX) e das regulamentações a partir do TLC, o petróleo mexicano formava uma boa fonte de abastecimento aos Estados Unidos¹⁸⁰.

De maneira análoga aparecem os dados sobre a produção de café e de gado. Em Chiapas, principal produtor mexicano no início da década de 1990, o café representava 35% da produção nacional, da qual 53% era destinada à exportação. Em termos de organização da produção, em 1988, 91% das terras produtivas eram menores que cinco hectares¹⁸¹. O gado de corte, contabilizado na casa de três milhões de cabeças em todo o Estado, tinha o comércio dominado pelos *coyotes*, os intermediários, que chegavam a obter um valor de venda dez vezes maior que o de compra, segundo o subcomandante.

Em termos de produção de energia, a situação era particularmente expressiva. Enquanto responsável pela produção de 55% da energia hidrelétrica nacional e de 20% da energia elétrica total do país, o Estado possuía 33,1% das casas sem eletricidade, condições que variavam por municipalidades. Quando apontadas as com mais de 50% de falantes de língua indígena, o percentual chegava a até 99,5% das residências¹⁸².

Apesar de uma constante e expansiva exploração dos recursos do Estado, os retornos financeiros eram direcionados às elites econômicas, resultando numa desigualdade social expressiva. As taxas se destacam quando mencionada a população indígena. A partir da organização por grau de marginalização¹⁸³, 82,6% dos municípios considerados indígenas, isto é, onde pelo menos 70% dos habitantes são falantes de línguas indígenas, possuíam caracterização de alto ou muito alto grau.¹⁸⁴

Os dados se refletem no XI Censo General de Población y Vivienda organizado pelo Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática (INEGI). No censo, publicando resultados coletados em 1990, 26,4% da população do Estado com cinco anos ou mais declarou ser falante de línguas indígenas¹⁸⁵. De forma análoga, nos municípios que se

180 Em 1992 o México ocupava o segundo lugar como fornecedor de petróleo aos EUA, respondendo por 13,1% do volume total de importação do país ianque. Era superado apenas pela Arábia Saudita que ocupava 22,4% do volume total. (DÍAZ, 1992, p. 275).

181 Dados que contabilizam uma condição familiar da produção de café. (HARVEY, 1998, p. 177).

182 Como é o caso do município de Francisco Leon. Vide tabela 1.

183 Organização proposta pela Comisión Nacional para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas (CDI) em 2006.

184 A marginalização é caracterizada como uma estrutura de dimensões socioeconômicas da qual é possível sintetizar índices de renda, acesso à educação e tipo de habitação. Nesse sentido, as localidades indígenas apresentam carências importantes e que resultam na condição de pobreza verificada. (NIGRI, 2009, p. 28-35.)

185 A metodologia utilizada no levantamento condicionava a caracterização de indígena como falante de língua local ou regional e de matriz ameríndia. Dessa forma, eram desprezadas variantes culturais, étnicas e de identidade que resultavam no ocultamento de grupos de raiz e práticas indígenas, mas não falantes da língua,

destacaram pela presença de mais de 50% de falantes de línguas indígenas, o índice de população maior de 15 anos analfabeta era considerável, como em Sitala, Chamula, Mitontic e San Juan Cancuc, com 71,1%, 70,9%, 68,3% e 66,4%, respectivamente (tabela 1).

Os menores índices de analfabetismo nas municipalidades destacadas situavam-se em Tapalapa, Oxchuc e Jitotol com a presença de 81,9%, 80,8% e 57,5% de falantes de língua indígena, respectivamente. Nestes casos, as taxas de analfabetismo ficavam em 29,4%, 34,7% e 39%, respectivamente, isto é, com aproximadamente um terço da população sem a capacidade de ler e escrever.

Além disso, nos municípios com 50% ou mais de falantes de línguas indígenas, eram notórias as altas taxas de exclusão do acesso ao saneamento básico¹⁸⁶ e à energia elétrica, apontando uma precária condição social apoiada na caracterização indígena de capacidade de fala da língua, resultados que acabam por ocultar indivíduos envolvidos pelas práticas culturais das comunidades, isto é, que não refletem a totalidade do conjunto étnico em razão da metodologia empregada pelo Censo.

Nas localidades com altas taxas de presença de falantes de línguas indígenas, isto é, com mais de 70%, as condições de acesso à água encanada, esgoto e energia elétrica são precárias. Os municípios de Chanal e San Juan Cancuc apresentavam taxas de 5,7% e 10,2% de serviços de água encanada e 1,3% e 0,3% de esgoto, respectivamente. San Juan Cancuc, ainda, tinha uma população com acesso à energia elétrica de apenas 8,9%.

e denotam o marco da exploração colonial na lógica indigenista. O censo sofreu alterações no ano de 2000 com a inserção de questionamentos sobre o pertencimento étnico que, apesar de proeminentes, continuavam a sinalizar inconsistências na contabilização da população indígena que, na proposta de Bringas e Galindo, deveria levar em consideração como indígenas aqueles que “hablan y pertencen a lo indígena simultáneamente, o bien que cumpliendo sólo uno de esos criterios, hay otros miembros del hogar que se encuentran en una situación similar”. (NOLASCO ARMAS, 1970, p. 66-94; HERNÁNDEZ BRINGAS, CHÁVEZ GALINDO, 2007, p. 15-24).

¹⁸⁶ Compreendido aqui enquanto a soma da presença de água encanada e esgoto.

Taxa de população analfabeta, com acesso à água encanada, esgoto e energia elétrica dos municípios do Estado de Chiapas com 50% ou mais de falantes de línguas indígenas em 1990							
Município	População total	Falante de língua Indígena	%	Analfabeta (%)	Água encanada (%)	Esgoto (%)	Energia elétrica (%)
Altamirano	17.026	10.367	60,9	51,7	51,3	25	25,8
Amatenande Valle	5.681	3.936	69,3	59,7	66,4	17,4	56,6
Bosque, El	13.973	10.711	76,7	54,1	78,1	25,7	69
Chalchihuitan	9.442	7.223	76,5	60,8	23,1	2,6	4,4
Chamula	51.757	42.128	81,4	70,9	32	2,7	53,3
Chanal	7.195	5.727	79,6	54	5,7	1,3	45,1
Chapultenango	5.552	3.908	70,4	42,6	52,1	14,4	28,8
Chenalho	30.680	24.148	78,7	51,2	43,5	6,6	22
Chilon	66.644	52.731	79,1	58	58,3	9,7	22,9
Francisco Leon	3.903	2.539	65,1	45,6	45	8,1	0,5
Huistan	17.669	13.926	78,8	46,3	29,8	4,7	41,9
Huitiupan	16.109	10.142	63,0	44,9	52,2	19,3	32,6
Jitotol	9.702	5.574	57,5	39	82,9	31,2	48
Larrainzar	15.303	12.082	79,0	61,9	51	8,5	21,1
Mitontic	5.783	4.610	79,7	68,3	23,5	2,9	14,8
Ocosingo	121.012	78.966	65,3	46,5	50	16	32
Ocotepec	6.386	5.226	81,8	59,7	47,7	21,3	44,7
Oxchuc	34.868	28.156	80,8	34,7	41,3	12,4	12,9
Pantelho	13.131	9.839	74,9	63,1	54,1	24,3	25,9
Sabanilla	17.475	12.095	69,2	42,9	54,2	8,7	20,9
Salto de Agua	41.583	27.945	67,2	46,1	37,4	11	35,4
San Juan Cancuc	21.206	16.799	79,2	66,4	10,2	0,3	8,9
Simojovel	28.038	17.889	63,8	55,8	70	37,3	36
Sitala	6.640	5.114	77,0	71,1	29,1	10,7	14,4
Tapalapa	3.343	2.738	81,9	29,4	63,5	23,7	36,4
Tenejapa	27.217	21.942	80,6	49,2	79,7	6,7	52,6
Tila	48.558	38.167	78,6	50,3	48,5	12,9	32,2
Tumbala	22.373	18.182	81,3	53,6	59,3	4,9	30,5
Yajalon	22.076	13.183	59,7	45,7	70,5	45,8	47,8
Zinacantan	22.392	18.377	82,1	63,3	52	7,4	76,2

Tabela (1) elaborada através dos dados do Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática, 1992.

As melhores taxas de presença de serviços de saneamento básico localizavam-se em Jitotol e Yajalon. Este com 70,5% de presença de água encanada e 45,8% de atendimento a

esgoto e aquele, 82,9% e 31,2%, respectivamente. A maior presença de casas atendidas com energia elétrica estava em Zinacatan e El Bosque, com 76,2% e 69% respectivamente.

Segundo o Censo, a principal ocupação econômica dos habitantes de Chiapas era de trabalhadores agropecuários, com 58,1% da população total, com um valor médio de rendimento mensal de zero, isto é, de nenhum tipo de rendimento, a dois salários mínimos para 80,1% dos habitantes do Estado¹⁸⁷.

No documento de 27 de janeiro de 1994, inserindo todo o contexto da exploração econômica no Estado, aponta-se que apesar de possuir um importante peso econômico, especialmente na produção energética, Chiapas detinha as mais baixas taxas sociais do país, isto é, uma localidade que tem por primazia “dar al estómago de la bestia” que, após levar os recursos, deixa em troca pobreza, condições precárias de comunicação, analfabetismo, escassa produção industrial, enfermidades e fome. “¡¡Bienvenido!!... Ha llegado usted al estado más pobre del país: Chiapas”¹⁸⁸.

Essas condições, exigências e informes são especialmente presentes na fase inicial da rebelião e nos primeiros meses de 1994, quando então o EZLN propõe expor a realidade do México aos mexicanos e aos países que observavam a entrada em vigor do TLC. Neste sentido, os diálogos propostos entre governo federal – a partir da nomeação de Manuel Camacho Solís – e os zapatistas tomaram as impressões daquilo que os dados mostravam a um nível político¹⁸⁹.

Em 16 de fevereiro de 1994, quando do preparo dos diálogos e da soltura do prisioneiro de guerra Absalón Castellanos¹⁹⁰, a leitura do texto “Amor popular de la selva chiapaneca” traduz demandas que se baseiam na própria condição existente. Exigências como melhoras nos serviços de saúde – a partir do envio de médicos especialistas e remédios – e a

187 O censo não traz informações das ocupações econômicas, setores de atividade ou ingresso mensal/salário por municipalidade. Nas taxas apresentadas, 19% dos habitantes do Estado declararam não receber nenhum tipo de provento; 39,9% até um salário mínimo; e 21,2% de um a dois salários mínimos. (INEGI, 1992).

188 EZLN, 27 jan. 1994.

189 Contatos que foram estruturados a partir das pressões sociais e da mediação do bispo Samuel Ruiz. Neste sentido, os diálogos que ocorreram entre 21 e 28 de fevereiro de 1994 podem ser compreendidos como a primeira ação concreta de negociação entre EZLN e governo federal. Todavia, é importante destacar que na organização do movimento zapatista as propostas apresentadas nos diálogos de fevereiro não são conclusivas em si, mas tiveram que ser repassadas e decididas pela base social que ficaram responsáveis por aceitar ou rechaçar as propostas, isto é, os diálogos foram contatos iniciais que não levaram a conclusões negociadas, mas à formação de propostas a serem discutidas internamente. (EZLN, 26 fev. 1994).

190 Governador do Estado de Chiapas de 1982 a 1988 e militar com patente de general, foi capturado pelas forças zapatistas em janeiro, julgado pelas comunidades indígenas e condenado pelo *Tribunal de justicia Zapatista* a “vivir hasta el último de sus días con la pena y la vergüenza de haber recibido el perdón y la bondad de aquellos a quienes tanto tiempo humilló, secuestró, despojó, robó y asesinó”. (EZLN, 20 jan. 1994).

educação – partindo do envio permanente de professores, materiais didáticos e até mesmo uniformes escolares. Outro ponto de destaque refere-se às condições de produção agrícola. Nesse sentido, expressam-se necessidades de insumos e maquinarias, que, como é apontado, “están en manos de latifundistas”¹⁹¹.

Esse conjunto de expressões materiais possuem, de fato, uma condição proeminente do movimento em seus aspectos iniciais. Pode-se notar que o desenrolar das demandas materiais se dá desde a declaração de guerra em 1º de janeiro de 1994. Na declaração, os onze pontos exigidos pelo movimento possuem valores que se distinguem entre materiais e políticos, mas que sintetizam as demandas e a ligação entre ambos os aspectos: “trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz”¹⁹².

É dessa forma que as condições materiais precedem, em termos de estruturação dos pontos, a condição política e nelas se entrelaçam a formar uma unidade. A existência de trabalho, a ocupação ou capacidade de produção própria na obtenção de terras, a melhora nas condições das *viviendas*, de alimentação, saúde e educação são ordenadas primeiramente e de certa forma unificadas às demandas de independência, liberdade, democracia, justiça e paz, sendo esta uma expressão da superação de todas as demais.

Nas palavras do comandante Javier, um dos representantes do EZLN na região de Los Altos, em entrevista concedida em 21 de dezembro de 1994 aos jornalistas José Gil Olmos e Hermann Bellinghauser, do jornal *La Jornada*, as necessidades materiais são diretamente proporcionais ao alcance da paz, isto é, uma pacificação que é oferecida pelas instituições mas que não é capaz de dar conta da realidade das comunidades:

¿Cómo quieren que haya paz en municipios como aquí, más jodidos todavía que los de la selva? Yo conozco. ¿Qué hay aquí? ¿Dónde va a trabajar la gente? Aquí no hay terrenos, ni siquiera alcanzan los cerros pelones. ¿Dónde van a conseguir leña? ¿Y ‘caso hay una buena tierra para cultivar? Así no hay esperanza de que se calmen las cosas. El gobierno ofrece paz pero ¿qué paz? El presidente Zedillo nos pide diálogo, pero así, sin condiciones, es difícil. Mientras no se respete la voluntad popular, no habrá justicia¹⁹³.

Dessa forma, os onze pontos formam uma base e síntese que se dá na existência do movimento, suas essências, que se aprofundam ao passo do desenrolar do conflito, porém consolidadas na Primeira Declaração da Selva Lacandona em 1º de janeiro. Não é possível, na

191 EZLN, 16 fev. 1994.

192 EZLN, 1º jan. 1994.

193 EZLN, 21 dez. 1994.

perspectiva dos documentos do arquivo histórico do movimento, atender plenamente às demandas do movimento através de ações localizadas. Não é possível, por exemplo, que exista justiça ou democracia sem que todos possuam moradia e alimentação. Não se alcança a paz enquanto a saúde é precária.

Desta forma, após os diálogos entre governo e zapatistas ocorridos entre 21 e 28 de fevereiro de 1994 – as *Jornadas por la paz y la reconciliación* – o EZLN disponibiliza um documento que traz as demandas em todas as suas variantes. Direcionado aos mexicanos, o documento sintetiza em 34 pontos – que se mesclam e aprofundam o marco dos onze primeiros – todas as vontades e exigências para que a paz seja alcançada. Nomeado como “Al pueblo de México: las demandas del EZLN” e publicado em 1º de março de 1994, a mensagem expressa a prática de transparência do movimento e a realidade chiapaneca: “No pedimos limosnas ni regalos, pedimos el derecho a vivir con dignidad de seres humanos, con igualdad y justicia como nuestros antiguos padres y abuelos”¹⁹⁴.

O documento pode ser dividido em duas partes: na primeira são esclarecidas, por meio de oito afirmativas, as razões e causas da rebelião em Chiapas; e na segunda, são apontados os 34 pontos detalhadamente escritos. Destacam-se, nesta parte, as demandas que refletem especificamente as expectativas materiais.

Em termos de sentidos e motivações, o documento reflete de maneira clara, porém sucinta, a situação de Chiapas e se alinha com as diretrizes do movimento. As afirmativas são:

- 1- A fome, miséria e marginalização;
- 2- A carência de terras para sobrevivência, o que assume um sentido de ocupação e propriedade que não se alinham à lógica neoliberal condensada nas políticas e no Estado mexicano de 1994;
- 3- A repressão, o desalojamento, os assassinatos, o encarceramento em massa¹⁹⁵;
- 4- Injustiça e violação dos direitos humanos dos indígenas e dos camponeses pobres;
- 5- A exploração do trabalho e das relações comerciais, especialmente as adotadas pelos mediadores/*coyotes*;
- 6- Falta de serviços básicos como água, esgoto e energia elétrica;
- 7- A falta da democracia e as promessas não cumpridas dos governos;

194 EZLN, 1º mar. 1994.

195 Para citar um exemplo do sentido dado à repressão pela justiça local, nas palavras do subcomandante Marcos em 27 de janeiro de 1994: “Caen los árboles, retumban las explosiones de dinamita en terretos donde sólo los campesinos tienen prohibido tumbar árboles para sembrar. Cada árbol que tumbem les puede costar una multa de 10 salarios mínimos y cárcel”. (EZLN, 27 jan. 1994).

8- As leis que possuem dois pesos e duas medidas, para indígenas e governantes.

Dos 34 pontos apresentados no documento, ao menos treze demandam diretamente ações de cunho material e que têm como objetivo sanar as problemáticas sociais mais básicas aos chiapanecos. Entrelaçados aos motivos ou razões da rebelião, os treze pontos destacam exigências formais e diretas:

- Instalação de energia elétrica em todas as residências do Estado e reversão do faturamento com a produção de petróleo em obras de infraestrutura industrial, agrícola, comercial e social;
- Reforma agrária, com a divisão das terras de estrangeiros e latifundiários e com a dotação de maquinários agrícolas, suprimentos e assistência técnica, além de regulamentação dos preços de produtos primários como o milho e o café. Exige, ainda, que a terra reformada seja de boa qualidade e que tenha comunicações terrestres para dar vazão à produção. Por fim, em relação à terra, requer a anulação da reforma constitucional ao artigo 27, que modificou as relações de propriedade dos ejidos;
- Construção de hospitais com médicos especializados e disposição de medicamentos nas cidades, assim como capacitação e salário justo aos agentes de saúde. Ainda, onde já existam hospitais, que o atendimento seja expandido e reabilitado para as cirurgias gerais;
- Construção de *viviendas* nas comunidades rurais que tenham acesso à água encanada, energia elétrica, esgoto, transporte e comunicações. Exige a disponibilização – chamada como vantagem – nas *viviendas* de eletrodomésticos existentes na cidade, como televisão e refrigerador, e a construção de centros recreativos para a cultura e o desporto nas comunidades;
- Fim do analfabetismo por meio da construção de escolas primárias e secundárias, disponibilização de material didático e professores qualificados nas comunidades e, nas *cabeceras*, escolas de tipo preparatórias, com uniformes, calçados, alimentação e material escolar totalmente gratuitos;
- Disponibilização de trabalho digno e salário justo aos trabalhadores do campo e da cidade, com a aplicação da *Ley Federal del Trabajo*, com pagamento de 13º salário, folgas semanais e férias e direito de greve;
- Preço justo para os produtos do campo, disponibilizando mercados próprios, com o fim da intermediação exploratória dos *coyotes* e a anulação das dívidas por empréstimos, juros e impostos;

- Fim da fome e da desnutrição, com a construção de tendas corporativas auxiliadas economicamente pelo governo e disponibilização de veículos de transporte para as mercadorias. Além disso, as crianças menores de quatorze anos devem receber alimentação gratuita;
- Indenização das famílias atingidas pelo conflito em Chiapas, especialmente as que tiveram danos materiais por bombardeios e ação das tropas federais. Além disso, pede indenização às viúvas e órfãos do conflito, tanto civis quanto zapatistas.
- Um conjunto de exigências das mulheres camponesas indígenas, que engloba construção de clínicas de parto com profissionais qualificados, construção de creches, envio de alimentação para as crianças, construção de cozinhas, refeitórios e moinhos de milho, disponibilização de projetos de criação de animais e de panificação, construção de oficinas de artesanato, escolas técnicas, maternais e pré-escolas.

Demandas que qualificam os pontos da Primeira Declaração, as solicitações destacam a precariedade das condições sociais das comunidades. De fato, após os diálogos e as propostas serem definidas, o EZLN inicia uma etapa de consulta às bases para apresentar as discussões tomadas. Em verdade, nenhuma das partes dos diálogos – nem Manoel Camacho Solís enquanto comissionado para paz e nem os delegados zapatistas – possuíam poder de decisão¹⁹⁶ e as negociações partem para uma nova etapa de considerações das propostas.

Tenemos ahora la obligación de reflexionar bien lo que sus palabras [de Camacho Solís] dicen. Debemos ahora hablar al corazón colectivo que nos manda. Debemos escuchar su voz para caminar de nuevo. De ellos, de los nuestros, de los indígenas en montañas y cañadas, vendrá la siguiente señal para dar el próximo paso en este camino cuyo destino será la paz con justicia y dignidad, o no será.¹⁹⁷

Do lado zapatista, o processo de consulta leva em torno de três meses, com o levantamento das decisões comunitárias em atas e a finalização com a réplica do movimento. Os resultados foram publicados em 10 de junho de 1994 – por meio do documento “Sobre las consultas: para todos todo, nada para nosotros” – data em que também se colocava em público a Segunda Declaração da Selva Lacandona. As propostas governamentais – que se focavam em promessas de cunho material – foram rechaçadas por 97,88% das comunidades por se basearem na ausência de uma ordenação que era basilar para o movimento, isto é, das demandas que envolviam os âmbitos local – com a situação do Estado, dos camponeses e

196 “(...) Camacho Solís tendrá que consultar con el gobierno y los delegados zapatistas con sus comunidades”.
EZLN, 28 fev. 1994.

197 EZLN, 1º mar. 1994.

indígenas – nacional – em termos de reforma política e democratização – e internacional/universal – quanto à organização econômica, as autonomias e o reconhecimento das considerações étnicas¹⁹⁸.

Focando nas perspectivas materiais, a experiência das comunidades e do movimento foi importante no processo de consideração das propostas. Neste sentido, as respostas às demandas citadas destacam a ausência de confiabilidade nas promessas governamentais. É marcando esses dados que, em documento intitulado “Réplica a las propuestas del gobierno”, de 10 de junho de 1994, o movimento aponta detalhadamente como as propostas do governo ou não atenderam às demandas – quando relacionadas ao caráter político do Estado e ao processo de democratização entendido pelo movimento –, ou foram baseadas em promessas que não se cumpriram no prazo estipulado ou envolveram ações que, por experiência dos zapatistas e das comunidades indígenas, não seriam cumpridas¹⁹⁹.

Em termos da réplica zapatista, destaca-se que vários pontos referem-se a promessas ou estudos “en plazos que, en la mayoría de los casos, ya se vencieron”, bem como a programas de governo criticados pelo movimento, como o Procampo – lançado em outubro de 1993 com o objetivo de investir na produção agrícola nacional –, considerado pelos zapatistas como “oficina de compra de votos (...) cuja eficacia es medida en tanto que pueda corromper a los líderes campesinos para que comprometan su voto en favor del partido del Estado”. São também apontadas as negativas quanto à revisão do TLC, prometida para até 90 dias após os diálogos, mas que não havia sido realizada, bem como ao veto à reforma constitucional ao artigo 27 e à aplicação da reforma agrária condensada na Constituição de 1917²⁰⁰.

Ainda quanto às demandas de saúde, as respostas do movimento se articulam ao fato das promessas serem de cunho localizado, especificamente na região de conflito, o que denota uma resposta de que “el campo mexicano seguirá olvidado en lo que se refiere al derecho a la salud”. Na educação, a proposta de inclusão de um método de bolsas por meio de seleção é, para os zapatistas, a exclusão de parcela importante da população indígena com direito à educação em todos os níveis. Quanto à exigência de trabalho e aplicação da *Ley Federal*, a síntese do movimento se articula com a crítica ao projeto econômico neoliberal “que aumenta el desempleo y el subempleo, y disminuye el poder adquisitivo de los trabajadores”²⁰¹.

198 EZLN, 10 jun. 1994.

199 EZLN, 10 jun. 1994.

200 EZLN, 10 jun. 1994.

201 EZLN, 10 jun. 1994

Dessa forma, compreende-se que a imensa maioria das comunidades, com base em um espectro de promessas não cumpridas e em experiências anteriores com o governo, criaram expectativas negativas para as propostas governamentais, indicando uma continuidade da ação rebelde no território chiapaneco. Em termos de projeto futuro, portanto, nota-se que o atendimento às demandas mais básicas, apesar de apontadas em ações prometidas pelo governo, não geram um sentimento de confiabilidade. Em verdade, formulam uma repulsa maior que se envolve com a relação de trocas e frustrações passadas.

A importância das experiências e do contexto socioeconômico dão base a uma decisão sobre o futuro, marcando a ação de guerra e a busca de espaços políticos com a sociedade civil a partir das respostas de 96,74% das comunidades²⁰². É dessa maneira que a Segunda Declaração da Selva Lacandona, também de 10 de junho de 1994, formula a criação da Convenção Nacional Democrática (CND), um espaço de interação entre os zapatistas e a sociedade civil na formulação de um projeto político nacional a ser discutido e gestacionado coletivamente.

3.2 DEMANDAS E SIGNIFICAÇÕES POLÍTICAS

Com a publicação da Segunda Declaração, as atividades do movimento alteram-se para um passo de diminuição dos diálogos com o governo federal e um aumento da campanha política para a formação de uma frente única organizada em torno da CND. Dessa forma, as demandas materiais tornam-se menos frequentes, mais implícitas na ordem dos documentos, e é condensada uma estruturação do projeto político, especialmente quanto ao estabelecido em 10 de junho e na articulação das forças mexicanas em torno do mesmo.

Não se trata de uma guinada a uma campanha total e unicamente política. Ao mesmo tempo em que as demandas materiais eram estabelecidas, um conjunto de outras exigências já estavam presentes e faziam parte do escopo do movimento. Também não se pode falar em uma total transformação de um movimento armado – um exército – em um partido político ou organização não governamental. Enquanto as negociações e as exigências ocorriam, conflitos localizados se davam, especialmente com grupamentos paramilitares apoiados pelo governo e grupos econômicos estaduais, como os *ganaderos*.

202 Como parte das consultas, as comunidades também responderam à pergunta sobre o próximo passo a ser dado, da qual 96,74% responderam que deve existir “la resistencia y la convocatoria a un nuevo diálogo nacional y con todas las fuerzas honestas e independientes”. EZLN, 10 jun. 1994.

Portanto, se uma separação analítica se expressa na condição de armas e/ou política, para se pensar nas estratégias do EZLN é preciso considerar que tais condições tiveram maior ou menor força em momentos específicos, mas que não se contrapunham ou formavam um contrário²⁰³. Isto é, ao passo em que o movimento estabelecia a formação de uma Convenção que pudesse estabelecer uma proposta política consolidada em todo o país, um cerco militar e conflitos armados acompanhavam o território rebelde²⁰⁴.

Trata-se de um momento em que a política nacional está em ebulição. 1994 foi ano eleitoral e tudo indicava um aumento da violência do Estado e a tomada de controle do Partido Revolucionário Institucional (PRI) por um setor radical, chamado de linha dura. Neste sentido, o assassinato de um candidato a presidente da República pelo PRI, Luis Donaldo Colosio, em 23 de março de 1994, a ascensão de Ernesto Zedillo como novo candidato e as distensões internas no maior partido do país, afetado pelas crises advindas dos anos anteriores – especialmente com as eleições de 1988 e o escândalo fraudulento – formavam uma ebulição social que era combatida com a violência política e o controle das instituições²⁰⁵.

Dessa forma, a aparição pública de um movimento armado e de base social indígena em 1º de janeiro de 1994 pode ser entendido em um processo de conflito político nacional. Ao mesmo tempo, ao se pensar as exigências e as estruturas políticas do EZLN com base nos arquivos do próprio movimento, compreende-se a apresentação de uma cultura política zapatista, isto é, as articulações do movimento na esfera do político envolvem mais do que a participação nas instituições do país, mas também sua alteração de maneira estrutural nas próprias condições de interpretação do que é a arena política, seus significados e as formas de participação dos sujeitos.

Essa compreensão das relações que são formadas entre o âmbito cultural e o político, o poder e as mentalidades, ingerem sobre a maneira como movimentos e sujeitos constituem interações entre si e com o poder. É neste sentido que as aproximações das duas ambientações formam uma síntese, nas palavras de Alvarez, Dagnino e Escobar:

203 CRUZ, 2017.

204 Tais conflitos eram constantemente anunciados nos documentos publicados pelo movimento. A estratégia de se utilizar as denúncias chamava a atenção a uma trégua que era constantemente rompida e que afetava também a população civil, confundida em vários momentos com os combatentes zapatistas. São os casos, por exemplo, de quando 21 civis são presos acusados de serem zapatistas e de quando um dos combatentes é executado em Altamirano. (EZLN, 7 abr. 1994; EZLN, 11 abr. 1994).

205 Neste sentido inserem-se as ações do PRI no controle do poder executivo, especialmente por meio da cooptação e das fraudes eleitorais. Ainda, em casos extremos, no uso da repressão. (FUSER, 1995, p. 13-33; SKIDMORE, SMITH, 1996, p. 263-264; SMITH, 1998, p. 115-118).

(...) a cultura entendida como concepção de mundo, como conjunto de significados que integram as práticas sociais, não pode ser entendida adequadamente sem a consideração das relações de poder embutidas nessas práticas. Por outro lado, a compreensão da configuração dessas relações de poder não é possível sem o reconhecimento de seu caráter “cultural” ativo, na medida em que expressam, produzem e comunicam significados²⁰⁶.

A partir da produção, comunicação e expressão de significados, o poder e a política envolvem-se diretamente com as concepções de mundo, as compreensões sociais e as práticas cotidianas, reinventando e dando sentido ao processo de conceber e racionalizar, de maneira a colocar como significativo, como propósito consciente, o que é determinado espaço político, as ocupações desse espaço e do poder a ele relacionado e ao propósito da significação da própria ideia do que é definido como parte ou não da política.

Dessa forma, a cultura política se estabelece como uma ferramenta conceitual que é capaz de suprir as definições propostas. Neste sentido, a interação entre a política e a cultura, em termos práticos, envolve o popular e, neste caso, as formações e significações de um grupo social envolvido no movimento zapatista. Essa construção coletiva de significados dá corpo ao que é estabelecido em todo o processo relacional dos significados da rebeldia, estabelecendo, assim, um “conjunto de las representaciones que unen a un grupo humano en el plano político” que se envolve diretamente a partir das projeções, da memória e dos significados que se dão culturalmente em determinada sociedade. Isto é “una visión compartida del mundo, una lectura común del pasado, una proyección compartida del futuro”²⁰⁷.

A própria relação dos desígnios culturais com o político estabelece uma participação fundamental da maneira como a memória é constituída, praticada, escrita, passada ao coletivo e enraizada nos significados e nas ações sociais. Compreende-se, assim, que enquanto parte fundamental da raiz cultural, a memória formula, a partir de suas particularidades, uma leitura do passado, uma constituição do que é o presente e, por fim, uma proposta ou esperança de futuro. Futuro este que é constituído, em termos de projeto ou desejo, como um modelo que se baseia no passado, nas experiências e na memória²⁰⁸.

Ao estabelecer um pensar o cultural no político em um movimento social, o EZLN institui uma ressignificação das noções políticas mexicanas e basilares para o Estado Corporativo formado em torno do Partido Revolucionário Institucional. Dessa forma, o

206 ALVAREZ, DAGNINO, ESCOBAR, 2000, p. 17.

207 SIRINELLI, 1999, p. 162.

208 LE GOFF, 2013, p. 336.

movimento se expressa formalmente sobre conceitos como democracia, liberdade e justiça como parte de uma condição cultural de formação indígena presente nas comunidades sobre a força da coletividade, isto é, sobre as práticas existentes no âmbito local que são traduzidas e orientadas enquanto proposta política nacional por meio da ação das lideranças zapatistas.

Neste processo, é importante a formação política e a participação dos guerrilheiros urbanos e dos indígenas da célula inicial do EZLN. O processo de estruturação do movimento de 1984 a 1994, portanto, é parte fundamental da formação da cultura política e do processo de dupla-tradução existente entre o mundo ladino e o indígena, segmentados a longo prazo pela colonização e as políticas indigenistas, na lógica da homogeneidade social que a ideologia da mestiçagem institui para o México²⁰⁹. É a partir da ação de compreensão das estruturas sociais, culturais e políticas das comunidades que formam a base do movimento social que as lideranças são capazes de dar corpo e organizar o projeto político-cultural das mesmas para o país.

Algumas figuras são centrais nesse processo de tornar legível, de se fazer compreender, enquanto movimento localizado na Selva, pelas populações urbana e nacional, que são o Comandante Tacho, o Major Moisés, a Comandanta Ramona e o subcomandante Marcos, especialmente²¹⁰. Enquanto lideranças, o grupo central é capaz de envolver-se e transformar em exigência ou significação aquilo que está presente nas comunidades indígenas. Tradução, portanto, que não envolve somente a língua – do tzeltal, tzotzil, tojolabal ou chol ao espanhol – mas também a cultura e sua relação com a política.

Tradução que cria sentidos, que dá interface a relações, que se dá em vias de mão-dupla, ou seja, que parte tanto das comunidades, expressando a interpretação coletiva e das *asambleas*, quanto dos ladinos do movimento, instituindo uma noção de luta social, de significados à democracia e à justiça. Assim, o movimento se configura em uma espécie de unificação, em termos de produção de sentidos, das culturas e práticas indígena com a política e teorização ladina. Unificação que leva, portanto, à formalização do que é chamado de cultura política zapatista.

209 Políticas que marcam uma visão que busca a solução para o problema indígena através da inserção das comunidades à identidade nacional mexicana, concebida como herdeira dos povos pré-colombianos, mas centrada no mundo ladino do pós-revolução de 1910. Uma concepção, portanto, que apesar de trazer à tona a existência do mundo indígena, o silencia e oculta por meio do indigenismo como política de Estado. (NOLASCO ARMAS, 1970, p. 66-93).

210 Na figura de porta-voz do movimento e líder militar, foi um importante articulador das duas esferas culturais, a ladina e a indígena e, em 1994, o principal produtor/escritor dos documentos presentes no arquivo histórico do EZLN.

Em termos léxicos, o movimento de tradução toma corpo em 10 de junho de 1994, quando da publicação da Segunda Declaração da Selva Lacandona e dos resultados das consultas às comunidades indígenas de base zapatista sobre os primeiros diálogos de fevereiro. Em um documento complementar às publicações oficiais²¹¹, o subcomandante Marcos envia aos periódicos *Proceso*, *La Jornada*, *El Financiero* e *Tiempo* algumas considerações sobre os processos e as decisões tomadas que são informadas através dos demais documentos²¹².

Como complementar, a linguagem utilizada é menos formal, mais aberta e, na característica da escrita do porta-voz, sarcástica e estruturalmente diferente. Intitulado “Los zapatistas no se rinden”, o documento é um chamado aos periódicos para que a informação oficial de rechaço às propostas governamentais seja difundida a todas as etnias indígenas do país, aos trabalhadores urbanos e rurais, aos banqueiros, enfim, a todos os mexicanos:

Los zapatistas. Stop.

¡No se rinden! Stop.

¡Resisten! Stop y fin²¹³

Para além da mensagem oficial de não rendição e resistência, uma pós-data conta um relato sobre uma discussão existente no CCRI sobre uma palavra em qualquer das línguas indígenas da região²¹⁴ que traduzissem o espanhol *rendir*. Segundo Marcos, a discussão não logrou resultados visto que em nenhuma das línguas a tradução é existente:

En el Comité estuvimos discutiendo toda la tarde. Buscamos la palabra en lengua para decir “RENDIR” y no la encontramos. No tiene traducción en tzotzil ni en tzeltal, nadie recuerda que esa palabra exista en tojolabal o en chol. Llevan horas buscando equivalentes.²¹⁵

Na continuidade das buscas por tal tradução, Marcos relata a aproximação do Velho Antonio, personagem que em vários documentos caracteriza e dá corpo à cultura indígena

211 EZLN, 10 jun. 1994.

212 Prática que começa a ser comum no arquivo histórico a partir da data de 13 de janeiro de 1994, no documento intitulado “Sobre la paz”, quando o porta-voz passa a trazer explicações e uma série de atos/estrutura do texto como as pós-datas que configuram uma particularidade da comunicação entre o movimento, na figura do subcomandante, e a mídia, especialmente os periódicos informados. (EZLN, 13 jan. 1994).

213 EZLN, 10 jun. 1994.

214 Apontadas no documento como as quatro de maior número de falantes e que formam a base do EZLN: tzotzil, tzeltal, tojolabal e chol.

215 EZLN, 10 jun. 1994.

sempre relacionando-se ao subcomandante ladino²¹⁶, que então o afirma que tal tradução é inexistente:

En silencio se me acerca el viejo Antonio, tosiendo la tuberculosis, y me dice al oído: “Esa palabra no existe en lengua verdadera, por eso los nuestros nunca se rinden y mejor se mueren, porque nuestros muertos mandan que las palabras que no andan no se vivan”. Después se va hacia el fogón para espantar el miedo y el frío.²¹⁷

Dessa maneira, o corpo linguístico e a narrativa do subcomandante destacam uma primazia da língua indígena, que se conforma em sua cultura, portanto, de não se render, de escolher a morte em lugar da vida sem dignidade²¹⁸. Em verdade, é um traço que o subcomandante busca destacar pela ação tomada pelas bases sociais de rechaçar as propostas governamentais. Enquanto exaltação, é uma das formas de trazer ao sentido político as perspectivas que o movimento zapatista encarna. Analogamente, ainda, é uma referenciação a essas relações indígenas e ladinas entre os personagens da narrativa, na qual o subcomandante conclui que “se lo cuento a Ana María²¹⁹, ella me mira con ternura y me recuerda que el viejo Antonio ya está muerto”²²⁰.

As palavras transportam para a narrativa os sentidos da rebelião. Assim como *rendir* não era uma opção existente para os zapatistas – prática e linguisticamente – democracia, liberdade e justiça eram as bases do movimento, aquilo a que Marcos chama de “tripé do novo México”²²¹. Essas palavras, somadas às demandas mais gerais e materiais, formam a unicidade do que é o movimento zapatista. Enquanto demandas que envolvem toda a

216 Segundo o próprio Marcos, o velho Antonio foi um ancião de uma das comunidades que formam a base social zapatista e que teve falecimento relatado em 28 de maio de 1994. O Subcomandante começa a redigir documentos com pós-datas nas quais histórias e ensinamentos de Antonio são inseridas. Neste sentido, o ancião toma um corpo mítico, uma espécie de guia espiritual do porta-voz e que passa a deixar mais claro, em termos de significações e relações entre indígena e ladino, o processo de tradução da cultura indígena (EZLN, 28 mai. 1994).

217 EZLN, 10 jun. 1994.

218 Não se trata da existência ou não da palavra nas línguas destacadas, mas da narrativa e da forma de utilização do processo de rechaço como uma maneira de não se render aos mandos do governo federal. Em verdade, mais que a inexistência da palavra, as experiências anteriores com os movimentos indígena-camponeses de Chiapas, como a Unión de Uniones Quiptic Ta Lecubtesel, e as relações com o Estado foram fundamentais no processo de decisão. (HARVEY, 1998, p. 150).

219 Outra personagem constantemente presente nos contos de Marcos que são apresentados como originários de Antonio. Ana Maria foi combatente do EZLN com grau de major, filha de camponeses tzotziles e uma das figuras presentes no CCRI ao lado da comandanta Ramona. “Comandanta Ramona y Mayor Ana María: Las demandas son las mismas de siempre: justicia, tierras, trabajo, educación e igualdad para las mujeres”, 7 mar. 1994.

220 EZLN, 10 jun. 1994.

221 Menção realizada no documento “De pasamontañas y otras máscaras” de 20 de janeiro de 1994. Conjunto de palavras, também, que está presente na maioria das assinaturas dos documentos do arquivo histórico como um grito de guerra, sejam do CCRI ou do porta-voz. (EZLN, 20 jan. 1994).

nacionalidade, o referido tripé é a base de sustentação do projeto político local e nacional do movimento.

Inicie-se pela significação dos três conceitos. A partir da tomada de posse de Eduardo Robledo Rincón como governador do Estado de Chiapas em 8 de dezembro de 1994, o movimento entende que as fraudes nas eleições de 21 de agosto do mesmo ano, especificamente no âmbito estadual, foram reais e evidentes. Em documento publicado na data de 24 de agosto de 1994, intitulado “Si las elecciones fueron lo ‘limpias’ y ‘transparentes’ que dicen, ¿por qué tanta preocupación de los federales por los movimientos zapatistas? ¿Por qué tanta insistencia en los medios de comunicación oficiales en la ‘legalidad’ de las elecciones?”, o movimento destaca os informes recebidos pelos observadores sobre o pleito²²².

Segundo as informações publicadas, o candidato Amado Avendaño Figueroa possuía vantagem de quase 70% da população estadual²²³. Todavia, várias ações fraudulentas foram notadas: a presença de uma camioneta do Pronasol²²⁴ com urnas preenchidas de votos a favor do PRI no município de Palenque; na região de Los Altos foi denunciada a ação de mesários que alteravam e anulavam as células que não possuíam votos ao PRI, bem como fechavam as cabines de votação quando notavam a maioria dos votos ao referido partido; na região de Sierra Madre, agentes forçavam indígenas a marcar na célula o voto ao PRI; na região da Frontera, autoridades migratórias habilitaram imigrantes da América Central a votar no PRI em troca da regularização da situação de migrante; e nos albergues, refugiados eram forçados a votar no PRI sob a ameaça de perderem o refúgio recebido²²⁵.

Dessa forma, o EZLN passa a buscar ações em favor da construção de um movimento civil de cunho estadual que fizesse alternativa à posse do governador eleito e, ao mesmo tempo, constituísse um caminho nacional de oposição ao mandato do presidente Ernesto Zedillo. Com a diminuição da participação civil, causa que é apresentada no decorrer dos meses posteriores ao pleito, de setembro a dezembro de 1994²²⁶, a ação do movimento é

222 O movimento decidiu pela não interferência na realização das eleições, instalação de cabines de votação e de todo o aparato técnico do pleito como ação decidida através da primeira sessão da Convenção Nacional Democrática ocorrida entre 3 e 9 de agosto de 1994. Assim, foram publicadas ordens aos combatentes em 18 de agosto através do documento informando também que o CCRI entrava em assembleia permanente a partir de 22 de agosto para produzir notas e informes sobre o pleito em território rebelde. (EZLN, 18 ago. 1994).

223 Informações que o CCRI informa ter obtido através da interceptação dos serviços de comunicação das *cabeceras* municipais com a capital do Estado. (EZLN, 24 ago. 1994).

224 *Programa Nacional de Solidaridad* lançado pelo governo de Salinas de Gortari em 1988 que tinha como objetivo investir dinheiro público diretamente nos serviços básicos e, posteriormente, na produção agrícola.

225 EZLN, 24 ago. 1994.

226 São várias as análises possíveis sobre a diminuição da ação civil em razões nacionais: desentendimentos em torno das propostas da CND; conflitos entre o EZLN e os partidos políticos como o PRD, maior partido da oposição; desentendimentos com setores antes apoiadores do EZLN, como a Coordenadora Nacional de

estabelecer uma retomada do conflito armado, organização que culmina na criação da campanha militar “Paz con Justicia y Dignidad para los Pueblos Indígenas” em 8 de dezembro²²⁷.

Nas palavras do subcomandante Marcos, em entrevista ao jornalista Epigmenio Ibarra, do periódico La Jornada, realizada em Aguascalientes em 7 de dezembro de 1994²²⁸, as ações de impor a vitória de Rincón e, conseqüentemente, a tomada do cargo, retomam a situação da virada do ano de 1993 a 1994, quando o EZLN torna-se público e o conflito armado é estabelecido e formalmente declarado através da Primeira Declaração da Selva Lacandona.

A campanha militar surge como resposta à posse de Robledo Rincón na mesma data. Em 6 de dezembro de 1994, por meio do documento “Desconocimiento del próximo titular priista del Ejecutivo estatal en Chiapas. Reconocimiento de Amado Avendaño como gobernador constitucional del Estado”, o movimento estabelece que a continuidade no processo de ocupação do cargo pelo governador eleito seria a formalização da ruptura do cessar-fogo estabelecido pelo governo federal. Dessa forma, o EZLN estaria livre, nas afirmativas do documento, de manter o compromisso de paz decretado pelo CCRI em 12 de janeiro e ratificado em 10 de junho de 1994 por meio da Segunda Declaração²²⁹.

Enquanto retomada do conflito, o movimento rompe o cerco militar, avança o território rebelde para mais 32 municípios e estabelece neles novos Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ), instituições de cunho administrativo que substituem as configurações político-administrativas das *cabeceras* municipais. Como proposta de autonomia local do território rebelde, as leis a serem obedecidas são a Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos de 1917, as Leis Revolucionárias Zapatistas de 1993 e as leis dos comitês municipais por determinação da vontade popular²³⁰.

Neste contexto de estabelecimento de uma nova etapa do conflito é publicado, em 30 de dezembro de 1994, o documento “La historia de las palabras”. Neste arquivo, o subcomandante Marcos faz uma narrativa que envolve um dos contos do Velho Antonio e, portanto, traz um sentido místico ao processo de rebeldia. Neste conto, Antonio narra, através do texto de Marcos, a criação das palavras pelos deuses primeiros, aqueles que fizeram o

Acción Cívica para la Liberación Nacional (CONAC-LN); a ausência das continuidades da ação da CND, o que leva o EZLN a restabelecer uma liderança interna e propostas para uma nova sessão da Convenção. Parte dessas informações podem ser obtidas nos documentos EZLN, 6 out. 1994; 14 out. 1994; 2 nov. 1994; 9 nov. 1994.

227 EZLN, 8 dez. 1994.

228 EZLN, 7 dez. 1994.

229 EZLN, 6 dez. 1994.

230 EZLN, 19 dez. 1994.

mundo e morreram para que outros vivessem. As primeiras palavras foram faladas pelos primeiros deuses que, para multiplicá-las, colocaram uma pedra polida que se assemelhava a um espelho e que a cada palavra recebida, criava outras três. Com esta percepção e em pensamento, os deuses encontraram outra pedra também polida e colocaram-na defronte a primeira pedra:

Entonces tuvieron un gran pensamiento en su cabeza y se dieron en su caminadera sobre otra gran piedra y otro gran espejo se pulieron y lo pusieron frente al primer espejo y aventaron las primeras tres palabras al primer espejo y ése regresó tres veces tres palabras diferentes que se aventaron, con la pura fuerza que traían, contra el segundo espejo y éste regresó, al primer espejo, tres veces tres el número de palabras que recibió y así se fueron aventando más y más palabras diferentes que se aventaron, con la pura fuerza que traían contra el segundo espejo y éste regresó, al primer espejo, tres veces tres el número de palabras que recibió y así se fueron aventando más y más palabras diferentes los dos espejos.²³¹

Dessa maneira a língua foi criada. Não somente todas as línguas, mas também a verdadeira. A língua dos seres humanos de milho, daqueles que eram perfeitas criações divinas. Língua que fora dada a tais seres para zelo e cuidado. As primeiras três palavras, aquelas que haviam sido ditas primeiramente pelos deuses, eram democracia, liberdade e justiça. Palavras de maior importância – as primeiras – deveriam ser especialmente cuidadas pelos herdeiros, pelos *hombres y mujeres verdaderos*.

Cada uma das três primeiras palavras possui uma significação divina, uma determinação que, trazida pelos deuses, deveria ser cuidada pelos seres de milho para que não se perdesse. A justiça, portanto, na significação original e que seria guardada pelos herdeiros:

no es dar castigo, es reponerle a cada cual lo que merece y cada cual merece lo que el espejo le devuelve: él mismo. El que dio muerte, miseria, explotación, altivez, soberbia, tiene como merecimiento un buen tanto de pena y tristeza para su caminar. El que dio trabajo, vida, lucha, el que fue hermano, tiene como merecimiento una lucecita que le alumbre siempre el rostro, el pecho y el andar²³².

Justiça que se mescla com a ação de ser justo, de receber algo em troca daquilo que foi feito e na mesma medida. Justiça que não se confunde com a instituição judiciária, nas observações dos zapatistas, que encarcera indígenas que colhem madeira da Selva enquanto libera a exploração da mesma madeira pelos oleodutos e madeireiras. Justiça que é contrária ao “olho por olho”, mas que busca sanar os prejuízos que um causou ao outro.

231 EZLN, 30 dez. 1994.

232 EZLN, 30 dez. 1994.

O conceito é significado tanto em termos de demanda – horizonte de desejos e expectativas de formulações utópicas – quanto na práxis das comunidades indígenas. Essa prática, por ser uma definição cultural das comunidades, conflitua-se com o poder judiciário e forma considerações coletivas próprias. Um dos casos mais emblemáticos envolvendo a prática da justiça e os zapatistas no ano de 1994 é o conjunto das considerações do julgamento do ex-governador Absalón Catellanos Domínguez pelas comunidades, datado e presente no arquivo histórico como 20 de janeiro de 1994²³³.

O general fora detido pelas tropas zapatistas e tornado prisioneiro de guerra logo no início do conflito. Durante o juízo popular, fora acusado de forçar os indígenas a pegar em armas pelo fato de ter encerrado todas as demais saídas possíveis; de ter reprimido, sequestrado, encarcerado, torturado e violado indígenas que se manifestavam e lutavam por direitos; e de ter expulsado camponeses indígenas de suas terras para torná-las particulares e, assim, fazer-se um dos maiores latifundiários do Estado.

O Tribunal de Justicia Zapatista decide, dessa forma, pela condenação do general e dita a sentença de “cadena perpetua, haciendo trabajos manuales en una comunidad indígena de Chiapas”. Todavia, como processo do conflito e as características da prisão por guerra, o EZLN substitui a sentença e decide por deixá-lo fisicamente livre e, em lugar, “lo condena a vivir hasta el último de sus días con la pena y la vergüenza de haber recibido el perdón y la bondad de aquellos a quienes tanto tiempo humilló, secuestró, despojó, robó y asesinó”²³⁴.

Essa justiça, para além dos espaços performáticos, envolve a estrutura geral das demandas nacionais. Estabelecida enquanto parte fundamental do projeto zapatista, dá sentido uno à política. Dessa forma, a justiça também envolve a prática do ser politicamente justo, ao passo que, enquanto democrática, determina-se pela premissa de que as propostas de governo devem ser igualmente disputáveis, abertas à decisão da população, tornando a justiça uma mediadora entre conflitos e de resolução coletiva.

Segundo o subcomandante Marcos, essa ação de justiça é uma prática das comunidades e que se tornou parte do movimento ao estabelecer o conflito. Em entrevista de 15 de março de 1994 aos jornalistas David Aponte e Matilde Pérez²³⁵, afirma que a justiça passou a ser uma decisão dos indígenas em seus respectivos territórios controlados por meio das forças armadas zapatistas. De maneira geral, as decisões passam pelas considerações das

233 O documento informa que o juízo foi realizado na data de 13 de janeiro de 1994, mas a datação é de 20 de janeiro do mesmo ano (EZLN, 20 jan. 1994).

234 EZLN, 20 jan. 1994.

235 EZLN, 15 mar. 1994.

leis revolucionárias publicadas em dezembro de 1993 e pelas legislações locais das comunidades. Decisões que ocorriam, segundo o porta-voz, já de maneira subterrânea e que passam a ter respaldo dos combatentes:

La ley de justicia, es decir, ahora los delitos no los puede resolver los gobiernos federal, estatal o municipal, se resuelven a nivel de ejidos o comunidades o ellos apelan a los comités para que se conformen en tribunal y sancionen y dicten el castigo dentro de nuestro territorio²³⁶.

Compreendida como parte fundamental das exigências – do tripé zapatista para o México – a justiça é significada como uma ação coletiva, decidida pelas localidades e através do reparo aos danos causados. Inserida na perspectiva de uma autonomia local e indígena, a justiça é essencialmente conflitante ao passo que estabelece diferentes diretivas entre a institucionalizada e a das comunidades. Nas palavras do subcomandante em entrevista coletiva de 26 de fevereiro de 1994, durante a realização dos diálogos com o comissionado Camacho Solís, é uma justiça que busca ser justa na medida social, isto é, “Si tú matas a una gente en una comunidad indígena, es casi seguro que la comunidad te aplique el castigo de trabajar para la viuda (...) La justicia de los mestizos te mete a la cárcel, con lo que deja dos viudas”²³⁷.

Restabelecendo o conto “La historia de las palabras”, nas tratativas sobre as três primeiras palavras ditas pelos deuses, o Velho Antonio, na narrativa de Marcos, explica o nascimento e significado divino da palavra liberdade e, dessa forma, a essência que deve ser mantida pelos seres de milho:

“Libertad” no es que cada uno haga lo que quiere, es poder escoger cualquier camino que te guste para encontrar el espejo, para caminar la palabra verdadera. Pero cualquier camino que no te haga perder el espejo. Que no te lleve a traicionarte a tí mismo, a los tuyos, a los otros²³⁸.

Em termos de significação, a concepção de liberdade é fundamentalmente diferente da perspectiva liberal. Ao contrário de formular a liberdade como o ato de fazer aquilo que se quer individualizadamente, os zapatistas a compreendem como a possibilidade de escolher os caminhos que são existentes e dentro de âmbitos coletivos. Dessa forma, a liberdade possui

236 EZLN, 15 mar. 1994.

237 EZLN, 26 fev. 1994.

238 EZLN, 30 dez. 1994.

uma raiz comunitária, que estabelece um direcionamento ético e moral que condensa a expressão da comunidade.

Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, a liberdade é tratada como uma das demandas do movimento, mas que não é significadamente profundamente. Dentro das perspectivas das propostas estabelecidas com os diálogos de fevereiro, a liberdade é diretamente vinculada à democracia, ao passo que determina uma das raízes de sua existência na lógica política, isto é, “con libertad auténtica para elegir una u otra propuesta y con el respeto a la voluntad mayoritaria”²³⁹. Como parte do projeto zapatista, o conceito se envolve diretamente com a prática política, da qual é expressa como forma de se escolher livre e democraticamente seus representantes. Uma liberdade que influi sobre a maneira de se pensar o político ao ser abordada como prática cotidiana.

Envolvida na significação da democracia – e como parte direta dela – a liberdade é também estabelecida nos direitos básicos das populações camponesas e indígenas, como na exploração dos recursos naturais do Estado à medida que utilizem como subsistência²⁴⁰ e nos direitos de migração. Neste sentido, os impedimentos de uma democracia restringida atuam como face direta da ausência de liberdade. Como apontado no documento de 16 de fevereiro de 1994, “La realidad de la zona de la Selva de Chiapas”, o conflito entre os discursos governamentais e as exigências zapatistas se tornam mais claros:

El gobierno de México habla de la libertad. Todos los mexicanos no sabemos de qué libertad habla, porque cuando tenemos que viajar tan sólo a la capital mexicana se cuenta por ciento de migración para identificarse, de dónde somos y de dónde vinimos. Creemos que no es cierto que tenemos libertad, porque ni siquiera somos libres para transitar al lugar donde queremos llegar porque los de la Judicial nos persiguen como perros. Tampoco se tiene libertad de expresión porque cuando un campesino, un maestro, obrero o estudiante expresa sus sentimientos, el gobierno de inmediato los manda matar, a torturar, a detener, a amenazar y a acusarlos de agitadores²⁴¹.

Como significação, desta forma, a liberdade se envolve nas práticas de controle social. Além dessas práticas, envolve diretamente a expressão dos indivíduos à medida que esses controles tomam caráter de repressão. A liberdade, assim, é significadamente como a disponibilidade de ação coletiva ou individual que seja passível de abordagem e requisição, ao

239 EZLN, 1º mar. 1994.

240 “Caen los árboles, retumban las explosiones de dinamita en terrenos donde sólo los campesinos tienen prohibido tumbar árboles para sembrar. Cada árbol que tumben les puede costar una multa de 10 salarios mínimos y cárcel (...) El campesino tumba para vivir, la bestia [o capitalismo] tumba para saquear”. (EZLN, 27 jan. 1994).

241 EZLN, 16 fev. 1994.

passo que constitui apoios e projetos capazes de serem escolhidos e determinados através da vontade popular, isto é, está intimamente ligada à igualdade de condições e ao aspecto basilar de controle democrático das instituições e da política.

Condensada na prática da democracia, a liberdade como projeto é principalmente voltada à perspectiva da liberdade de escolha, de determinação particular e de cunho coletivo que ambienta as propostas políticas. É uma significação que considera as próprias práticas desse político, visto que se envolve na maneira como as vontades são expressas, isto é, que não é determinada como único caminho. Assim, constantemente são ressaltados os pontos de que a proposta zapatista é uma das possíveis e, por isso, deve ser colocada em votação e determinada pela sociedade civil.

É como são demonstradas a prática da liberdade a partir da concepção de vanguarda da qual o EZLN busca se afastar constantemente, como na entrevista do subcomandante Marcos em 18 de março de 1994 à Radio UNAM, transcrita e intitulada “Subcomandante Marcos: ya no es tan lejano que sea posible un cambio democratico”. Nesta, o porta-voz responde diretamente que, enquanto um sujeito do processo revolucionário zapatista, tem como sonho estar distante dele como ator principal, isto é, não o caracterizar como parte de sua ação individualizada, tomar “distancia frente al proceso para no sacralizarlo, no elevarlo a la aspiración de vanguardia única, indivisible y todopoderosa”²⁴².

O mesmo se dá na condição do movimento como um todo. Se Marcos busca se afastar de uma imagem isolada e vertical de líder e liderança, o EZLN atribui as mesmas ações para si como movimento²⁴³. É como se afirma a proposta de criação da Convenção Nacional Democrática. Na Segunda Declaração da Selva Lacandona, quando então o projeto é oficialmente estabelecido, a programação da CND como forma de se transitar a um novo México é aspecto particular da abertura à possibilidade de escolha dos mexicanos para alcançar a democracia:

El EZLN tiene una concepción de sistema y de rumbo para el país. La madurez política del EZLN, su mayoría de edad como representante del sentir de una parte de la Nación, está en que no quiere imponerle al país esta concepción. El EZLN reclama

242 Esta mesma observação pode ser obtida através da leitura de outros documentos, como o de 28 de maio de 1994, quando em uma pós-data o porta-voz responde que “Marcos es un ser humano, cualquiera, en este mundo. Marcos es todas las minorías intoleradas, oprimidas, resistiendo, explotando, diciendo ‘¡Ya Basta!’” (EZLN, 28 mai. 1994).

243 Cabe destacar que na prática da liderança no ano de 1994, os documentos refletem um sentido popular da mesma, isto é, as decisões são tomadas pelas bases sociais em assembleias coletivas, mas as ações pormenorizadas são organizadas através de um núcleo representativo, centrado na figura do CCRI e do qual o subcomandante Marcos, no papel de porta-voz e líder militar, tem carga importante e decisiva.

lo que para sí mismo es evidente: la mayoría de edad de México y el derecho de decidir, libre y democráticamente, el rumbo que habrá de seguir. De esta antesala histórica saldrá no sólo un México más justo y mejor, también saldrá un mexicano nuevo. A esto apostamos la vida, a heredar a los mexicanos de pasado mañana un país en el que no sea una vergüenza vivir...²⁴⁴

Dessa forma, a perspectiva do movimento é estabelecer um espaço democrático de diálogo onde seja possível formular uma proposta política que envolva parte considerável da sociedade civil organizada. Como reflexo, portanto, é uma esperança zapatista de se tornar catalisador, de impulsionar as mudanças que almeja a partir de uma ação nacional e popular que se paute na busca pela democracia. Neste sentido, é uma constante relação entre movimento e sociedade que influi sobre as maneiras que ambos se conectam e expressam, muitas vezes ambigualmente, isto é, “nosotros pensando que ustedes son la vanguardia nuestra y ustedes pensando que nosotros somos la vanguardia de ustedes”²⁴⁵.

Por fim, o subcomandante Marcos narra apresentação do significado da terceira das primeiras palavras ditas pelos deuses através da história de Velho Antonio. Segundo o conto, a democracia

es que los pensamientos lleguen a un buen acuerdo. No que todos piensen igual, sino que todos los pensamientos o la mayoría de los pensamientos busquen y lleguen a un acuerdo común, que sea bueno para la mayoría sin eliminar a los que son los menos. Que la palabra de mando obedezca la palabra de la mayoría, que el bastón de mando tenga palabra colectiva y no una sola voluntad. Que el espejo refleje todo, caminantes y camino, y sea, así, motivo de pensamiento para dentro de uno mismo y para afuera del mundo²⁴⁶.

Democracia é, portanto, o ato de se chegar a um comum acordo entre a sociedade geral, mas um acordo majoritário que não seja excludente ou impositivo às minorias ou aos que são discordantes. Neste sentido, a base da perspectiva democrática zapatista é envolvida pela prática do mando através da sujeição às vontades populares e que essas vontades se expressem a partir da política como prática coletiva e cotidiana, isto é, que seja ligada aos afãs da sociedade e por ela controlada no papel da representação como porta-voz e não como poder ilimitado.

Nesta perspectiva, diretrizes democráticas são apontadas e formuladas pelo movimento como parte do oximoro *mandar obedeciendo*, isto é, invertendo a noção de representação das instituições nacionais. Para os zapatistas, representar o poder, possuir o

244 EZLN, 10 jun. 1994

245 EZLN, 14 jun. 1994.

246 EZLN, 30 dez. 1994.

bastão de mando, não se trata de uma escolha individual em que o representante tem plenos poderes para tomar decisões particulares, mas sim que o mando seja realizado a partir do controle social e democrático, a partir das vontades populares e que, caso estas não sejam atendidas, que o sujeito que manda/representa seja substituído imediatamente.

Em documento publicado em 26 de fevereiro de 1994, quando da realização dos diálogos em San Cristóbal entre EZLN e governo federal, intitulado “Al pueblo de México: hablaron los hombres verdaderos, los sin rostro. Mandar obedeciendo”, a lógica desse processo é deliberadamente nomeada como democracia. Nas palavras dos sem rosto, dos que andam pela noite, dos que são montanha, na busca por uma maneira de governar-se, afirmaram:

Fue nuestro camino siempre que la voluntad de los más se hiciera común en el corazón de hombres y mujeres de mando. Era esa voluntad mayoritaria el camino en el que debía andar el paso del que mandaba. Si se apartaba su andar de lo que era razón de la gente, el corazón que mandaba debía cambiar por otro que obedeciera. Así nació nuestra fuerza en la montaña, el que manda obedece si es verdadero, el que obedece manda por el corazón común de los hombres y mujeres verdaderos. Otra palabra vino de lejos para que este gobierno se nombrara, y esa palabra nombró ‘democracia’ este camino nuestro que andaba desde antes que caminaran las palabras²⁴⁷

O mando, portanto, exercido enquanto poder e significado na prática democrática, é anterior à existência da própria palavra democracia, isto é, como parte do processo de construção do movimento, é nomeada enquanto ação existente nas comunidades indígenas já anteriores ao EZLN. Ao mesmo tempo, é compreendida como a deliberação da vontade majoritária, mas uma vontade que também não é excludente, não coloca à parte as minorias e as divergências, mas dispõe de uma liberdade que é a da possibilidade de escolha entre os caminhos a serem adotados, “que no se acallen las voces de los menos, sino que sigan en su lugar”²⁴⁸.

É neste sentido que o EZLN não apoia as eleições realizadas em 1994. Como parte de seu projeto, não impede a instalação de cabines de votação no território controlado e em conflito, mas ao mesmo tempo não participa diretamente do processo, tomando distância e exercendo um papel de observador²⁴⁹. Desapaixonado pela esperança das urnas, o movimento compreende que a prática política democrática supera o pleito e está configurada nas ações

247 EZLN, 26 fev. 1994.

248 EZLN, 26 fev. 1994.

249 EZLN, 18 ago. 1994.

cotidianas de bem comum. Assim, confirma a perspectiva adotada na Segunda Declaração quanto à instauração da CND e do processo democrático, isto é, que seja formado por uma coletividade que represente uma parcela importante dos mexicanos.

Dentro dessa perspectiva, a CND é a abertura do zapatismo para uma expansão nacional e política que tome corpo ainda no ano de 1994, anteriormente às eleições²⁵⁰, mas que não seja centrado no pleito, isto é, que tome como projeto ações posteriores e de regulação política e que conforme um programa de luta:

La lucha por la democracia, la libertad y la justicia en México no se inicia ni se acaba en las elecciones. La lucha electoral es sólo un aspecto de la lucha por la democracia. El fortalecimiento de las organizaciones independientes, la lucha por las demandas sociales, por los derechos ciudadanos, la defensa de las conquistas populares, no se agotan ni satisfacen con la lucha electoral ni la defensa de la voluntad popular es sólo la defensa del voto²⁵¹

Considerada como uma prática significada na cultura comunitária indígena, a democracia se estabelece como parte das demandas e exigências políticas diretas do movimento, especialmente centradas na construção de uma nova ordem jurídica e política. Pelo viés e compreensão da democracia, o movimento estabelece, já desde a Primeira Declaração, em 1º de janeiro de 1994, as demandas de renúncia do presidente Salinas de Gortari e o estabelecimento de um governo provisório que desse corpo a eleições justas, livres e democráticas. Tais demandas são pormenorizadas a partir das exigências zapatistas nos diálogos de fevereiro e na Segunda Declaração.

Quando da organização das demandas do movimento em 01 de março de 1994, o papel dos significados de liberdade e democracia são centrais na forma de justificação das exigências para com os governos chamados de ilegítimos e pautados em fraudes:

Para que haya elecciones libres y democráticas verdaderas, es necesario que renuncie el titular del Ejecutivo federal y los titulares de los ejecutivos estatales que llegaron al poder mediante fraudes electorales. No viene su legitimidad del respeto a la voluntad de las mayorías sino de su usurpación. En consecuencia, es necesario que se forme un gobierno de transición para que haya igualdad y respeto a todas las corrientes políticas. Los poderes legislativos federales y estatales, elegidos libre y democráticamente, deben asumir su verdadera función de dar leyes justas para todos y vigilar su cumplimiento²⁵².

250 A primeira sessão ocorrera entre 3 e 9 de agosto de 1994, poucos dias antes das eleições realizadas em 21 do mesmo mês.

251 EZLN, 6 out. 1994.

252 EZLN, 01 mar. 1994.

Estabelecido como uma das divergências no processo dos diálogos, o governo nega a possibilidade de renúncia, ação que é correspondida com o rechaço às propostas obtidas nos diálogos de fevereiro após as consultas às bases zapatistas e sintetizadas na Segunda Declaração de 10 de junho de 1994. Nesta, e por meio de uma condição coletiva, a formação da Convenção Nacional Democrática elabora o caminho para a construção de uma democracia alternativa que, ao passo do trabalho político, deveria alcançar o corpo das instituições nacionais.

Como parte do tripé zapatista, os significados de justiça, liberdade e democracia são aportados através das experiências comunitárias indígenas e que são traduzidas e transformadas em sentido e prática política através do projeto do movimento. Em conjunto, as três palavras formam o ideal do movimento e são estabelecidas, nos documentos analisados, como uma condição una, como exigências que são possíveis de serem atendidas somente em conjunto, isto é, não existe justiça e liberdade sem democracia, como não é possível ser democrático sem liberdade e justiça. Como um todo, ainda, esses significados envolvem dois outros que são parte das demandas e das formulações do movimento: paz e autonomia.

A paz para os zapatistas é condensada na possibilidade de atendimento às demandas do movimento. Uma paz que é envolvida na justiça social exigida, na dignidade, isto é, na constituição dos direitos humanos às populações indígenas, seja no trabalho e no reparto da terra ou no respeito às organizações políticas, sociais e culturais. Essa paz, como último dos onze pontos da Primeira Declaração, é um significado que envolve a esperança, a vontade de mudança que, pela dificuldade, levou os indígenas a pegarem em armas²⁵³.

Ainda, o tripé conceitual e de projeto do EZLN pauta-se em uma unificação em torno da perspectiva de autonomia, de possibilidade de autogovernar-se, de constituir sua própria história e caminhos. Neste sentido, de maneira direta, as significações de democracia, liberdade e justiça são fundidas em uma proposta de institucionalização dos governos locais e comunitários já existentes de forma subterrânea, isto é, já comum nas decisões e nas coletividades da Selva. Essa autonomia produz exigências próprias e são transformadas em demandas de respeito à organização indígena, como de alteração da Constituição, levando a proposta para fins legais e jurídicos.

253 Consideração existente tanto no início do conflito, em janeiro de 1994, quanto na retomada das ações militares em dezembro do mesmo ano. Neste sentido, os zapatistas constantemente apontam que a utilização das armas foi a última ação possível após tantas manifestações institucionais e pacíficas. (EZLN, 6 jan. 1994; 07 dez. 1994).

Neste sentido, são estabelecidas não apenas exigências que fazem parte das demandas já presentes nos diálogos de fevereiro, mas perpassam a concepção de ação do movimento. Tomar as armas e entrar em conflito com o exército federal é uma ação que destina o corpo do movimento para a organização de seu próprio território, da constituição de leis e práticas políticas autônomas, particulares, significadas em processos diversos e em busca de reconhecimento, seja a partir de iniciativas exógenas, como de indígenas nacionalmente na “Propuesta política de las organizaciones indígenas de México”²⁵⁴, ou endógenas, a partir do controle de parte do território do Estado de Chiapas e a fundação de administrações internas, principalmente os Municípios Autônomos Rebeldes Zapatistas (MAREZ)²⁵⁵.

A democracia é autônoma a partir do momento que reconhece a vontade popular e local; a liberdade é autônoma ao passo que dá direito às populações de tomarem suas próprias decisões e de autogovernarem-se; a justiça é autônoma na medida em que é efetuada coletivamente e através das vontades comunitárias, da qual as decisões são tomadas para efeitos positivos e contrários ao cárcere. Dessa forma, a prática da autonomia estrutura os sentidos da rebelião zapatista e é caracterizada pela vontade de fazer e ser sujeito de sua própria história. Nas palavras do Major Moisés dita aos convencionistas no preparo da segunda sessão da CND: “la historia del ejército zapatista es lo que hacemos” a partir da dinâmica das lideranças com as bases sociais e suas vontades²⁵⁶.

254 Iniciativa das organizações indígenas nacionais que recebe apoio oficial do EZLN na data de 11 de abril de 1994. A iniciativa busca estabelecer a alteração dos poderes legislativos a partir do estabelecimento obrigatório de 10% de deputados e senadores de origens indígenas. (EZLN, 11 abr. 1994).

255 Locais de administração municipal onde a população seria responsável pela eleição de seus representantes comunitários e com a adoção de organizações administrativas básicas, centradas na Constituição de 1917, nas leis revolucionárias zapatistas e nas leis dos comitês locais fundadas pela vontade popular. (EZLN, 19 dez. 1994).

256 EZLN, 14 out. 1994.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Exército Zapatista de Libertação Nacional continua seu caminho de resistência à política neoliberal que se impõe desde a década de 1980. Em um México envolvido profundamente com suas relações com os Estados Unidos – quase de maneira natural e permanente, como se fosse impossível de ser diferente – a formação de um espaço autônomo localizado no Estado de Chiapas se demonstra ainda como um dos pequenos espinhos que conseguem perfurar o calcanhar do sistema capitalista.

Mesmo em um momento em que o México demonstrava um caminho particularmente diverso do restante da América Latina, ao eleger um presidente de esquerda em 2018, López Obrador, o EZLN continuava com seu distanciamento da democracia representativa ocidental e o projeto de conciliação. Pode-se falar que esse distanciamento era literal ao se notar a continuidade do cerco militar e as constantes ações de violência em território rebelde, seja pelas forças militares ou paramilitares.

Ainda assim, a mensagem dos zapatistas pode ser ouvida em todos os lugares do mundo e de certa forma isso se deve à constituição do arquivo histórico digital do movimento. Como parte da estratégia de divulgação e de articulação de movimentos sociais, o espaço na internet foi fundamental para aproximar leitores e, invariavelmente, estabelecer uma narrativa e contar a história do EZLN em seus termos, a partir do relato dos rebeldes e de sua memória, em um jogo de comunicação bem-sucedido se comparado com as tíbias estratégias atuais da esquerda a nível mundial.

Essa memória que se remete ao ano de 1994 foi a chave da pesquisa. Um ano emblemático para a história política mexicana, também foi de extrema importância para o movimento zapatista. Nele, buscou-se as dimensões da memória rebelde e coletiva. Inicialmente linear, a mensagem do EZLN demonstra uma vontade hereditária, de continuidade, de reinterpretação da história mexicana, na qual os indígenas se fazem presentes não apenas enquanto grupo a ser inserido socialmente no mundo moderno, mas como atores históricos.

Além dos indígenas, os rebeldes e revolucionários nacionais são aproximados do movimento, vinculando-os ao EZLN. É dessa forma que as ações do movimento são dadas como reflexos de uma característica rebelde nacional já existente. Assim, a guerrilha e as ações militares, bem como as interpretações sobre a Constituição de 1917 e o Exército

Libertador do Sul e a figura de Emiliano Zapata, fazem parte da rememoração e atingem o cerne do EZLN.

Como parte dessa busca do passado para se constituir a hereditariedade do EZLN, forjou-se também a identidade dos zapatistas. Essa identidade se dava na condição dos dois sujeitos de valorização da história nacional – os indígenas e os rebeldes – articulados em um mesmo ator, os zapatistas. Neste sentido, notou-se que o EZLN cria uma relação constante entre o passado e o “ser” que se identifica nas histórias indígenas, na concepção de tempo e de mundo, na constituição da prática rebelde e na resistência ao pensamento colonizador, que supõe a homogeneidade da identidade nacional centrada no “mexicano” e que ignora os indígenas do presente.

Ainda, essa mesma identidade é articuladora da coletividade zapatista. É a partir dela que não apenas o passado é colocado em prática, como também o presente é estruturado no significado de vontade popular, de moralidade e de ética na política. Assim, para o EZLN, a identidade é também a forma de manter a luta coesa e existente, articulada ao sentimento de rebeldia que toma conta não apenas dos chiapanecos, mas é também presente em todo o México.

Por fim, tanto essa herança do passado e esse sujeito do presente formam a articulação do que seria um projeto de futuro. Neste sentido, a “memória do futuro” – expressão que tem por essência a inquietação: como ser uma memória que está no futuro? – representa a construção do pensamento zapatista sobre as ações a serem tomadas com vistas a um objetivo. Esse objetivo é ligado por essência à razão de existir do movimento e, por isso, interpreta-se nas histórias e narrativas do EZLN, mas também em suas práticas e na realidade social de Chiapas, um dos Estados mais pobres do México até os dias atuais.

Neste sentido, os zapatistas reforçam a proposta de reinterpretação dessa realidade e do campo político, inserindo a busca por sanar os problemas materiais e de reestruturar a política nacional mexicana. Desta forma, reinterpretam os conceitos de democracia, liberdade e justiça como parte das práticas necessárias para se alcançar a paz e a autonomia, objetivos mais essenciais do movimento e em uma reinterpretação das noções ocidentalizadas pautadas na condição do mito da modernidade e do controle político-cultural por meio da colonização da América.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **La tierna furia: nuevos ensayos sobre el neozapatismo mexicano**. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2017.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **América Latina: transnacionalização e lutas sociais no alvorecer do século XXI – da luta armada como política (o caso EZLN)**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017 [Ebook].

ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo. O cultural e o político nos movimentos sociais latino-americanos. In: _____ (orgs.). **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos (novas leituras)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 15-57.

ANDREO, Igor Luis. **Teologia da Libertação e Cultura Política Maia Chiapaneca: O Congresso Indígena de 1974 e as Raízes do Exército Zapatista de Libertação Nacional**. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis.

ASSIS, Frederico Souza de Queiroz. **Para além do Cachimbo de Magritte: Messianismo e Utopia na Construção da Figura do Subcomandante Marcos**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Carrossel de Revoluções: a Revolução Mexicana. IN: _____ (org.). **As Revoluções Contemporâneas Paradigmáticas**. Maringá: UEM-PGH-História, 2016. p. 101-144.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____, **Obras escolhidas**. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. [1ª ed. 1985]

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília [et. al.] (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 29-46.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício do Historiador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

BRASIL, Eric. NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. História Digital: reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Revista Estudos Históricos**, v. 33, nº 69, Rio de Janeiro, jan.-abr. 2020.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

CRUZ, Júlia Melo Azevedo. **Armas, palavras, autonomia: o complexo repertório de confronto do Exército Zapatista de Libertação Nacional (1983-2005)**. 2017. 242 f. Dissertação

(Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DAVALOS, Pablo (comp.) **Pueblos Indígenas, Estado y Democracia**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

DE CERTEAU, Michel. As produções do lugar. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 23-108.

DE LA PEÑA, Sérgio. México: a crise de 1995 em perspectiva histórica. **Economia e Sociedade**. Campinas, n. 9, dez. 1997, p. 147-158.

DE VOS, Jan. **La paz de Dios y del rey: la conquista de la Selva Lacandona (1525-1821)**. 2ª ed. Tuxtla Gutiérrez: Fundeo de Cultura y Económica; Secretaría de Educación y Cultura de Chiapas, 1991.

DÍAZ, Rafael Loyola. O petróleo mexicano na perspectiva de um tratado de livre comércio. **Ensaio FEE**. Vol. 13, n. 1, 1992, p. 268-290.

DUSSEL, Enrique. **1492, el encubrimiento del Otro: hacia origen del mito de la modernidad**. La Paz: Plural Editores, 1994.

ECHEVERRÍA ANDRADE, Bolívar. Chiapas y la conquista inconclusa. In: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio [et al.]. **Chiapas en perspectiva histórica**. Barcelona: El Viejo Topo, 2001. p. 105-125.

EZLN. **Documentos y comunicados**: 1º de enero/8 de agosto de 1994. Tomo 1. México: Ediciones Era, 1994.

EZLN. **Documentos y comunicados**: 15 de agosto de 1994/29 de septiembre de 1995. Tomo 2. México: Ediciones Era, 1995.

EZLN. **Documentos y comunicados**: 02 de octubre de 1995/24 de enero de 1997. Tomo 3. México: Ediciones Era, 1998.

EZLN. **Documentos y comunicados**: 14 de febrero de 1997/2 de diciembre de 2000. Tomo 4. México: Ediciones Era, 2001.

EZLN. **Documentos y comunicados**: La marcha del color de la tierra. 2 de diciembre de 2000/4 de abril de 2001. Tomo 5. México: Ediciones Era, 2003.

FUSER, Igor. **México em transe**. São Paulo: Scritta, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GONÇALVES, Alyne dos Santos. **As Autonomias Zapatistas: uma construção rebelde de novos sujeitos políticos (1994-2008)**. 2008. 185 f. Dissertação (Mestrado em História Social

das Relações Políticas) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

GOTLIB, Nádía Battela. **Teoria do conto**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2011. [1ª ed. 2003]

GUEVARA, Ernesto. **Textos Revolucionários**. Vol. 3. 3ª ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1986.

HARVEY, Neil. **The Chiapas Rebellion: the struggle for land and democracy**. Durham and London: Duke University Press, 1998.

HERNÁNDEZ BRINGAS, Héctor Hiram; CHÁVEZ GALINDO, Ana María. La definición de la población indígena en el censo de población del año 2000 en México. In: HERNÁNDEZ BRINGAS, Héctor Hiram (coord.). **Los indios de México en el siglo XXI**. Cuernavaca: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2007. p. 15-25.

IGARASHI, Yoshikuni. **Corpos da memória: narrativas do pós-guerra na cultura japonesa (1945-1970)**. São Paulo: Editora Annablume, 2011.

INEGI. **Encuesta Intercensal 2015: marco conceptual**. México: INEGI, 2018.

LE BOT, Yvon. **El sueño zapatista**. Barcelona: Editora Anagrama, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. [1ª ed. 1990]

LIMA, Junia Marúsia Trigueiro de. As subversões do tempo nos comunicados zapatistas. **Revista de Antropologia**. Vol. 57. Nº 1. São Paulo: USP, 2014. p. 215-264.

_____. **Profetas, peregrinos e sobreviventes: discursos de três movimentos indígenas em Chiapas, México**. 2019. 248 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

MARCOS, Subcomandante Insurgente. **Relatos de el Viejo Antonio**. México: Centro de Información y Análisis de Chiapas, 1998.

MÁYNEZ, Pilar. **Lenguas y literaturas indígenas en el México Contemporáneo**. México: Instituto de Investigaciones Históricas-UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.historicas.unam.mx/publicaciones/publicadigital/libros/414/lenguas_literatura.html>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MÉXICO. Instituto Nacional de Estadística, Geografía e Informática. **Chiapas: Perfil Sociodemográfico**. XI Censo General de Población y Vivienda. Aguascalientes, 1992.

MIGNOLO, Walter. **El vuelco de la razón: Diferencia colonial y pensamiento fronterizo**. Buenos Aires: Del Signo, 2019.

NIGRI, Sarah Domingues da Rocha. **“¡Nunca Más un México sin Nosotros!”: Um estudo sobre as novas representações do indígena construídas pelo movimento zapatista mexicano**

(1994-1996). 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Política) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

NOLASCO ARMAS, Margarita. La antropología aplicada en México y su destino final: el indigenismo. In: WARMAN, A. [et. al.]. **De eso que llaman Antropología Mexicana**. Ciudad de México: Editorial Nuestro Tiempo, 1970. p. 66-93.

PRADO, Adonia Antunes. O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul. **Estudos Sociedade e Agricultura**. n. 20, abr. 2003, p. 144-174.

RECINOS, Adrián. **Popol Vuh**: las antiguas historias del Quiché traducidas del texto original com introducción y notas. 2ª ed., 23ª reimp. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. [1ª ed. 1947]

RICOEUR, Paul. A marca do passado. **História da historiografia**. Ouro Preto, n. 10, p. 329-349, dez. 2012.

_____. **Tempo e Narrativa** (Tomo I). Campinas: Papirus, 1994.

RÍOS GORDILLO, Carlos Alberto. La memoria rebelde: dimensiones de la contramemoria neozapatista. In: AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. **La dignidad rebelde**: el neozapatismo mexicano en 2015. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2015. p. 87-112.

ROBIN, Régine. **A Memória Saturada**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2016.

SIRINELLI, Jean-François. La historia política y cultural. **Sciences Humaines**, n. 15, sep.-oct. 1997, p. 157-164.

SKIDMORE, Thomas Elliot; SMITH, Peter Hopkinson. **Historia Contemporánea de América Latina**. ed. 2. Barcelona: Editorial Crítica, 1996.

SMITH, Peter Hopkinson. México, 1946-c. 1990. IN: BETHELL, Leslie (ed.) **Historia de América Latina**: México y el Caribe desde 1930. v. 13. Barcelona: Crítica, 1998. p. 84-150.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELÁZQUEZ, Dolores Camacho. **El Movimiento Zapatista y a Otra Democracia**: Expresión de las luchas de los 500 años en América Latina. 2011. 329 f. Tese (Doctorado en Estudios Latinoamericanos) – Faculdade de Filosofia y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México.

FONTES CITADAS (ordem cronológica):

EZLN. Primera Declaración de la Selva Lacandona. 01 jan. 1994. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: Nos hemos estado preparando en la montaña desde hace diez años. 04 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Sobre lo ocurrido a la Cruz Roja y a la prensa. 05 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Sobre el EZLN y las condiciones para el diálogo. 06 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Sobre la paz. 13 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. ¿De qué nos van a perdonar?. 18 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Conclusiones del juicio popular seguido en contra del prisionero de guerra de nombre Absalón Castellanos Domínguez, general de división del Ejército Federal Mexicano. 20 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. De pasamontañas y otras máscaras. 20 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Heroísmo cotidiano hace posible que existan los destellos. 26 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Chiapas: el sureste en dos vientos, una tormenta y una profecía. 27 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Respuesta a Manuel Camacho. 31 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Sobre lo del reconocimiento al EZLN como “fuerza política en formación”. 31 jan. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Al Consejo 500 Años de Resistencia Indígena: que nuestros corazones junten sus pasos. 01 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Entrevista con La Jornada. CCRI-CG: Hay en nosotros un solo rostro y un solo pensamiento. Nuestra palabra camina con verdad. 03 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Entrevista con La Jornada. Subcomandante Marcos: lo decisivo en una guerra no es el enfrentamiento militar, sino la política que se pone en juego en ese enfrentamiento. 04 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. A la Coordinadora Nacional de Pueblos Indios: unimos nuestra fuerza y nuestro pensamiento. 08 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. A la Coordinadora Nacional Plan de Ayala: habremos de cambiar completamente el sistema agrario de explotación y desprecio. 08 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. A CONAC-LN: el primer golpe a los muros sordos de los que todo tienen. 14 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. La realidad de la zona de la selva de Chiapas. 16 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 25 mar. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: Llevamos esperando 500 años, dicen los compañeros. Podemos esperar otros 500. 21 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Conferencia de prensa: una cosa es el diálogo y otra es la negociación. 26 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Al pueblo de México: hablaron los hombres verdaderos, los sin rostro, Mandar obedeciendo. 26 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Conferencia de prensa: que mande no por mandar, sino mande obedeciendo. 28 fev. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Al pueblo de México: las demandas del EZLN. 01 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Al pueblo de México: el diálogo de San Cristóbal fue verdadero. 01 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: la guerra queda conjurada por la presión que haga la sociedad civil de todo el país para que se cumplan los acuerdos. El problema surgirá si la sociedad civil se agota, se cansa, se desinfla... 03 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Comandanta Ramona y Mayor Ana María: las demandas son las mismas de siempre: justicia, tierras, trabajo, educación e igualdad para las mujeres. 07 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Sobre apoyo jurídico de Conac-LN. 15 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: Tenemos un territorio controlado con nuestras unidades distribuidas y ejercemos el gobierno en éste a través del CCRI. 15 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: ya no es tan lejano que sea posible un cambio democrático. 18 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Sobre el asesinato de Colosio: Ellos... Por qué tuvieron que hacer eso. 24 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 27 mar. 2019.

EZLN. Sobre el asesinato de Colosio: El EZLN sabe que el artero crimen es sólo el preludio de una gran ofensiva militar del gobierno federal. 24 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Sobre el asesinato de Colosio: La situación actual en nuestro país obliga al CCRI-CG del EZLN a dar por terminada su política de apertura total e indiscriminada a los medios de información. 24 mar. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. El mal gobierno pretende cubrir su arbitrariedad con detenciones indiscriminadas. 07 abr. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Votán Zapata. 10 abr. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Sobre el asesinato de Francisco Mena. 11 abr. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Sobre una propuesta de organizaciones indígenas: devolver a los habitantes originales de nuestra patria su derecho a gobernar y gobernarse. 11 abr. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: Sobre los jóvenes. 16 abr. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Primero de Mayo: trabajadores del campo y de la ciudad celebran su rebeldía contra la explotación. 01 mai. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. El Viejo Antonio: “En la montaña nace la fuerza, pero no se ve hasta que llega abajo”. 28 mai. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. El CCRI-CG del EZLN ha terminado ya la consulta en todos los poblados que lo forman y apoyan. 28 mai. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Carta a Voz Pública: este país tiene mucho que aprender de sí mismo. 02 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 01 abr. 2019.

EZLN. Sobre la consulta: para todos todo, nada para nosotros. 10 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Replica a las propuestas del gobierno. 10 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Segunda Declaración de la Selva Lacandona. 10 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Los zapatistas no se rinden. 10 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Discurso sobre la convención: si a ustedes los sorprendió el primero de enero, a nosotros nos sorprende el 12 de enero. 14 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: sobre la Segunda Declaración de la Selva Lacandona. 21 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Presentación o prólogo a los comunicados. 28 jun. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. A la Convención Democrática Estatal de Chiapas: El objetivo de la Convención Nacional Democrática es organizar la expresión civil de esa lucha por el cambio democrático en México. 01 jul. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. P.D. que delata lo que en realidad esconde “Aguascalientes”. 03 ago. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Conferencia de Prensa: El Ejército Zapatista no ha ofertado nunca entregar las armas. Lo que ha ofertado el Ejército Zapatista es dejsar el espacio para un tránsito pacífico. 09 ago. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Sobre las elecciones: El EZLN ordena sus tropas no realizar acción armada ofensiva. 18 ago. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Si las elecciones fueron lo ‘limpias’ y ‘transparentes’ que dicen, ¿por qué tanta preocupación de los federales por los movimientos zapatistas? ¿Por qué tanta insistencia en los medios de comunicación oficiales en la ‘legalidad’ de las elecciones? 24 ago. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. El viejo Antonio cazó un león de montaña... 24 ago. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La larga travesía del dolor a la esperanza. 22 set. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Poema en dos tiempos. 22 set. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Mensaje por el aniversario de la masacre del 2 de Octubre. 29 set. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Sobre la presidencia de la CND. 06 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Sobre el programa de lucha de la CND. 06 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La historia de la noche y las estrellas. 06 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Palabras del Comandante Tacho sobre el trabajo político. 14 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Palabras del Mayor Moisés: la historia del ejército zapatista es lo que hacemos. 14 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La historia de los colores. 27 out. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. CCRI-CG retira a la Comisión Jurídica de la Conac-LN el papel de representante legal del EZLN. 02 nov. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Propuestas a la segunda sesión de la CND. 02 nov. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La historia de las nubes y la lluvia. 02 nov. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Reunión con Cuauhtémoc Cárdenas. 09 nov. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Desconocimiento del próximo titular priista del Ejecutivo estatal en Chiapas. Reconocimiento de Amado Avendaño como gobernador constitucional del Estado. 06 dez. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Subcomandante Marcos: nosotros insistimos en que el diálogo, en caso de que llegue a darse, tiene que ser de cara a la nación y debe haber testigos. 07 dez. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Campaña militar Paz con Justicia y Dignidad. 08 dez. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La historia de las preguntas. 13 dez. 1994. Disponible em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acceso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Creación de Municipios Autónomos. 19 dez. 1994. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Comandante Javier. Hay posibilidades de sentarse a un nuevo diálogo con las condiciones zapatistas: que haya cumplimiento y no sólo palabras. 21 dez. 1994. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

EZLN. La historia de las palabras. 30 dez. 1994. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 03 abr. 2019.

EZLN. Respuesta al ultimátum del señor Ernesto Zedillo dado el día 5 de febrero de 1995. 09 mar. 1995. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

EZLN. Carta a Zedillo: usted señor Zedillo cree que matando indígenas y otros luchadores de nuestra patria va a poder acabar con el zapatismo. 10 mar. 1995. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

EZLN. Cuarta Declaración de la Selva Lacandona. 01 jan. 1996. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 17 abr. 2019.

EZLN. Sobre la masacre de Acteal: ¿Por qué?. 22 dez. 1997. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 08 mai. 2019.

EZLN. Discurso de la Comandanta Esther en la tribuna del Congreso de la Unión. 28 mar. 2001. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. La reforma constitucional aprobada en el Congreso de la Unión no responde en absoluto a las demandas de los pueblos indios de México. 29 abr. 2001. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Primera parte: un caracol. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Segunda parte: una muerte. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Tercera parte: un nombre. La historia del sostenedor del cielo. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Cuarta parte: un plan. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Quinta parte: una historia. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Sexta parte: un buen gobierno. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Chiapas: la treceava estela. Séptima y última parte: una posdata. 21 jul. 2003. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

EZLN. Finaliza reorganización político-militar del EZLN. 20 jun 2005. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

EZLN. Sexta Declaración de la Selva Lacandona. 30 jun. 2005. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

EZLN. Nuevos espacios en internet e informe. 25 nov. 2005. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

EZLN. Fechas y otras cosas para la escuelita zapatista. 17 mar. 2013. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

EZLN. ENTRE LA LUZ Y LA SOMBRA. 25 mai. 2014. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 19 mai. 2019.

EZLN. LLEGÓ LA HORA. CNI / EZLN. 28 mai. 2017. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

EZLN. CONVOCATORIA AL SIGUIENTE PASO EN LA LUCHA. 16 mar. 2018. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

EZLN. 300. Primera parte: UNA FINCA, UN MUNDO, UNA GUERRA, POCAS PROBABILIDADES. Subcomandante Insurgente Moisés, SupGaleano. 20 ago. 2018. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

EZLN. 300. Segunda parte: UN CONTINENTE COMO PATIO TRASERO, UN PAÍS COMO CEMENTERIO, UN PENSAMIENTO COMO PROGRAMA DE GOBIERNO, Y UNA PEQUEÑA, MUY PEQUEÑA, PEQUEÑÍSIMA REBELDÍA. Subcomandante Insurgente Moisés, SupGaleano. 21 ago. 2018. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

EZLN. 300. Tercera y última parte: UN DESAFÍO, UNA AUTONOMÍA REAL, UNA RESPUESTA, VARIAS PROPUESTAS, Y ALGUNAS ANÉDOCTAS SOBRE EL NÚMERO “300”. Subcomandante Insurgente Moisés, SupGaleano. 22 ago. 2018. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

EZLN. Comunicado del CCRI-CG del EZLN. Y rompimos el cerco. 17 ago. 2019. Disponível em: <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

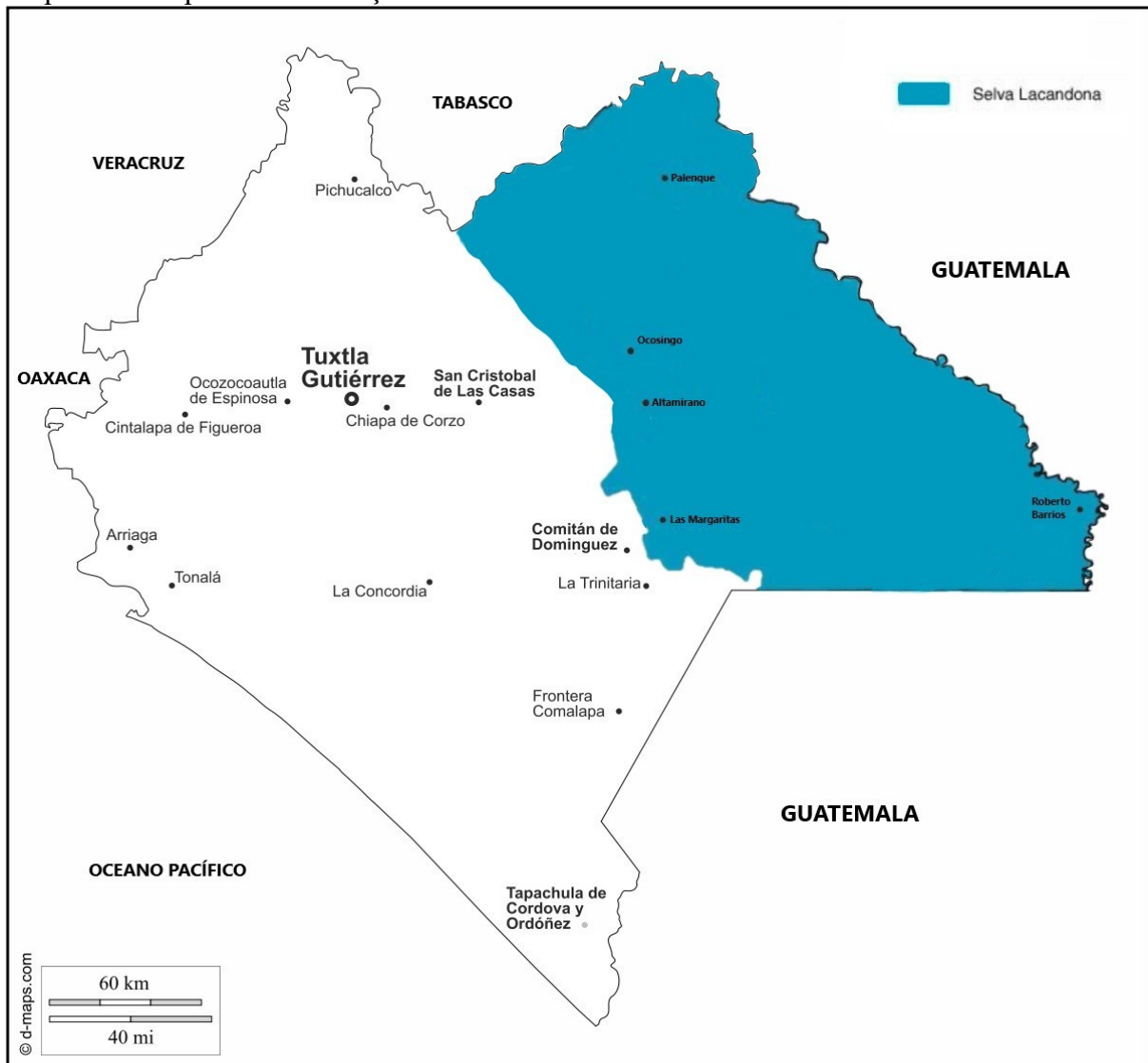
ANEXOS

Mapa 01: Localização do Estado de Chiapas



Fonte: <http://www.map-of-mexico.co.uk/espanola/mapa-de-chiapas.htm>

Mapa 02: Chiapas e a localização da Selva Lacandona



Fonte: https://d-maps.com/carte.php?num_car=24550&lang=pt (adaptado)